

Em que mundo estamos vivendo?

Reflexões sobre globalização,
neoliberalismo, indivíduo e sociedade

Eugenio Paes Campos



EDITORA
pontocom

Eugenio Paes Campos

Em que mundo estamos vivendo?

Reflexões sobre globalização,
neoliberalismo, indivíduo e sociedade

Prefácio de Sandra Pimentel

Copyright © 2017 Eugenio Paes Campos
Direitos adquiridos para esta edição
pela Editora Pontocom

Preparação: Sérgio Holanda
Revisão e diagramação: André Gattaz
Ilustração da capa: ©Rdonar | Dreamstime.com

Editora Pontocom

Conselho Editorial

José Carlos Sebe Bom Meihy

Muniz Ferreira

Pablo Iglesias Magalhães

Zeila de Brito Fabri Demartini

Zilda Márcia Grícoli Iokoi

Coordenação editorial

André Gattaz

www.editorapontocom.com.br

CATALOGAÇÃO NA FONTE (CIP)

C198 Campos, Eugenio Paes

Em que mundo estamos vivendo? Reflexões sobre globalização, neoliberalismo, indivíduo e sociedade / Eugenio Paes Campos — São Paulo: Pontocom, 2017.

Prefácio de Sandra Pimentel

166p.:

ISBN 978-85-66048-89-6

1. Psicologia. 2. Sociologia. 3. Mundo contemporâneo. I. Título.

CDU 316.6

Sumário

Prefácio	11
Apresentação	17
I. Artigos publicados e palestras proferidas	
1. A Era da Globalização e a redescoberta do indivíduo como resgate da saúde	23
A Era da Globalização	23
A redescoberta do indivíduo como resgate da saúde	30
2. Mudanças sociais e repercussões no trabalho	35
O mundo da velocidade e das mudanças	35
As mudanças e suas repercussões no trabalho	36
Consequências sociais	37
Saúde x trabalho, hoje	38
O indivíduo em busca de si mesmo	40
3. Sociedade e Estresse	43
Estresse: um “funcionamento ético”	43
Modernidade: a ideologia do lucro	45
4. Psicossomática do amanhã	53
5. O futuro da Psicossomática	63
Introdução	63
Mundo de transição e perplexidade	63
Mundo de contradições e inquietações	65
O homem de amanhã	66
O futuro da psicossomática	66
6. Comunicação e saúde no século da informação	69
Comunicação e saúde no século da informação	70
Saúde no mundo globalizado	72

Biotecnologia no mundo globalizado	73
Para refletir	74

II Reflexões provocadas por observações registradas ou experiências vividas

7. O ponto de partida: a situação atual do mundo ocidental	77
8. Temas para reflexão	79
A solução é acabar com a tecnologia?	79
Competitividade e ética	80
A ciência a serviço de quê?	82
De qual liberdade estamos falando?	84
Individualidade e individualismo são diferentes?	87
O processo de socialização e o mundo que muda a cada instante	89
O mundo de hoje e suas repercussões sobre profissionais de saúde e seus clientes	92
Educação pública ou privada?	94
Governar é preciso!	95
O que dizem as ruas?	97
A ditadura do capitalismo	98
Onde está o dinheiro?	100
O que queremos “dizer” com nossa agressividade?	102
Aonde vamos com tanta pressa?	104
Estou conectado	105
9. O exercício de pensar	105
Aprendendo a pensar	107
Entre a razão e a emoção	110
Conscientização ou reflexão?	112
10. Possíveis caminhos	115
Começar é preciso!	115
Uma andorinha só não faz verão!	116

Você está satisfeito com a vida que se leva hoje?	117
Para um Brasil próspero e livre da miséria	122
Liberalismo econômico e bem-estar social são possíveis?	125
Sem dinheiro, é possível uma boa ambiência?	127
O desafio de “remar contra a maré”	128
Reclamar da vida ou dela usufruir?	130
O que fazer com nossos impulsos?	132
Quem cuidará de nós?	133
Colocar-se no lugar do outro	135
Economia e vida	136
11.Devaneios	141
Você já foi convidado para viver em Marte?	141
Entre sonhos e pesadelos...	142
III. Livros que contribuíram para minhas reflexões	
Explicação	147
O choque do futuro	148
A crise do capitalismo	149
Nossa comunidade global	150
Globalização: as consequências humanas	152
Saber cuidar	153
A globalização e seus malefícios	154
O horror econômico	155
A armadilha da globalização: o assalto à democracia e ao bem-estar social	156
Sociedade justa	157
A arte de reduzir as cabeças	159
Era dos extremos	160
A sociedade da decepção	161
Referências bibliográficas	165

Agradecimentos

Agradeço aos amigos Adriana Chaves, Adriana Fonte, Carla Macedo, Carlos Leal, Edenise Antas, Eliane Caldas, Elisabete Eiras, Elisangela Fontes, Flávio Morgado, Joaquim Rosa, Lia Selig, Lúcia Boaventura, Lúcia Brandão, Lúcia Helena Cunha, Luiz Guilherme Nascimento, Nilo Torturella, Regina Cévoló, Regina Meireles, Ricardo Parodi, Sania Motta, Savio Santos, Stela Filgueiras, Verônica Albuquerque, Ynara Lima, que se dispuseram a ler e comentar algumas das reflexões que lhes enviei. Embora a responsabilidade final seja exclusivamente minha, muitas delas foram, certamente, enriquecidas com os comentários feitos. A todos, minha gratidão.

A Sandra Pimentel, meu reconhecimento e carinho pelo modo disponível, dedicado e competente com que revisou os textos e deu-lhes uma forma digna de serem publicados.

Prefácio

Sandra Pimentel

Poetiza; Mestre em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ e em Literatura Comparada pela Universidade de Paris; membro da Academia Teresopolitana de Letras.

Instigante livro! Um desafio perante a sociedade contemporânea! Uma incitação ao abandono da confortável zona de bem-estar, originada da lógica pós-moderna, messiânica, salvaçãoista, falaciosa, hedonista, fruto dos binômios: ciência e técnica; economia e lucro. Se, para alguns, a tecnociência representa as delícias dos jardins suspensos de Nabucodonosor, a prosperidade das minas do rei Salomão, para muitos outros não passa de uma bela donzela que dissimula a Medusa que, meio a um jogo de sedução e morte, petrifica, coisifica, des-sensibiliza.

Doutor em Psicologia Médica e Cardiologista, Eugenio Paes Campos analisa os efeitos sociais causados pela globalização, pelo neoliberalismo, nesta sociedade pós-moderna, cuja ideologia se baseia em promessas individualistas de felicidade no lucrar e no consumir. Felicidade mensurável na aquisição de signos visíveis, no consumo, tanto de informações quanto de bens e serviços mercadológicos. Trabalhar para lucrar, lucrar para produzir, produzir para consumir... E trabalhar mais... E, competitivamente, para consumir mais. Sofreguidão de seres que muito produzem; ambição de seres que muito consomem... e, neste voraz sorvedouro capitalista, individualista, seres que, em solidão existencial, experimentam a fragmentação do próprio eu em um "*self*-objeto" que lhes serve de

compensação pelas diversas carências: de cuidados, de vínculos afetivos, de amorosidade, de *"holding"*.

"A preocupação com a sobrevivência e com o bem-estar pessoal, aliada à pressão pela 'necessidade' de competir no mercado de trabalho por 'um lugar ao sol' (que garanta o consumo do fantástico e sedutor volume de bens e de informações oferecido), leva à exaustão de alguns setores da atividade humana - o cultural, o educacional, o social e o político - e, ainda, à perda dos referenciais coletivos, societários."

Então, em voraz balcão de negócios, emocionalmente mutilados, desumanizados – relegando ao último plano o exercício do compartilhamento, das trocas amorosas, do cuidado com os semelhantes e com a natureza –, os "valores confundem-se, a identidade perturba-se, o estresse é grande, a perplexidade é total. Os vínculos se rompem. A individualidade se perde". As constantes e velozes mudanças desafiam a capacidade humana de adaptação e muito contribuem para que cada pessoa sofra a ruptura dos seus liames sociais.

Eugenio Paes Campos, no desenrolar da obra, vai dialogando com o leitor, conduzindo-o, não raro, a profundas reflexões sobre o que, às elites, não se faz interessante revelar. Desvenda simulacros de uma sociedade espetacularizada que fabrica um hiper-real muito mais real que a realidade mesma. No altar, a mercadoria e o lucro; diante deles, de joelhos, o consumo alienante de pílulas de prazer. Em contextura com a sociedade hodierna, vale citar as palavras de Dostoiévski sobre a alienação do ser humano, porque estas correm parselhas com as reflexões de Paes Campos: "Deem-lhe todas as satisfações econômicas de maneira que não faça mais nada senão dormir, devorar pastéis e esforçar-se para prolongar a história universal; cumulem-no de todos os bens da terra e mergulhem-no em

felicidade até a raiz dos cabelos: à superfície de tal felicidade, como à tona de água, virão rebentar bolhas pequeninas.”

Movido pelo “cuidar”, preocupando-se com a integralidade, “visto que o ser humano se constitui numa unidade indissociável e composta por um corpo físico, por uma subjetividade pessoal e singular e por um contexto histórico e social em que se insere”, o autor debruça-se sobre os princípios e o futuro da psicossomática. Se os seres humanos são, de per si, únicos, ao mesmo tempo são interdependentes, necessitam da interação com os outros e com o ambiente circundante e, também, são carentes de vínculos, a saber, de suportes sociais que lhes aumentem a resistência às doenças, ao estresse.

Em sua concepção humanística, adverte o autor: “Diante deste quadro, a tarefa do profissional de saúde é atuar da seguinte forma: fomentar relações suportivas com seus clientes e com a própria equipe de saúde; redescobrir a individualidade por meio do encontro interpessoal e, assim, resgatar a saúde biopsicossocial.”

Eticamente compromissado, o autor adverte que à sociedade atual, para que funcione harmonicamente, faltam-lhe normas regulatórias, não predatórias, que visem à justiça coletiva, a uma equânime distribuição de renda. A atitude de preocupar-se com o semelhante e dele cuidar é, para Paes Campos, a essência, a força motriz do que se entende por ética:

“A sociedade para sobreviver precisa funcionar coesa-mente. Mas o homem, cada homem, quer ser livre para viver. E livres agora somos. Todavia, não basta que sejamos livres. As células cancerígenas também são livres. E acabam roubando a liberdade de todos e, também, a delas próprias. Se alguns homens crescerem exageradamente, outros, muitos outros, fenecerão. Mais cedo ou mais tarde, todo o organismo social morrerá. A natureza

nos dá a lição: um organismo sobrevive quando suas partes conseguem conviver, interagir, 'funcionar eticamente'. E, também, quando o poder é compartilhado e quando a liberdade e o acesso aos bens são de todos."

O autor conduz-nos a uma séria reflexão sobre inúmeros aspectos da vida contemporânea e, vigilante, lança indagações sobre a sociedade do amanhã. Não critica com radicalismo, faz-nos ver a existência de inúmeras vantagens oriundas da tecnologia, da ciência. Entretanto, analisa as manipulações, os falsos e velozes discursos em que a liberdade, em vez de unir, de estabelecer a coesão e o respeito entre os homens, passa a servir à fragmentação, ao espírito de rivalidade, à reificação, numa espécie de delírio em que o homem se divorcia dele mesmo, dos outros homens e da natureza. Em suma, ironicamente, no *show* midiático, cibernético da vida, vende-se o simulacro e exaltam-se o livre mercado, a livre concorrência, o livre comércio, a livre iniciativa privada e seus congêneres.

"A solução? Difícil! Até porque muitas conquistas do conhecimento e da tecnologia nos têm sido úteis. Impossível negá-las. Seria contrassenso um 'retorno ao passado'. Mas algo precisa mudar." E o autor, perplexo diante do fluxo de variações pelas quais o homem está passando, e frente à incerteza do futuro, indaga: "Como ficarão os relacionamentos afetivos? E o ato de cuidar?" "E a ética, enquanto preocupação com a integridade do outro, sobreviverá?" "Mas como ficará a mente? E a consciência? Como ficarão os sentimentos? E os desejos? E os ideais? E o amor e o ódio? E a contemplação e a solidariedade?" E, culminando, se o objeto da psicossomática é o homem em integração com os semelhantes e com o meio-ambiente, o autor chega até a interrogar se ela resistirá ou se desaparecerá.

Impossível ler esta obra sem se modificar, sem rever conceitos e atitudes. Paes Campos faz irromper no leitor uma miríade de questionamentos diante de uma incógnita estrada

a ser percorrida pela humanidade, visto que a esta cabe tecer o porvir, o amanhã.

Mas o autor não perde a esperança, empenha-se por uma sociedade de seres interdependentes, altruístas, cuidadosos, dignos, amorosos, éticos. Apostar neste homem integral é apostar na vitória do humano, logo, é apostar na poesia que deve permear a existência – o que evoca João Cabral de Melo Neto:

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.*

Um amanhã... Consoante o desejo de Paes Campos, novos rumos poderão ser trilhados pelo homem integral.

Um amanhã... Cuidadosamente aninhado em liberdade-compaixão-união.

Apresentação

Convido-o, caro leitor, a trilhar os caminhos que me conduziram a este livro. Formei-me em Medicina em 1965, e dediquei-me à Cardiologia. Logo fui percebendo, no corpo – em particular, no coração –, os efeitos dos aspectos psicológicos, da subjetividade. Assim, dedicando-me à observação e à análise de tais repercussões, passei a interessar-me pela psicossomática e seus mecanismos. Para a compreensão destes, pareceu-me fundamental estudar o conceito de estresse e, ao fazê-lo, percebi que seu principal componente é o ambiente social. Desde então, procurei alargar minha compreensão sobre as causas e consequências das mudanças sociais e, em especial, sobre os efeitos da globalização e do neoliberalismo no corpo e na mente, isto é, na vida das pessoas. Neste percurso, nestes anos de estudo, proferi palestras e escrevi vários artigos sobre o tema e, dentre eles, selecionei seis para inserir aqui. Para tentar espelhar o desenvolvimento das ideias no decorrer do tempo, mantive tais textos na íntegra, mesmo que incorrendo em algumas repetições.

Em síntese, pode-se afirmar que o século XX foi marcado pela velocidade, por inúmeras transições e pela perplexidade diante do fantástico avanço do conhecimento e da tecnologia, fato que propiciou um vertiginoso crescimento de bens e informações, além de sua mais rápida veiculação mediante modernos meios de comunicação e transportes.

A “Era da Globalização”, caracterizada pela “mundialização” de bens e informações, ao atingir praticamente todos os recantos da Terra ao mesmo tempo, estimula o consumo desses bens e dessas informações e a competitividade em torno da

sua produção. Caracteriza-se, também, pela facilidade de circulação do capital e de sua concentração nas mãos de grandes empresas e instituições financeiras o que, associado à queda do comunismo e ao fim da Guerra Fria, marca a emergência do Neoliberalismo como ideologia dominante.

O mundo transformou-se num imenso balcão de negócios, pressionado por empresas necessitadas e sequiosas de expandir, além-fronteiras, sua busca de maior produtividade e lucratividade. Ao lado disso e ao mesmo tempo, os projetos nacionais viram-se – e veem-se – drasticamente atingidos pela globalização. Dispondo de conhecimento, tecnologia e capital, as empresas passaram a forçar os governos no sentido de privatizar, desestatizar e desregulamentar a economia, reduzindo as garantias sociais, privilegiando a livre iniciativa e promovendo ampla abertura de mercados. Tais são os princípios do neoliberalismo.

Os empregos públicos reduziram-se, pelo “enxugamento” do Estado que se consubstancia na privatização das empresas públicas, incluindo-se, nestas, até as produtivas e lucrativas. As chamadas indústrias pesadas, com grandes contingentes de mão de obra, são transferidas para países ou regiões em que se praticam políticas de baixos salários, promovendo nivelamento “por baixo” dos níveis salariais. A concentração de poder ocorre em torno dos que detêm a tecnologia, visto que esta gera capital, e que este, por sua vez, gera tecnologia.

Embora haja consequências positivas oriundas dessas mudanças, minha preocupação é sinalizar suas repercussões na saúde e na vida das pessoas, considerando a “exaustão existencial” provocada pelo imenso esforço adaptativo a que estão submetidas. Tais imposições refletem-se na perda dos referenciais coletivos, societários e no “bombardeio” que sofrem ao serem premidas pela “necessidade” de consumir – sendo levadas, compulsoriamente, à competição, ao imediatismo e ao individualismo.

A velocidade das mudanças põe à prova a capacidade humana de adaptação, ao mesmo tempo em que contribui para a ruptura dos vínculos (ou suportes sociais) de cada pessoa. De minha parte, defendo que é exatamente pelos vínculos que o indivíduo tem a oportunidade de se reestruturar. No entanto, a ideologia do lucro acaba por afastar os indivíduos uns dos outros, aluindo fortemente o senso de ética coletiva e tornando a exploração, a mentira, a corrupção, “naturais” à realização dos desejos materiais.

Este é o pano de fundo que me levou – fustigado pelos conhecimentos advindos das leituras que proporcionaram o surgimento dos citados artigos e preleções e, ainda, atingido diretamente pelas consequências do ambiente social em que estamos inseridos – a pensar de forma livre, especulativa, reflexiva sobre o mundo em que estamos vivendo e como a ele estamos reagindo. A consequência foi a elaboração de uma série de textos reflexivos, escritos livremente, cujas temáticas, baseadas em observações pessoais e em experiências vividas, buscam estabelecer o nexos entre a organização social na qual estamos imersos, e o modo pessoal como somos por ela influenciados e a ela reagimos. Tais textos também objetivam provocar o debate sobre a sociedade humana e os modos como cada um de nós vive em meio a um bombardeio de fantásticas e inevitáveis repercussões.

Este livro, portanto, não é um manual técnico, mas um espaço de reflexão sobre a sociedade de hoje e suas consequências no cotidiano das pessoas. Espero que você, leitor, veja-se identificado nestas linhas e participe, comigo, deste exercício de pensar, que pode nos trazer subsídios para um melhor enfrentamento dos impactos que a Globalização e o Neoliberalismo têm em nossas vidas. E desejo que, ao nos fortalecermos com tal defrontação, seja-nos devolvida a esperança de construirmos um mundo que, além de mais informado e instrumentalizado tecnologicamente, seja mais fraterno e solidário, mais amoroso e ético.

I
Artigos publicados
e palestras proferidas

1

A Era da Globalização e a redescoberta do indivíduo como resgate da saúde*

A Era da Globalização

O mundo de hoje

O século XX deixará sua marca na História como o século da velocidade e das mudanças. Nos últimos 100 anos, registraram-se fantásticos avanços do conhecimento e da produção tecnológica que, por seu turno, propiciaram, dentre outras consequências, um vertiginoso crescimento de bens e informações, e um acentuado aprimoramento dos meios de comunicação e de transportes.

A quantidade total de bens e serviços aumenta exponencialmente, sendo oferecida em tempo cada vez mais curto e para distâncias cada vez mais longas, atingindo praticamente todos os recantos da Terra ao mesmo tempo. Torna-se apropriado, então, falar de “Era da Globalização”. As comunicações e os transportes rompem as fronteiras de cada país, de cada região, “mundializando” as informações e os bens a serem consumidos. Os negócios internacionalizam-se e a competitividade alcança escala mundial. O capitalismo afirma-se como ideologia dominante, realçando o interesse pelo capital e pelo lucro, obtido da geração/comercialização de bens e serviços a

* Adaptado do artigo: CAMPOS, Eugenio Paes. A era da globalização e a redescoberta do indivíduo como resgate da saúde. *Folha Médica*. Rio de Janeiro, v. 115, nº 2, p. 149-153, 1997.

partir de iniciativas pessoais: livre empresa e propriedade privada.

Se em todas as épocas existiram movimentos coletivistas, também em todas as épocas despontaram os indivíduos que tinham, como objetivo final, o poder pessoal ou o de um grupo de elite. Assim, desde sempre e em resposta a tais objetivos, as relações sociais incorporaram o escravismo, o mercantilismo, o colonialismo, o imperialismo. A diferença, hoje, está na velocidade e na extensão do processo.

A tecnologia parece ter ampliado o “poder de fogo” desses indivíduos que, pelo domínio do capital, da informação, das comunicações e dos transportes, passaram a influenciar de maneira mais decisiva comunidades, nações, Estados e um número muito maior de pessoas. As grandes fábricas vão sendo substituídas por empresas detentoras do conhecimento tecnológico que, pela informática e eletrônica, sofisticam e ampliam a capacidade de geração e venda dos seus produtos, ao mesmo tempo reduzindo a mão de obra necessária para gerá-los e estendendo o número de potenciais consumidores. O poder tecnológico e o capital concentram-se, aglutinando-se em torno dessas companhias transnacionais, sediadas em alguns países que se afirmam como potências econômicas: Estados Unidos, Japão e Alemanha.

A organização política

O afluxo de bens e serviços, acelerado e internacionalizado pelos meios de comunicação e transporte, atinge os Governos, defrontando-os com projetos que envolvem números astronômicos. O volume de informações que chegam a cada governante e de decisões dele exigidas é inimaginável, tornando as ações superficiais e, muitas vezes, desarticuladas. A organização política, social e coletiva prejudica-se e a eficiência decresce.

Por sua vez, as grandes empresas, cujos negócios transcendem as fronteiras do país, intensificam os *lobbies* sobre os órgãos públicos, buscando leis e ações que as beneficiem. Sempre a serviço do capitalismo, as seduções do capital rompem as barreiras do interesse nacional, e as organizações transnacionais tais como o FMI, o BIRD (Banco Mundial) e a OMC (Organização Mundial do Comércio – antigo GATT) impõem as regras da economia. O mundo vê serem generalizados os princípios do neoliberalismo: desestatização – privatização – desregulamentação.

A sociedade como um todo é pressionada pelos meios de comunicação que “criam” a necessidade de consumir e empurram as pessoas para a competição, o imediatismo, a urgência de tempo e o individualismo.

Consequências sociais

Não obstante a quantidade e a sofisticação dos bens e serviços oferecidos ao consumo, a iniciativa individual (não moderada pela ação dos órgãos públicos) acaba concentrando a opulência e a abundância nas mãos de poucos, restando, à grande maioria, miséria, fome, analfabetismo, doenças, falta de saneamento e segurança. Segundo GALBRAITH (1996), nos Estados Unidos, em 1989, os 20% mais pobres detinham 5,7% da renda nacional, porquanto os 20% mais ricos detinham 55% dessa renda. Ainda, segundo ele, tais diferenças vêm-se acentuando.

Muitos países reduzem recursos destinados à previdência social e à saúde pública, mas isentam de impostos as empresas e injetam capital nos grandes bancos. As grandes cidades do mundo, verdadeiros santuários do capitalismo, veem crescer uma subclasse de indivíduos de comportamento agressivo, dependentes de drogas, membros de famílias desestruturadas, as quais não encontram recursos sociais mínimos

para tirá-los da marginalidade. Uma legião cada vez maior de migrantes (em busca do Eldorado) e de desempregados engrossa essa fileira, constituindo-se já no maior problema enfrentado pelos países desenvolvidos.

Exaustão existencial

A preocupação com a sobrevivência e com o bem-estar pessoal, aliada à pressão da necessidade de competir no mercado de trabalho por “um lugar ao sol” (que garanta o consumo do fantástico e sedutor volume de bens e de informações oferecido) levam à exaustão de setores da atividade humana – o cultural, o educacional, o social e o político – e, ainda, à perda dos referenciais coletivos, societários. Os governos, por outro lado, cedem às pressões dos grandes grupos e privatizam o próprio Estado, acentuando o descrédito do povo em relação aos seus governantes e diminuindo a visão do interesse comum, solidário. Nos países desenvolvidos, é flagrante o descrédito no que se refere à política, fato inclusive observado e constatado pelo número menor dos militantes de cada partido e dos votantes que comparecem às eleições representativas.

Outros “indicadores” da exaustão existencial são:

- a “banalização” da cultura, “mesmice” cultural;
- o baixo aproveitamento do ensino em todos os níveis;
- a evasão escolar acentuada;
- o desinteresse pelas causas sociais: clubes, sindicatos, associações de bairros.

A palavra vai sendo substituída pela imagem, por ícones, e observa-se um desprestígio do discurso e do diálogo, da semântica e da sintaxe. As religiões tradicionais são atingidas e substituídas por uma diversidade de seitas que buscam resgatar a capacidade de crer. A família perde suas características de estabilidade e tamanho, sofrendo as mais diversas variáveis,

chegando àquela cujos membros preferem viver sozinhos (à margem da família tradicional). Todos esses fatos expressam o esmaecimento das forças coletivas, sociais, que mantêm e estimulam a coesão e solidariedade entre as pessoas.

As pessoas

Bombardeadas pelo fantástico e sedutor volume de bens, serviços e informações – “entregues” em domicílio (televisão, internet) ou à disposição por meio de transportes muito rápidos –, as pessoas esforçam-se para corresponder aos apelos e, então, correm... correm... mas parece que não chegam a lugar algum. Os valores confundem-se, a identidade perturba-se, o estresse é grande, a perplexidade é total. Os vínculos se rompem. A individualidade se perde.

O outro lado da moeda

A par de tudo isso até aqui ventilado (é importante não escamotear tais aspectos por serem necessários ao enfrentamento da realidade), acontecem algumas coisas capazes de acender uma perspectiva otimista para a condição humana. Positiva é a constatação da ampliação da liberdade individual que propicia uma melhor escolha de caminhos próprios e alternativos, respeitando-se e estimulando-se a singularidade, a peculiaridade, o direito de cada um ser como é.

Mas devemos, ainda, considerar outros aspectos em que encontramos motivos para uma visão otimista:

- Alto grau de conhecimento adquirido

Jamais o Homem soube tanto acerca de si mesmo e do mundo que o rodeia. Chegou-se ao ponto – como se nada mais houvesse a conhecer – de se falar em “fim da ciência”.

- Conforto material: aumento da expectativa de vida

É inquestionável o conforto material que hoje põe-se à disposição das pessoas. A expectativa de vida cresce e, com isso, mais e mais atenção dá-se à Terceira Idade.

- Cabana eletrônica

O termo usado por TOFFLER (1980) refere-se ao número cada vez maior de pessoas trabalhando em casa. Lançando mão de recursos tecnológicos como a informatização e a comunicação interativa, essas pessoas passam a exercer seu trabalho na própria casa, gerando, confeccionando, anunciando e vendendo seus produtos. O ambiente de trabalho que por milhares de anos era no campo, depois na fábrica ou escritório, agora passa à residência. Embora os transportes sejam muito rápidos, as pessoas começam a se deslocar mais virtualmente. Isto acontece com vendedores, arquitetos, consultores, professores, negociantes de arte, agentes de seguros e viagens, orientadores de investimento, advogados, pesquisadores acadêmicos, profissionais de comunicação, gráficos, manufactureiros de peças leves, artesãos, livreiros etc. O trabalho partilhado em casa pode ser benéfico em muitos aspectos: o convívio e coesão familiar; a diminuição de custos; a diminuição da poluição; o aumento do tempo disponível; a dispersão dos grandes centros comerciais e industriais.

- Poluição

Embora a poluição continue uma ameaça, há, em contrapartida, um desenvolvimento da consciência ecológica e, com esta, aumenta-se a possibilidade de identificar danos e apontar responsáveis.

- Empresas

As empresas e as elites, embora continuem visando prioritariamente ao lucro e à concentração de poder, veem-se na necessidade de se envolverem em questões sociais, educacionais

e psicológicas, tanto nas dos seus consumidores quanto nas dos seus trabalhadores. Tal envolvimento faz-se obrigatório, tendo em vista as seguintes situações: a rápida divulgação das informações; a personalização dos produtos; a acentuada competição que exige trabalhadores mais qualificados, versáteis, criativos, capazes de tomar iniciativas e de interagir com outras pessoas.

- Fontes de energia

Até agora o mundo vem gerando energia a partir de fontes combustíveis como o carvão e o petróleo, porém os problemas ambientais decorrentes de seu uso têm motivado a procura de fontes alternativas, renováveis e não poluentes de energia, tais como energia eólica, solar e das marés, combustíveis renováveis como etanol ou gases como hidrogênio ou metano.

- Ensino

Aumenta a tendência do ensino fora das salas de aula (educação à distância), propiciando o acesso de uma parcela maior da sociedade à Educação. Por meio do computador, smartphones, e televisão, cresce a possibilidade de o indivíduo aprender mais sobre mais coisas sem necessidade de sair de casa, o que reduz custos e estresse com transporte, além de reduzir a perda de tempo.

- Retorno ao natural

Tal retorno dá-se pelo incentivo ao consumo de alimentos naturais, pela valorização da amamentação ao seio e pela procura cada vez maior de caminhadas e férias no campo.

Os contrastes

A globalização, ao lado de promover homogeneizações (ex: Coca-Cola, McDonald's, *shopping-centers*), revelou, também, diversidades e desigualdades. De forma dialética, contraditória,

paradoxal, mundializou e regionalizou ao mesmo tempo, provocando movimentos de fragmentação e de integração. Assim, rompem-se as estruturas, os vínculos, os arranjos estabelecidos, mas instaura-se a necessidade de fazer interagir esses “pedaços”. Surgem as polifunções, as parcerias, os holismos. Há necessidade de conviver com as diferenças e, de algum modo, interligá-las. Há que captar e entender os desejos de cada um.

A redescoberta do indivíduo como resgate da saúde

Suportes sociais, estresse e doença

Em 1976, Sidney Cobb apontou, em trabalho publicado, que os suportes sociais agem como moderadores do estresse. Para o autor, suporte social é uma determinada forma de relacionamento que dá ao indivíduo um sentido de coesão e apoio para lidar com o estresse do ambiente. Ainda para o autor, grupos coesos são aqueles que funcionam de modo estável, mantidos por relações afetuosas, cujos membros sentem-se mutuamente apoiados e cuidados e comunicam-se de modo preciso e franco. Outros trabalhos – GROEN (1971), MC QUEEN e CELENTANO (1982), DRESSLER (2006), além dos citados por COBB (1976) com crianças amigdalectomizadas, pacientes cirúrgicos, tuberculosos, artríticos, deprimidos, coronariopatas, com insuficiência cardíaca – mostram que os suportes sociais aumentam a resistência à doença. O trabalho de Nuckolls e cols. (*apud* COBB, 1976) acompanhou 170 mulheres durante a gestação, correlacionando a quantidade de eventos estressantes por elas vividos e os suportes sociais de que dispunham com as complicações ocorridas.

INCIDÊNCIA DE COMPLICAÇÕES		
Escala de eventos estressantes	Escala de suportes sociais	
	Alta	Baixa
Alta	33%	91% (significante)
Baixa	39%	49% (não-significante)

Conclui-se que se não há estresse, o suporte social não importa; mas, se há estresse, ele faz a diferença!

A era da globalização, com seu formidável afluxo de mudanças sociais processadas a velocidades cada vez maiores, põe à prova a capacidade humana de adaptação ou de enfrentamento do estresse. Ao mesmo tempo, também contribui para a ruptura dos vínculos, dos suportes sociais de cada pessoa. No entanto, são exatamente estes vínculos que proporcionam ao indivíduo a oportunidade de se reestruturar e de se redescobrir.

“Holding” e “Self”

Se lançarmos mão de alguns conceitos psicodinâmicos, poderemos compreender melhor a correlação entre vínculos e individualidade. KOHUT (1984) conceitua *“self”* como a percepção (ou representação) que o indivíduo tem de si mesmo, e que lhe empresta um sentido de unidade e continuidade no tempo e no espaço.

Segundo WINNICOTT (1983), *“holding”* é o resultado dos cuidados que a mãe oferece ao bebê, cujas necessidades são por ela, empaticamente, percebidas e atendidas, dando-lhe amor por meio do cuidado físico. A criança, ao nascer, traz um potencial herdado que aponta para a continuidade de ser. Mas, para que essa continuidade aconteça do ponto de vista psicológico, torna-se necessário um suporte ambiental. É essencial o *“holding”*. O vínculo. A relação da criança com quem cuida dela (mãe).

Diríamos, em síntese, que a criança comunica suas necessidades. A mãe capta (entende) e atende (cuida). Dessa captação e desse cuidado, a criança vai estruturando seu “self”, como que internalizando o processo de comunicação e atendimento, no sentido de dar a si mesma o sentido de coerência e de consistência de ser. A estruturação do “self” propicia a formação do senso de individualidade. Do “holding” adequado emerge o “self” bem estruturado. Da “unidade simbiótica” surge o ser diferenciado e autônomo. Ocorre, entre mãe e criança, uma relação dialética de *conter X liberar*, de *acolher X remeter*, favorecendo o caminhar desde a dependência absoluta do bebê à independência do adulto.

Os adultos precisam de “holding”?

A considerar os trabalhos de COBB (1976) e de outros, sobre suportes sociais e à luz da análise do que ocorre no decurso do desenvolvimento da criança, os adultos também precisam de “holding”. Os grupos que funcionam coesamente oferecem suporte social aos seus integrantes por meio de relacionamentos constantes, afetuosos, propiciadores de cuidados mútuos e de comunicação precisa e franca, propiciando, desta forma, subsídios para que seus membros reestruturem seu “self”, sua individualidade. A coesão grupal funciona como “combustível” do “self”. O suporte social é uma função atenuada (e síntese) do que, em época remota, foi função primordial (e progressiva).

Administrando a perplexidade na busca do bem-estar

O “bombardeio” existencial a que se submetem as pessoas provoca a ruptura dos vínculos sociais e a ruptura da própria identidade. O indivíduo sai, então, em busca de si mesmo. E o faz, muitas vezes, por meio de comportamentos “aditivos”,

embarcando no estímulo ao consumo, agarrando-se às coisas como forma de se “completar”. É uma busca primitiva de um “*self-objeto*” que funcione como compensação dos cuidados (ou “*holding*”) que não teve ou perdeu. Outras vezes, a busca de si mesmo faz-se por adesão a seitas ou a condutas alternativas que, magicamente, restituam-lhe a “unidade simbiótica” perdida. Ou, simplesmente, interioriza-se, isola-se física e/ou psicologicamente do contato com os outros e com o mundo.

Para resgate da sua individualidade, entretanto, esse indivíduo precisa da possibilidade de restabelecer vínculos, de exercitar convívio suportivo, de encontrar pessoas com quem possa manter relações constantes, afetuosas, cuidadoras e empáticas. Diante deste quadro, espera-se do profissional de saúde: fomentar relações suportivas com seus clientes e com a própria equipe de saúde; redescobrir a individualidade por meio do encontro interpessoal e, assim, resgatar a saúde biopsicossocial.

2

Mudanças sociais e repercussões no trabalho*

O mundo da velocidade e das mudanças

O avanço do conhecimento humano, expresso pelo fantástico desenvolvimento da tecnologia, propiciou um vertiginoso crescimento de bens e informações colocados à disposição dos indivíduos, o que transformou o século XX no século da velocidade e das mudanças – velocidade que foi infundida pelo sofisticado e rápido aprimoramento dos meios de comunicação e de transporte, fazendo com que os fatos passassem a ser conhecidos em todos os recantos da Terra e em brevíssimo tempo.

A excessiva oferta de informações, de bens e de serviços a serem consumidos vem ocasionando mudanças sociais relevantes, ao pôr as pessoas, constantemente, frente a frente com os fatos novos que precisam ser velozmente “digeridos”. Obriga-as a entrar no mercado da competição, em busca do consumo de bens oferecidos, sob a pena de se verem “atropeladas” pelos acontecimentos. A competição, em escala mundial, ultrapassa as fronteiras regionais e de cada nação. O capitalismo afirma-se como ideologia dominante, realçando o lucro obtido da geração/comercialização de bens e serviços, a partir das iniciativas pessoais (livre empresa e propriedade privada).

* Adaptado do artigo: CAMPOS, Eugenio Paes. Mudanças sociais e repercussões no trabalho. *Revista Brasileira de Medicina Psicosomática*. Rio de Janeiro, v. 2, nº 4, p. 145-147, 1998.

Neste cenário, afloram e expandem-se as empresas transnacionais, sobretudo as sediadas em alguns países como Estados Unidos, Japão e Alemanha. Enquanto na década de 1970 cerca de 10.000 companhias tinham filiais fora do seu país sede, hoje este número chega próximo a 40.000, sendo que 90% delas encontram-se sediadas nos chamados países desenvolvidos. Muitas delas têm receitas maiores do que o PIB de países médios – como a Walmart, com receitas equivalentes ao PIB da Suécia, ou a Exxon, equivalente ao PIB do Chile. O acúmulo de tecnologia e de capital tende a se retroalimentar e aumentar a concentração de poder em torno de um número cada vez menor de indivíduos.

As mudanças e suas repercussões no trabalho

A queda do comunismo e o fim da Guerra Fria marcaram a emergência do Neoliberalismo como ideologia dominante. O mundo transformou-se num imenso balcão de negócios, permanentemente pressionado por grandes empresas necessitadas e sequiosas de expandir, em busca de maior produtividade e lucratividade, seus interesses além-fronteiras. Os projetos nacionais viram-se drasticamente atingidos pela globalização. Dispondo de conhecimento, tecnologia e capital, as empresas forçam os governos no sentido de desestatizar e desregular a economia, privilegiando a livre iniciativa e promovendo ampla abertura de mercados.

Os empregos públicos reduzem-se pelo “enxugamento” do Estado, consubstanciado na privatização de empresas públicas, mesmo que produtivas e lucrativas. As chamadas indústrias pesadas (com grandes contingentes de mão de obra) são transferidas para países (ou regiões) em que se adotam baixos salários, promovendo a distribuição “por baixo” dos níveis salariais.

A tecnologia substituiu o trabalho humano pelas máquinas, reduzindo a oferta de empregos e exigindo melhor qualificação dos trabalhadores. A redução da mão de obra faz-se devido à competitividade e à racionalização do processo de trabalho, forçando o empregado a aceitar menores salários, apesar de passar a exercer atividades laborativas mais intensas. A produção torna-se mais diversificada e personalizada, obrigando os trabalhadores a uma maior mobilidade e flexibilidade. Diminui drasticamente a oferta de empregos estáveis, ao mesmo tempo em que crescem as terceirizações e parcerias. O poder sindical, diante da ameaça de desemprego que ronda os trabalhadores, perde força de coesão e coerção, deixando-os à mercê de sua própria sorte.

Consequências sociais

As mudanças ocorridas no mundo e suas consequências nas relações de trabalho geram, inevitavelmente, repercussões sociais. A principal delas é o aumento do desemprego estrutural, ou seja, do número de pessoas que não conseguem trabalho.

Os países desenvolvidos e, particularmente, os da comunidade europeia, enfrentaram, em média, na década de 1990, níveis de desemprego da ordem de 11% maiores que os registrados na década de 1960, quando se encontravam no nível de 1.5% (HOBSBAWM, 1995). Em 1993, no discurso de abertura da 48ª Assembleia Anual do FMI/Banco Mundial, Michel Camdessus (diretor do FMI) apontou o desemprego como o maior problema a ser enfrentado pelos países industrializados e citou a existência de 32 milhões de pessoas sem emprego no mundo rico (IANNI, 1996).

As consequências fazem-se sentir, por um lado, pelo crescimento do mercado informal, pelo aumento do número de pessoas dependentes da previdência social e, também, das

que trabalham em casa, beneficiadas pela tecnologia do computador, fax, internet. Por outro lado, acentuam-se as desigualdades sociais – nos Estados Unidos, por exemplo, em 1989 os 20% mais ricos detinham 55% da renda; hoje, são apenas 10% a deterem metade da riqueza do país.

Observa-se uma “terceiro-mundialização” de grandes cidades pertencentes a países do Primeiro Mundo, os quais registram índices elevados de migração, desemprego, racismo, xenofobia, violência, drogas e de formação de “subclasses” de marginalizados. Os governos reduzem os investimentos na área social, que fica entregue às “leis do mercado”, trazendo incerteza e instabilidade a um grande contingente de pessoas que não se veem com recursos suficientes para garantir seu acesso à saúde, educação e aposentadoria.

Saúde x trabalho, hoje

Face ao incremento da tecnologia e ao acirramento da competição, o trabalhador de hoje vê-se existencialmente acelerado e exigido. Crescem as cobranças de qualificação, versatilidade, capacidade de iniciativa e interação. Aumentam as pressões por metas de produção e eficiência. Acentua-se a mobilidade em relação aos locais de trabalho e aos papéis exercidos no trabalho.

Paralelamente, diminui a estabilidade no emprego e reduzem-se os ganhos reais de salário. O “fantasma” do desemprego está sempre presente. Em consequência, surgem:

- o aumento do estresse;
- os conflitos familiares;
- o aumento do consumo de álcool;
- a perda da produtividade.

Algumas empresas, conscientes do problema, desenvolvem estratégias para combater o estresse e melhorar a qualidade dos serviços. Para quê? Para, evidentemente, aumentar a capacidade de produção dos seus funcionários, ampliando-a ao limiar do que lhes seja suportável (muito próximo do que Charlie Chaplin, genialmente, expressou em *Tempos Modernos*), sempre visando ao crescimento da lucratividade da empresa.

O homem de hoje trabalha com mais eficiência e eficácia na produção de bens e serviços e tem mais liberdade, conforto material e expectativa de vida. Entretanto, corre um risco maior de não ter trabalho, de ser envolvido com drogas, de ser atingido pela violência, de ser vítima da exploração e do engodo. Risco de ser seduzido pelo “admirável mundo novo” que lhe acena com tantas possibilidades de realização e prazer, mas que lhe cobra, de volta, um esforço inaudito, superior à sua capacidade física e psicológica. Risco de ver o conforto, a segurança e a paz escaparem-lhe das mãos por não encontrar nos órgãos públicos o necessário apoio social e por não ter oportunidades em meio a um mercado desumano, impessoal, que só privilegia os que detêm o poder.

Registre-se que muitas empresas vêm percebendo a responsabilidade social que lhes foi entregue pelo sistema econômico e, a bem da verdade, têm desenvolvido sinceras iniciativas, visando ao respeito e à valorização dos seus funcionários e, inclusive, têm demonstrado autêntica preocupação social, ao participarem de projetos nas áreas da educação, saúde, proteção ambiental e outras. Contrariamente a isto, as mesmas empresas veem-se enredadas na necessidade de competir para sobreviver, instaurando-se, então, um embaraço, um impasse. A nosso ver, diante deste contexto paradoxal, o dilema trabalho x saúde passa, necessariamente, pela redescoberta do indivíduo.

O indivíduo em busca de si mesmo

O bombardeio existencial ao qual se vêm submetendo as pessoas nesta “era da globalização”, neste “mundo da velocidade e das mudanças”, provocou a ruptura dos vínculos sociais e da própria identidade. A massa de bens e informações oferecida ao consumo interpôs-se entre as pessoas, reduzindo os espaços de contato íntimo e familiar, hipertrofiando a relação com as “coisas” e deixando as pessoas “vazias”, o que as leva a procura consumir cada vez mais, na tentativa de poderem preencher as lacunas oriundas da perda dos contatos humanos.

Todavia, o resgate da individualidade só se faz por meio da realização de vínculos interpessoais, da possibilidade de encontrar pessoas com quem se possa estabelecer e manter trocas afetivas e de cuidado.

Ao homem foi dada a capacidade de pensar e ele a tem usado de forma profícua. É indiscutível que, atualmente, sabemos muito mais acerca de nós mesmos e, também, do mundo que nos cerca. Muitos foram os avanços: erradicamos doenças; ampliamos a capacidade de produzir alimentos; defendemo-nos de formas mais eficientes; vivemos de modo mais confortável. Contudo, em contrapartida, descobrimos que não somos o centro do universo, não detemos a verdade. O universo é cada vez mais penetrado... e menos conhecido.

À nossa volta, diminui a incidência de algumas doenças, mas cresce a de outras (como as doenças cardiovasculares) e, quando achávamos que tínhamos dominado as doenças infecciosas, surgiu a Aids. Produzimos alimentos, mas não erradicamos a fome; vivemos de modo mais confortável, mas não acabamos com a miséria; defendemo-nos melhor, mas vivemos ameaçados pela guerra e pela violência; apregoamos a liberdade, mas não garantimos condições dignas de vida a milhões de seres humanos; penetramos o universo, entretanto, desconhecemos o homem; divulga-se o amor, todavia, valores

como amor desinteressado, solidariedade e ética soam como discurso “cafona” e sem propósito.

Sim, ao homem foi dada a capacidade de pensar. E, também, de sentir. A espécie humana não se sustentará nas coisas que produz ou nos bens que consome, mas na possibilidade de se agrupar, de se ligar enquanto seres que pensam e sentem juntos. Seres que tirem prazer da convivência e vislumbrem, pela força da coesão, os caminhos da sobrevivência. A proliferação mecânica e irracional dos bens que produzimos há de nos levar à saturação e, cada vez mais, impedir-nos-á de pensar e sentir. Até que, sufocados pela solidão das “coisas”, possamo-nos descobrir, olhando-nos uns aos outros, solidariamente. Solidariamente..., tal e qual os antigos que punham suas cadeiras nas calçadas, frente a frente, para conversar. Solidariamente..., tal e qual namorados que, face a face, entrelaçam suas mãos e seus olhos para se amar.

3

Sociedade e Estresse*

Estresse: um “funcionamento ético”

Segundo SELYE (1965), estresse é um conjunto de reações do organismo em resposta a qualquer fator que o ameace e que tem por finalidade o adaptar-se a uma determinada e nova situação. O conceito de estresse passa pela necessidade adaptativa do organismo ao seu ambiente, sendo que as mudanças internas ocorridas são resultantes de um esforço interativo indispensável ao seu equilíbrio (sobrevivência).

O mundo parece ser presidido por leis que conservam ou organizam as unidades e, também, por leis que as transformam ou as modificam, pela interação ou intercâmbio com outras unidades com as quais, inevitavelmente, relacionam-se, constituindo, inclusive, unidades maiores – assim diz a teoria geral dos sistemas (BERTALANFFY, 1977). Células, tecidos, órgãos, grupos e sociedade são exemplos de unidades inter-relacionadas, sistêmicas, denotando “esforço” interno de organização ou coesão e “esforço” externo de adaptação ou interação. A sociedade também é uma unidade sistêmica que pleiteia sua preservação à custa de forças internas de coesão (sociais) e de forças externas de interação (ambientais ou ecológicas). Por sua vez, a sociedade constitui-se de grupos e estes, de pessoas.

* Adaptado do artigo: CAMPOS, Eugenio Paes. Sociedade e Estresse. *Jornal Brasileiro de Medicina*. Rio de Janeiro, v. 3, nº 78, p. 102-108, 2000.

A dialética de forças parece ter um equilíbrio dinâmico (que chamarei “funcionamento ético”), fruto das forças que agem suficientemente no sentido de manter a coesão interna, mas que permitem a interação com unidades ou sistemas vizinhos. Se, genericamente, conceituássemos ética como a “preocupação” com o outro, diríamos que o “funcionamento ético” acontece quando um organismo consegue manter sua própria sobrevivência, interagindo com os “outros” que lhe estão à volta e que, com ele, participam da constituição de unidades ou sistemas maiores. No fundo, se todo ser busca ser, o seu empenho primário é, portanto, continuar sendo. Mas a maneira de fazê-lo é por meio do intercâmbio, da relação de “boa vizinhança” ou “boa convivência” com os demais seres ao seu redor. Assim, SELYE (1965), em um momento reflexivo, chamou a esse movimento de “egoísmo altruísta”.

Contrapõe-se ao “funcionamento ético”, o “funcionamento cancerígeno”. Este só preserva a si mesmo. Não tem “preocupação” com o outro, de quem só pretende aproximar-se para locupletar-se, crescer, multiplicar, avançar, sugar e invadir. O resultado é a morte: tanto a sua como a do outro. Poderíamos dizer que uma célula cancerígena é uma grande “egoísta não altruísta”, pois só pensa em si e, durante algum tempo, seu êxito parece evidente: domina o espaço, apodera-se do organismo, cresce, e cresce... até fenecer!

A sociedade de hoje

A sociedade de hoje parece atingida por um processo cancerígeno. Um grupo de pessoas, movido por interesses individuais, vem cada vez mais concentrando o poder e a riqueza, aumentando e demarcando, com nitidez, a linha divisória com os demais grupos que constituem a sociedade humana, mas que, gradativa e inexoravelmente, estão-se exaurindo.

A rigor, o mundo sempre funcionou com a existência de “dominantes” e de “dominados”. O que muito tem marcado o processo existencial do nosso século são fatores como a velocidade e a intensidade com que se processam as mudanças ocasionadas pelo aumento do conhecimento e pela produção tecnológica. Concentrando o poder nas mãos de um pequeno grupo, a tecnologia propicia, aos seus detentores, multiplicar a produção, acelerar a distribuição, massificar a divulgação dos bens que ela mesma gera e maximizar o lucro proveniente da comercialização destes bens. Cada vez mais a tecnologia vem permitindo dispensar a mão de obra humana. O trabalho produzido pelo homem deixa de ser explorado por outros homens, pois, simplesmente, deixa de existir.

Se, antes, a relação dominante/dominado passava necessariamente pela dependência dos dominantes em relação ao trabalho produzido pelos dominados, agora, a supremacia do poder tecnológico dispensa o trabalho humano. Por outro lado, o acesso ao conhecimento – aparentemente ampliado pelos meios de comunicação – encontra-se regulado e controlado pelos detentores do poder tecnológico, pois só estes têm acesso à geração e veiculação de informações. As patentes intelectuais, as normatizações do direito à comercialização do conhecimento produzido, impedem que a mesma seja democratizada ou regulamentada conforme preceitos éticos. Assim, cada vez mais amplia-se o poder daqueles que já o detêm.

Modernidade: a ideologia do lucro

Tudo é organizado a partir do lucro. O argumento é que o capital (lucro) é necessário para investir em tecnologia que, por sua vez, propiciará o desenvolvimento e, com este, a prosperidade social e os empregos. Neste panorama, modernidade passa a significar: investir em tecnologia; romper com as

estruturas públicas que entravam o desenvolvimento; permitir o livre funcionamento do mercado.

Então, para que se implante a modernidade, é preciso privatizar, desregulamentar, racionalizar, flexibilizar. Em outros termos, a geração dos lucros deve ficar à mercê do mercado, totalmente livre.

Mas não se calam as perguntas: Livre de quê? Da ação do governo? Do interesse nacional? Dos postulados éticos? Da preocupação social?

O emprego também precisa ser, assim, flexibilizado: direito ao empregador de demitir; direito à redução do salário; direito à contratação temporária. Ou seja, o empregado, se contratado, deixa de receber benefícios sociais (13º salário e Fundo de Garantia-FGTS); se dispensado, deixa de receber multa rescisória e, obviamente, salário, mas fica “disponível” para quando o empregador dele necessitar e, ainda, sujeito ao salário que ao patrão aprover.

O argumento é sempre a necessidade de investir na tecnologia, de modo a permitir melhores condições de competitividade pela qualidade dos produtos e pela racionalização dos custos da empresa. A empresa deve produzir mais, gastando menos, para continuar investindo. O lucro é necessário ao investimento, que é feito pelo detentor do lucro que, assim, aumenta – é claro! – seu poder de competição e, em consequência, lucra mais. Dessa forma, capital e tecnologia vão cada vez mais se concentrando nas mesmas mãos. Embora haja mais bens a consumir e recursos tecnológicos sofisticados a usufruir, cresce o esforço para alcançá-los e cresce o número dos que se veem, pelo desemprego e pela redução dos benefícios sociais, excluídos do mercado.

Meios de comunicação ou de “catequização”?

Como os meios de comunicação também evoluíram tecnologicamente e estão nas mãos dos que detêm o capital, eles agem, deslealmente, “sensibilizando” a população na direção da esperança de um bem estar que nunca chega. O mundo parece dominado por um “pensamento único”: crescer economicamente; desenvolver novas tecnologias; produzir mais e mais para viver melhor! A economia precisa ser ágil, desburocratizada, desregulamentada, privatizada. Portanto, todos devem contribuir, livremente, com suas aptidões, seus esforços, para atingir o almejado desenvolvimento e, só assim, poderão viver melhor.

Mercado livre. Pessoas livres. Bens em profusão a consumir. Informações de toda espécie a obter. Mil opções a fazer. Tanta coisa a ganhar! Os meios de comunicação conseguem, sutil ou abertamente, convencer as pessoas de que os benefícios sociais e as garantias do trabalho entravam o desenvolvimento. Mostram, com números, quanto os benefícios sociais dos empregados oneram as empresas que atravessam dificuldades, precisando, assim, de que o Governo nelas injete valores para o seu soerguimento. Muitas ficam isentas de impostos. E a muitas é permitido reduzir o encargo social com empregados, ou melhor, “enxugar” o quadro, efetuando demissões. E, assim, orgulhosamente, publicam os excelentes resultados financeiros das empresas, seguidos dos altos índices de expansão das mesmas.

Aliás, os meios de comunicação conseguem até convencer as pessoas de que emprego não falta; aos indivíduos, o que falta é vontade e competência para trabalhar. Em suma, se não têm emprego é porque fracassaram pessoalmente, tornando-se, inclusive, um estorvo social.

O trabalho acabou

Mas a realidade é outra. Todos desejam a prosperidade. Poder trabalhar menos e desfrutar mais. Todos desejam a tecnologia e o desenvolvimento. Alguns conseguem trabalhar mais e desfrutar mais. Alguns até conseguem trabalhar menos e desfrutar mais. Todavia, atualmente, muitos não conseguem trabalhar e, por isso, de nada usufruem.

Ao lado da pujança econômica, “cara a cara” com ela, aumenta, no mundo todo, o número de desempregados, dos que se veem impedidos de desfrutar as delícias do “paraíso”.

Na reunião do Grupo dos Sete-G7, em Lille, abril de 1996, o diretor geral da Organização Internacional do Trabalho declarou que, de 1979 a 1994, o número de desempregados, nos países do G7, cresceu de 13 para 24 milhões (praticamente dobrou em 15 anos), sem contar os 15 milhões que trabalham em tempo parcial (FORRESTER, 1997). Já no ano de 2012, a Organização Internacional do Trabalho estimou em 202 milhões o número de desempregados no mundo.

A tendência do crescimento tecnológico é a de concentrar mais a renda. Se os padrões de consumo do terceiro mundo equivalassem aos do primeiro, os recursos naturais rapidamente se esgotariam e a poluição tornaria a Terra verdadeiramente inabitável. A dívida externa dos países subdesenvolvidos está sendo paga com os recursos naturais e com o sacrifício social das populações destes países.

O capitalismo hoje não consegue mais criar trabalho. O trabalho está acabando. O capitalismo anterior dependia de terras, de máquinas, de moedas e de empregados. O capitalismo hoje depende de técnicas, de capital e de mais nada. Antes, as normas protegiam os indivíduos dos excessos do capitalismo. Hoje, as normas protegem o capital dos “excessos” dos indivíduos. Se antes o trabalho era explorado, hoje ele é supérfluo, dispensável, desnecessário, “nocivo”. Como diz

FORRESTER (1997), as pessoas não são mais exploradas. São excluídas. São supérfluas. São desnecessárias. Um fardo a ser eliminado. A única utilidade hoje de cerca de 10% da população ativa que se encontra desempregada na Europa é votar. Por isso é preciso prometer.

Delírio ou realidade?

Na verdade, as pessoas estão indiferentes, desarmadas, anesthesiadas com a propaganda que lhes acena com a expectativa do consumo e que nelas incute a sensação de fracasso por não conseguirem “chegar lá”. O muro de Berlim foi substituído pelo muro de Din-din (ou de Plin-plin, porque é de vidro e deixa ver tudo que está do lado de lá... Só não deixa tocar!).

O mundo parece caminhar para uma grande vitrine que separa os incluídos dos excluídos. Dentro dela, vê-se tudo o que é bom, atraente, útil, prazeroso. E tudo em grande quantidade! Com grande variedade! Veem-se até algumas pessoas usufruindo desse mundo maravilhoso... Entretanto, do lado de cá da vitrine, o que existe é uma multidão de pessoas miseráveis ou, no máximo, remediadas e, algumas, suficientemente abastadas, mas todas, abestalhadas e atônitas, sôfregas, ansiosas, e, logicamente, estressadas. No fundo, algumas dessas pessoas estão invejosas das poucas privilegiadas que estão lá dentro; e querendo ser uma delas; e acreditando que poderão chegar lá. Delírio ou realidade? A de dentro ou a de fora?

A sociedade, para sobreviver, precisa funcionar coesa-mente. Mas o homem, cada homem, quer ser livre para viver. E livre agora nós somos. Todavia, não basta que sejamos livres. As células cancerígenas também são livres. E acabam roubando a liberdade de todos e, também, a delas próprias. Se alguns homens crescerem exageradamente, outros, muitos outros, fenecerão. Mais cedo ou mais tarde, todo o organismo

social morrerá. A natureza nos dá a lição: um organismo sobrevive quando suas partes conseguem conviver, interagir, “funcionar eticamente”. E, também, quando o poder é compartilhado e quando a liberdade e o acesso aos bens são de todos.

E este é o grande desafio da humanidade. Nenhum de nós quer abrir mão do poder. E, sendo real ou imaginário, preferimos delirar a dele abrir mão. Aliás, é o que todos estamos fazendo, isto é, correndo atrás dos bens, da produção e dos lucros. Correndo atrás das fontes alternativas, das “ciências holísticas”, das seitas esdrúxulas ou dos misticismos românticos. Na verdade, é duro sentir-se impotente, frágil, incapaz de abraçar e dominar o mundo. É penoso pensar que a fome, do lado de cá da vitrine, acomete milhões e milhões de seres humanos e que o desemprego atinge centenas de milhões de pessoas. É ameaçador saber que os recursos naturais esgotam-se com rapidez e a poluição avança inexoravelmente; e que enorme é o potencial destrutivo das armas nucleares, químicas ou biológicas. É angustiante presenciar o analfabetismo, as valas negras, as doenças provenientes da promiscuidade ou da subnutrição. É duro ouvir dizer que não há verbas para aposentados, hospitais e escolas.

Enquanto do outro lado da vitrine...

Talvez por isso cresça o consumo de drogas. Cresça a violência. Cresça a apatia social. Não conseguimos mais acreditar na política e nos políticos. Não conseguimos mais acreditar nas palavras e nos sentimentos. O mundo hoje funciona à base de ícones, gráficos, números. Funciona à base de resultados, desempenhos, dividendos e vantagens. De privilégios e vantagens... e do já corriqueiro: “Afinal, quanto é que eu levo nisso!?”

E tudo seria trágico se não houvesse esperança. Não a esperança barata das promessas milagrosas ou da “harmonia cósmica”, mas a esperança arrancada do fundo da alma, da mesma alma que pensa o poder, que deseja o poder, que

é capaz de tudo pelo poder. Que essa mesma alma seja, um dia, capaz de compartilhá-lo! Também faz parte deste mundo o inegável aumento da consciência ecológica. A indisfarçável percepção de que a técnica, ou melhor, o delírio da técnica é uma falácia. Já se faz notar a preocupação das pessoas em reunirem-se umas às outras, não para efetuarem transações financeiras ou traçarem planos de como enganar os outros, mas para trocarem afeto, atenção e cuidado. Quem sabe, aos poucos, as pessoas reunir-se-ão em torno de estratégias para aproximarem-se mais, para cooperarem mais?!

O grande desafio é romper a inércia. Administrar o “delírio de poder” e recuperar o respeito pelo outro. Respeito este que é, em última análise, a possibilidade de resgatar o “funcionamento ético” na sociedade em que vivemos.

4

Psicossomática do amanhã*

Discorrer sobre a psicossomática do amanhã é um exercício de reflexão que se faz a partir de fatos presentes e de especulações de cenários futuros. Antes, porém, pensemos no seu objeto, conforme o definido pela Associação Brasileira de Medicina Psicossomática: “estudo das conexões sociopsicossomáticas e do exercício da interdisciplinaridade”.

A psicossomática preocupa-se com as interfaces, as conexões, as ligações entre o biológico, o psicológico e o social. Preocupa-se com a integração, visto que o ser humano constitui-se numa unidade indissociável e composta por um corpo físico, por uma subjetividade pessoal e singular e pelo contexto histórico e social em que se insere. Cada ser humano é único, individual, mas todos os seres humanos vivem e convivem em interação uns como os outros e com o ambiente que os circunda. A interdisciplinaridade emerge, naturalmente, como forma inevitável de lidar, no dia a dia, com o conhecimento.

Talvez a primeira questão acerca da psicossomática do amanhã seja, exatamente, a sobrevivência dos seus princípios. A sociedade, hoje, parece valorizar o concreto, palpável, material. Parece, também, privilegiar o individualismo e a competitividade, em contraposição e em prejuízo da subjetividade e dos valores sociais, coletivos. Nesse sentido, o mundo caminha na contramão da psicossomática.

* Adaptado do artigo: CAMPOS, Eugenio Paes. Psicossomática do Amanhã. *Revista Brasileira de Medicina Psicossomática*. Rio de Janeiro, v. 7, n° 1/2, p. 126-133, 2003.

A produção do conhecimento e a tecnologia consequente avançam de forma extremamente veloz, aceleram os meios de transporte e comunicação e disponibilizam uma quantidade inimaginável de bens e serviços, estimulando as pessoas a consumi-los. Fica difícil preservar valores coletivos quando tanta coisa é oferecida ao consumo individual.

Fica mais difícil, ainda, quando todos querem possuir o máximo que lhes for possível. A constatação é que só uns poucos usufruem do que é produzido. A riqueza está concentrada em cerca de 20% da população mundial. Os 80% restantes, ou estão no limite do suficiente – e ávidos por passar para o “lado de lá” – ou lutam desesperadamente pela sobrevivência, buscando recursos elementares como alimentação e moradia. O consumismo supera em muito a preocupação ética com a coletividade, com o conjunto dos cidadãos. Para a conquista e a manutenção dos bens materiais, prevalecem a força e o poder. Tudo isso segue na direção oposta à psicossomática.

E tudo se faz de forma cada vez mais rápida. A vida parece tão apressada ultimamente, que o amanhã está cada vez mais próximo do hoje. Se não pensarmos rapidamente nele, logo ele se torna o ontem. Talvez só possamos avançar nesta reflexão pela percepção de que o tempo acelerou-se. Certamente, estamos mais apressados. E a tendência é a de que fiquemos mais apressados ainda. Por que estamos assim? O que a psicossomática tem a ver com isso?

A pressa tem a ver com a velocidade com que o conhecimento e a tecnologia são produzidos atualmente (TOFFLER, 1970). Tem a ver com a velocidade com que nos deslocamos (meios de transporte) e com que entramos em contato com os bens e as informações (meios de comunicação). Aceleramo-nos porque mais rapidamente tomamos conhecimento de muitas coisas e, também, porque mais rapidamente nos deslocamos. Logo, nossa agenda fica mais cheia. Como disse, muito há o que consumir, mas o dia continua tendo 24 horas. Urge que

aceleremos o ritmo para darmos conta da incrível quantidade de “coisas” ofertadas ao nosso consumo.

Ofertadas ou “impostas”, somos “seduzidos”! Os veículos de comunicação, sobretudo a televisão e a internet, “habitam” a maioria dos lares, dos lugares de trabalho, dos recintos públicos, tais como aeroportos, rodoviárias, restaurantes, hotéis, clínicas etc. É difícil escapar deles. Estão em toda parte e sempre oferecendo, seduzindo, impondo o consumo. Vejam a imposição nos dizeres: “compre!”; “faça!”; “use!”; “adquira!”; “invista!”; “conquiste!”. E, invariavelmente, há seduções por meio de mulheres e homens bonitos, sucesso financeiro, negócios perfeitos, ambientes paradisíacos, saúde plena, prazer absoluto. Enfim, bombardeio total. Convenhamos que é difícil resistir (CORTELLA, 2006).

Resistir? A quê? Qual é o problema de possuir coisas que nos propiciem saúde, riqueza e prazer? Quanto mais, melhor. Melhor, talvez, se realmente pudéssemos ter tudo o que desejássemos. Ocorre que somos, por natureza, limitados e, sobretudo, insatisfeitos. Jamais estaremos saciados. Por isso, não só temos mais pressa, mas também mais ambição, mais ganância. E aí, inevitavelmente, surge ou acentua-se a competição. São muitos querendo as mesmas coisas. Quem ganhará? Quem chegará primeiro? Quem ficará com os melhores “bocados”?

A competitividade acentua a disputa, os choques de interesse. Até aqui pensamos nos “consumidores”, mas há, também, os que produzem e vendem. Aos consumidores, cabe-lhes ganhar mais para comprar mais; aos que produzem, importa-lhes vender o máximo para lucrar o máximo. Todos se tornam concorrentes de algum modo. Os que produzem enxergam “potenciais inimigos” nos outros produtores, que devem ser banidos do caminho, visto que o objetivo é vencê-los de qualquer maneira e por meio de quaisquer estratégias. Já os consumidores, ao olhar dos que produzem, são os “potenciais compradores”. Logo, há que convencê-los a comprar. E, para

convencê-los, todas as estratégias são válidas. Alguém disse que, então, os consumidores se transformam em “potenciais otários”. Compram sem saber bem o que compram e o porquê de comprarem.

Referimo-nos à lógica do mercado, à do mundo dos negócios. A lógica de produzir mais, vender mais, lucrar mais (MARTIN e SCHUMANN, 1998). Que é também a lógica de consumir mais. Queremos dizer que, se de um lado existe aquele que quer vender seu produto, do outro existe quem queira comprá-lo. A reflexão aqui amplia-se para duas questões consequentes: a) as “regras do jogo”, que constituem a moral ou ética do sistema, sobretudo entre os produtores; b) a organização de vida dos que se propõem a consumir.

A lógica do mercado “autoriza” os concorrentes a lançarem mão de quaisquer estratégias que sejam mais eficazes para a conquista de maior volume de negócios e de vendas. Como vimos, trata-se de vencer o inimigo. A mesma “autorização” parece estender-se às relações com os consumidores, embora aí as formas sejam bem mais veladas, embutidas nos falaciosos dizeres: o cliente está em primeiro lugar; o objetivo principal é a qualidade ou a responsabilidade social; o compromisso primordial é com o ecológico – ou em outros discursos assemelhados. Na verdade, o que se pretende é vender o produto, mesmo que seja iludindo o comprador (o “potencial otário”).

O mundo dos negócios pressupõe alguns princípios facilitadores, tais como a desregulamentação da economia, a garantia dos direitos privados e individuais e, em consequência, a redução das garantias coletivas, sociais e, também, do poder do Estado, tudo isto em benefício da livre iniciativa (GALBRAITH, 1996). Tais princípios promovem e sustentam a liberdade individual e a exacerbação do individualismo.

Há dois fortes apelos no ser humano: se, de um lado apresenta uma subjetividade, um exercício de pensar como

um indivíduo singular, de outro lado encontra-se inserido em um contexto social. Diz-se que o homem, em algumas épocas, e em algumas comunidades, já viveu (ou vive) de forma coletiva, com regras que privilegiavam o social e minimizavam o individual. É possível. Percebe-se que há, em nós, a dimensão do outro, uma tendência a renunciar a interesses ou desejos pessoais, em nome dos outros humanos que conosco convivem. Mas certamente existe, de forma bem aguçada, o impulso para a realização dos desejos próprios, individuais. Este impulso está presente, mesmo que reprimido, no interior, no íntimo dos indivíduos. Quem de nós não conhece, em si mesmo, algo de ambicioso, egoístico, narcísico? Quem de nós não luta pela defesa da sobrevivência pessoal? Ou pela defesa dos bens que julga serem seus? Quem de nós aceita ter seus desejos impedidos, seus movimentos cerceados, seus gostos censurados?

A falácia da ideia comunista foi propor justiça social, mas à custa do cerceamento da liberdade individual. A ingenuidade da ideia cristã é propor a solidariedade, acreditando no desprendimento dos humanos.

Todos nós somos seduzidos pela ideia de liberdade individual, de poder ter e fazer o que se quer. E, se assim é, talvez devamos ser menos rigorosos com qualquer julgamento moral acerca das “regras do jogo” mercadológico, pois, no fundo, todos nós estamos de acordo. Mas, ao final de cada jogo, só um ganha e outro(s) perde(m)...

Talvez seja por isto, por este “perde e ganha”, que o desejo de consumir traga alguns percalços, a começar pela quantidade de bens a serem adquiridos. Isto, obviamente, pressupõe ter recursos financeiros suficientes. E, para tê-los, há que trabalhar mais. E com mais intensidade. E com mais qualificação. E com mais competência em fazer negócio (aqui, o consumidor vê-se tantas vezes obrigado a fazer o jogo de quem vende, quando na condição de empregado). E com mais formação para enfrentar conflitos. E com mais voracidade para

dedicar mais tempo ao trabalho e menos tempo ao lazer, à família, à reflexão pessoal, à religião, ao convívio social. E com mais tempo e recursos exigidos para conquistar a competitiva e fundamental qualificação. Sem falar que uma das chamadas “competências para negócio” requer, muitas vezes, competência para reduzir cargos de trabalho, reduzir “mão de obra”, em outros termos, dispensar, demitir funcionários. Gerar desemprego (FORRESTER, 1997). Todavia, os lucros das empresas aumentam.

Essa é a situação dos bancários, por exemplo, que são pressionados a atingir as metas de produção da empresa para permanecerem no trabalho, ao mesmo tempo em que veem as máquinas substituindo paulatinamente suas funções. Ou a dos profissionais de saúde que são induzidos a atender mais e a receber menos, enquanto os empresários do setor querem gastar menos e lucrar mais. Ou, ainda, a situação dos usuários das estradas que são obrigados a pagar uma taxa cada vez que por elas circulam, sem terem qualquer alternativa para evitá-las. Este é um exemplo clamoroso de que a chamada “livre iniciativa” ou a denominada “livre concorrência” não passam de pura retórica, de falso discurso, pois o que acontece, na realidade, é o bloqueio absoluto da livre iniciativa. Ou seja, é uma acintosa violência à liberdade individual (STIGLITZ, 2002).

Além de tudo, o consumidor, que tem que pagar pela sua sobrevivência e por tudo que lhe é básico (educação e saúde), vê-se premido pela redução do tempo dedicado a quaisquer outras atividades, à exceção do trabalho. Isto é obrigatório, caso não queira ter todo o tempo disponível para fazer o que quiser, mas sem dinheiro para adquirir o que deseja.

Se seguíssemos a lógica do individualismo, pelo menos na sua origem, diríamos que cada cidadão tem direito a existir e, sobretudo, existir em liberdade. Poderíamos, reflexivamente, afirmar que, a partir da liberdade garantida, ele (cada indivíduo) garantiria seu existir como lhe aprouvesse, como forma

de exercer sua própria liberdade. Mas a liberdade, a liberdade de existir, seria para alguns ou para todos? Questão complicada que nos provoca algumas dúvidas e preocupações como com o número de pessoas vivendo na miséria e a crescente desigualdade entre ricos e pobres.

A violência contra as pessoas e contra a natureza cresce assustadoramente e ameaça a integridade de todos e de cada um. O equilíbrio do planeta está posto a prova. A segurança individual é cada vez mais tênue. Evidentemente, todos esses problemas são complexos e multideterminados, mas é inegável que a ambição e a ganância contribuem de forma decisiva para sua ocorrência. Quando as normas sociais afrouxam-se e os recursos básicos de sobrevivência (alimentação, habitação, saúde, educação, segurança, transporte, lazer) não são garantidos pela sociedade aos indivíduos, a consequência é que os bens acumulam-se nas mãos de uns poucos, enquanto muitos sobrevivem na miséria. Sobrevivem em condições sub-humanas. Ou desumanas. A proposta de garantir a liberdade de viver não está sendo alcançada, senão por uma minoria. Logo, o caminho há de ser revisto.

Ocorre que, em outra faixa (cada vez mais expressiva), indivíduos dão a impressão de não se aperceberem das consequências dessa luta desigual pelo acesso aos bens oferecidos ao consumo. São aqueles que, como nós, estão acima da linha da pobreza, mas que, para aí permanecerem, chegam tantas vezes ao limite do suportável em termos de estresse e má qualidade de vida. Referimo-nos, aqui, às concessões que são feitas ao sistema perverso que impõe (nos impomos?) a forma de ocupar o tempo, interferindo na qualidade das relações interpessoais e familiares e não respeitando os valores adotados pelos indivíduos.

Relegam-se ao segundo (ou último) plano o exercício das trocas amorosas; o compartilhamento de prazeres e angústias; a preocupação e o cuidado com os outros (quaisquer outros);

a conversa franca e desinteressada; o diálogo reflexivo na busca do sentido de ser ou, simplesmente, na tentativa de amenizar a perplexidade diante do existir (o que é a vida, afinal?). E, ainda, relegam-se ao segundo plano o cultivo das artes, dos esportes e da natureza, enquanto expressão da sensibilidade corporal e emocional.

Tudo isso anda desvalorizado, desqualificado, protegido ante a imperiosa “necessidade” de fazer negócios, consumir coisas, objetos, ações, corpos e ídolos, títulos e poderes. Não é que não tenhamos desejo de possuí-los. É que o preço cobrado está muito alto. Haja vista o grande número de pessoas que sequer consegue sobreviver dignamente e fragmenta-se, rompe-se, dilacera-se, dilui-se na falaciosa avidez de ter, sem ser.

A solução? Difícil! Até porque muitas das conquistas do conhecimento e da tecnologia têm-nos sido úteis. Impossível recusá-las. Seria contrassenso, um “retorno ao passado”. Mas algo precisa mudar. O planeta começa a dar sinais de exaustão (COMISSÃO SOBRE GOVERNANÇA GLOBAL, 1996). Avançar no mesmo modelo tem sido uma proposta, ou seja, apostar em que o conhecimento e a tecnologia, eles próprios, poderão trazer a solução. Quem sabe se, até lá, descobriremos outro planeta onde morar?

Se o problema for viver mais, já estamos conseguindo. Estamos mantendo e prolongando a vida física, com órgãos transplantados, células-tronco injetadas, genes modificados ou, quem sabe, indivíduos clonados. Mas como fica a mente? Como ficam os sentimentos? A consciência? Os desejos? Os ideais? O amor e o ódio? A contemplação e a solidariedade? Será que tudo isto restará supérfluo, descartável, nos guardados empoeirados do passado?

Como ficarão os relacionamentos afetivos? O ato de cuidar? (BOFF, 2004; CAMPOS, 2005) E a ética, enquanto preocupação com a integridade do outro, sobreviverá?

Como serão criadas as crianças? Continuará havendo crianças? E os velhos? Quando estes não mais conseguirem manter o ritmo da produção e do consumo, serão descartados?

Eis algumas das questões com que a psicossomática do amanhã deverá conviver. A não ser que ela mesma, a psicossomática, por ser uma ideologia da integração, que vê os seres humanos de forma indissociável e que os percebe numa contínua e constante interação e troca de cuidados com os outros e com o ambiente no qual convivem, também não sobreviva. Se assim for, as questões do futuro não mais pertencerão à psicossomática e estaremos todos fazendo outros discursos.

5

O futuro da Psicossomática*

Introdução

Se, como eixos principais de interesse, considerarmos as conexões sociopsicossomáticas e a interdisciplinaridade, poderíamos dizer que a manutenção do espaço da psicossomática será um grande desafio no futuro. Isto porque a aceleração do conhecimento e o conseqüente desenvolvimento tecnológico, que hoje vivenciamos, têm provocado profundas e sensíveis alterações no corpo e no comportamento humano, seja em termos individuais, seja em termos sociais. Vínculos afetivos e sociais, identidade e adaptação ao ambiente já são, e serão cada vez mais, importantes temas de interesse da psicossomática.

Mundo de transição e perplexidade

A característica mais marcante do mundo de hoje é a acelerada sofisticação tecnológica. O avanço do conhecimento e o desenvolvimento tecnológico foram-se retroalimentando de tal modo, que sua velocidade tornou-se cada dia maior. Uma avalanche de bens e informações tem-se derramado sobre nós, transportada e veiculada por meios de comunicação e de transporte cada vez mais aperfeiçoados e rápidos.

* Palestra proferida por ocasião do XIV Congresso Brasileiro de Medicina Psicossomática, Belo Horizonte, 2004.

A consequência inevitável dessa plethora de bens e informações tem sido uma “aceleração existencial”, uma pressa a que todos estamos submetidos pela ânsia de conhecê-los e consumi-los.

Diríamos, pois, que outra característica marcante do mundo de hoje é a premência de tempo. Tempo para consumir e, obviamente, tempo para ganhar dinheiro suficiente para adquirir os bens desejados. Diga-se, como adendo, que a sofisticação tecnológica de hoje propiciou o desenvolvimento de técnicas de divulgação e publicidade que, por si mesmas, são altamente estimuladoras do consumo. Pelos meios de comunicação, as pessoas são “bombardeadas” por apelos irresistíveis em favor de determinados bens ou serviços.

Destaque-se, por outro lado, a emergência e supremacia de um sistema político e econômico que privilegia a produção e o consumo, transformando os atos e as relações humanas em atos e relações de negócio. Por trás desse cenário, encontram-se os grandes grupos detentores do capital, do conhecimento e da tecnologia, cujos interesses pessoais e multinacionais desconsideram os nacionais e sociais.

A bandeira da democracia é malversada pelo discurso da desregulamentação e do livre mercado – discurso este sempre pregado pelos detentores do poder que pressionam governos e sociedade no sentido de flexibilizar as leis sociais, garantidoras de direitos dos cidadãos, e, também, de abrir seus mercados ao “livre” mercado que se presta à exploração dos recursos naturais e humanos nos países subdesenvolvidos.

O resultado de tudo isso expressa-se na feroz competitividade para ganhar e para consumir e, também, manifesta-se na ocupação total das mentes e do tempo com as “estratégias” para chegar-se a pertencer ao mundo das coisas e dos negócios. Assim, tudo concorre para que os indivíduos esqueçam-se da dimensão social que os vincula por meio de relações afetuosas, solidárias e éticas. O individualismo prevalece e a preocupação social dissipa-se, desvanece-se.

Reflitamos, especificamente, sobre a biotecnologia. Os avanços tecnológicos no campo da biologia têm sido surpreendentes e assustadores, a ponto de aproximarem-se da própria geração da vida. O código genético foi decifrado. A possibilidade de gerarem-se seres vivos artificialmente é uma realidade. Órgãos são transplantados ou substituídos. Novos medicamentos são fabricados e eficientes recursos diagnósticos e terapêuticos são inventados.

Tais avanços ampliam a expectativa e a qualidade de vida dos indivíduos, mas também interferem, profundamente, nas mentes e nas relações humanas. Além da preocupação quanto às possíveis consequências no próprio campo biológico, avultam as questões éticas, pois a evolução biotecnológica faz-se em ambiente de competitividade e individualismo, o que põe em risco a sobrevivência digna de milhões e milhões de pessoas, ludibriadas, exploradas e agredidas por um sistema tão desigual e tão desumano.

Mundo de contradições e inquietações

Na verdade, o homem sempre viveu de contradições e de inquietações. Todavia, a marca dos dias de hoje é a velocidade e a intensidade com que tudo acontece. Não há como negar a existência de algumas situações que ameaçam e preocupam: violência, uso e tráfico de drogas, destruição ambiental, desigualdade social e desemprego.

A rede social vem sendo diretamente atingida pelo desinteresse e descrédito pelas instituições clássicas: política, igreja, sindicatos, forças de segurança. A família depara-se com novos “arranjos” em função de divórcios, de uniões homossexuais, de uniões sem filhos e/ou sem coabitação, e até da opção de se viver sozinho. A sexualidade perde, gradativa e rapidamente, sua função reprodutora e começa a ser questionada enquanto identidade de gênero.

Constata-se, também, uma crescente valorização do concreto e do imediato, em detrimento do abstrato e do reflexivo. Há como que uma “preguiça existencial” para ler, escrever, dialogar, pensar. Há pressa em fazer, agir, “curtir”.

Por outro lado, há dados animadores que se contrapõem a tantas ameaças e incertezas. Hoje, certamente, há mais expectativa de vida, conforto material, acesso às informações e liberdade individual. E há, também, o ressurgimento/resgate de parcerias e de movimentos de preservação ambiental e de solidariedade humana.

O homem de amanhã

Conforme o que foi apresentado, o homem de amanhã, a cada momento, precisará lidar:

- com recursos tecnológicos altamente sofisticados, que modificarão, inclusive, seu próprio corpo;
- com a pressa e a competitividade na ânsia de vender e de comprar os produtos dessa tecnologia;
- com a transitoriedade das coisas, das normas e dos relacionamentos.

Tais exigências repercutirão na construção e sustentação da identidade, na formulação e exercício das normas e dos vínculos sociais e, também, na necessidade de adaptação constante às novas situações.

O futuro da psicossomática

Caberá à psicossomática, enquanto interessada nas conexões sociopsicossomáticas e na interdisciplinaridade, enfrentar grandes questões:

- Como a mente representará o corpo e o próprio indivíduo se modificados biologicamente?

- Como as modificações biológicas repercutirão nas relações sociais e na ética?

- Qual a importância e a função da sexualidade? Como os indivíduos se relacionarão sexualmente?

- Como os indivíduos se relacionarão entre si e com o ambiente?

- Como será o “cuidar” da saúde?

Doravante, alguns temas emergem como primordiais para a psicossomática:

- Como o indivíduo representará a si mesmo?

- Com tantas interferências no corpo biológico e com tantas mudanças nas relações sociais, como se estruturará o *self*? Como se sustentará?

- Com tantas interferências no processo de reprodução, a quem caberá cuidar do bebê nos primeiros momentos de sua vida, época tão crucial para a construção e estruturação do *self*? Quem exercerá a “função-pai” – tal como a descreve WINNICOTT (1999) – de intermediador entre mãe-bebê-ambiente?

- O pronunciado individualismo, a constante e progressiva ruptura de laços sociais deixarão – e já estão deixando – os indivíduos desamparados socialmente. Como se construirão e sustentarão os vínculos sociais em face de tanta competitividade?

- Como se construirão e sustentarão as normas e valores sociais e éticos, se a preocupação dominante não é com o outro, mas consigo mesmo e com as coisas a serem consumidas? Até que ponto, nessa lógica, os outros se transformarão em coisas?

- A própria adaptação do homem ao ambiente que o circunda vê-se sobrecarregada pelo excesso de informações e de demandas, pelo constante surgimento de “fatos novos” e pela crescente interferência no equilíbrio ecológico. Enfim, ao

planeta, tal desequilíbrio gera índices elevados de poluição do ar, da terra e da água. Como se adaptar e reagir a isto?

- Como lidar com o estresse e minimizar seus efeitos deletérios?

- Como criar e sustentar mecanismos eficazes de enfrentamento?

- Como o corpo “administrará” suas defesas ante tanta agressão?

- Por fim, como se estruturará e funcionará o sistema de saúde – impregnado de tecnologia e de espírito competitivo –, se quiser manter, como objeto final e primordial de sua ação, o ser humano, enquanto dotado de sentimentos que o levam a precisar – para sua sobrevivência psicológica e, quem sabe, social!? – de outros seres humanos capazes de compreendê-lo, de se preocuparem com ele e de lhe oferecerem reconhecimento e valor, afeição e cuidado?

6

Comunicação e saúde no século da informação*

Vivemos num mundo de transição e de muita perplexidade diante da acentuada sofisticação tecnológica que se expressa de variadas formas: acelerada produção de bens e informações; aumento da velocidade dos meios de transporte e comunicação; acirrada disputa pelo capital; progressiva desregulamentação e ruptura de vínculos e normas sociais.

No campo da saúde, destaca-se a biotecnologia por meio da manipulação do código genético, da reprodução artificial, dos transplantes e, além disto, da produção de novos medicamentos e recursos diagnósticos e terapêuticos.

A repercussão sobre os indivíduos faz-se sentir pela aceleração “existencial” decorrente de uma constante e crescente falta de tempo, visto que tantas são as coisas a comprar e a desfrutar e tanto é o tempo dispendido no trabalho para ganhar o necessário aos gastos do consumo.

Toda essa produção tecnológica – ao aumentar o tempo médio de vida, o conforto material, a liberdade individual e o acesso à informação – traz evidentes benefícios às pessoas e à sociedade como um todo. Por outro lado, a aceleração existencial vem intensificando muitos problemas sociais: violência urbana; uso de drogas; destruição ambiental; desinteresse pelas instituições clássicas, tais como igreja, sindicatos, política; valorização do concreto e do imediato, banalização da cultura;

* Palestra proferida por ocasião do *VIII Congresso Sul Mineiro de Medicina Psicossomática*, Caxambu, 2008.

novos “arranjos” familiares e sexuais; desigualdade de renda; desemprego; lutas étnicas e religiosas; busca ansiosa, como forma de preencher o vazio existencial, por seitas, por práticas alternativas, imediatistas.

Comunicação e saúde no século da informação

O mundo atual exhibe, como uma de suas “marcas”, o fantástico desenvolvimento tecnológico dos veículos de comunicação, o que acelerou e sofisticou as técnicas com que as informações são “trabalhadas” para serem expostas. A resultante verifica-se no crescimento exponencial do poder de penetração e sedução daquilo que é comunicado. De fontes as mais variadas, os dados são oferecidos sem rigor metodológico, ou seja, divulgam-se informações cuja credibilidade é questionável; graças “à força” do veículo, entretanto, tais informações são consideradas como “verdadeiras”.

Pode-se, pois, afirmar que a comunicação no século da informação exige que se tomem alguns cuidados. O primeiro consiste na seleção do que é veiculado, informado. Talvez aqui, se estamos falando de comunicação e saúde, esteja um dos aspectos positivos da chamada medicina baseada em evidência. De onde vêm os dados? Como foram verificados? Em que se sustentam?

A arte e a técnica da comunicação não se restringem a transmitir informação, mas estendem-se ao campo das ideias, questionamentos, sonhos, sentimentos, desejos e valores. A comunicação não apenas repassa ou troca, mas influencia, seduz, transforma. Quanto mais potente e unilateral for o veículo de comunicação, maior o risco de quem a ele se expõe.

Mas, afinal, o que se pretende com a comunicação no âmbito da saúde não é, exatamente, influenciar o comportamento das pessoas na direção de atitudes e hábitos mais

saudáveis? Cabe, pois, uma reflexão de natureza ética, diante do modo como as informações são geradas e disponibilizadas. Há muitos interesses em jogo. Cada um de nós pretende “vender seu peixe” da forma mais eficaz possível. E isso, atualmente, não é difícil para quem dispõe de recursos tecnológicos de comunicação.

Não obstante, nem sempre o que desejamos é o melhor para quem recebe nossas mensagens. Então, como pode a comunicação contribuir eticamente e efetivamente para a saúde? Como saber o que é bom para as pessoas em termos de saúde? Como lhes comunicar isso? De um lado, procurando ser rigorosos no manuseio das informações que geramos e disponibilizamos, buscando os melhores critérios possíveis de fidedignidade e credibilidade. De outro lado, associando a comunicação tecnológica àquela interpessoal, dialógica, compreensiva e empática, que propicie entender melhor o sujeito com quem interagimos e estimulá-lo a, reflexivamente, tornar-se senhor dos seus pensamentos e atos.

Um paradoxo da comunicação nos dias de hoje é que somos cada vez mais passivos e isolados diante dos seus meios e veículos. Gastamos muito tempo diante da internet e da televisão e quase nunca nos sentamos diante de outras pessoas para, com elas, conversar. Diz-nos WINNICOTT (1983) que a comunicação empática é fundamental para o bom desenvolvimento da personalidade. Precisamos identificar-nos com o outro, colocarmo-nos no lugar do outro, captando seus anseios e necessidades, para, assim, e só assim, interagirmos com ele. A comunicação hoje abunda em informação e poder de sedução, mas é falha em diálogo e poder de acolhimento e compreensão.

Os meios de comunicação investem pesadamente na opinião pública, veiculando um “pensamento único”: crescer economicamente; desenvolver novas tecnologias; produzir mais, pelas privatizações e desregulamentações, acarretando, inclusive, redução dos benefícios sociais.

Como vemos, pela força da comunicação, pelas imposições midiáticas, as pessoas são estimuladas a consumir irrefletidamente, chegando à distorção de convencerem-se de que os benefícios sociais representam um grande entrave ao crescimento.

Saúde no mundo globalizado

A acelerada produção biotecnológica, por meio de novos medicamentos e sofisticados equipamentos de diagnóstico e tratamento (hemodiálise; próteses; CTI; cirurgia cardíaca; transplantes; tomografia computadorizada; ressonância magnética; biologia molecular etc.), tem gerado: melhoria da qualidade de vida; aumento da demanda por tais recursos; aumento dos custos da “compra” de saúde; dificuldade de financiamento público do sistema; e estímulo a fazer da saúde um negócio sujeito às regras do consumo e da competitividade.

O cliente quer consumir tecnologia em função dos seus resultados e da propaganda maciça. Os laboratórios precisam vender, as empresas de seguro-saúde precisam lucrar e os profissionais de saúde precisam ganhar.

O campo da saúde vê-se, assim, envolvido pelo consumismo e pela competitividade, atrelando-se à tecnologia, às empresas de seguro-saúde, à indústria de medicamentos e equipamentos, a profissionais que, cada vez mais, disputam clientes e empregos. Neste cenário, os profissionais de saúde, na sua maioria, tornam-se agentes de produtividade do setor.

Como promover saúde, tendo que vender doença, remédios, exames diagnósticos ou procedimentos terapêuticos? Como oferecer serviço se a pressão é por gerar lucros? Como oferecer serviço sem abrir mão da tecnologia? Quem deve financiar o sistema de saúde?

Biotecnologia no mundo globalizado

A tecnologia está prestes a gerar indivíduos biologicamente modificados. E tal realidade dá-se em função dos avanços na identificação e na possibilidade de intervenção no código genético, na prática de transplante de órgãos, nas inseminações e clonagens usadas para reprodução artificial.

Como consequência, haverá alteração na construção e sustentação da identidade, na formulação e exercício de vínculos sociais e no aumento da necessidade constante de adaptação ao ambiente. Como dizia TOFFLER (1970), a aceleração existencial trará uma nova doença, que ele chamou de “choque do futuro”.

O homem, no mundo globalizado, precisará a cada momento:

- lidar com a competitividade e a ameaça de desemprego;
- lidar com a ruptura dos vínculos e normas de proteção social;
- conhecer e se adaptar às novas tecnologias que surgem diariamente;
- lidar com intervenções tecnológicas no seu próprio corpo.

Grandes questões deverão ser enfrentadas:

- Como o corpo reagirá aos impactos da tecnologia e da tensão social?
- Como a mente representará o próprio corpo modificado pela tecnologia?
- Como os indivíduos criarão e manterão vínculos sociais ante tanta competitividade?
- Como preservar e respeitar a subjetividade e a intimidade de cada pessoa?
- Quem cuidará de quem?

Para refletir

A ideologia do lucro rompe os vínculos entre as pessoas. O ser humano sem vínculos perde o sentido de ser. Sem sentido para viver..., só resta morrer... ou matar... Todo homem, no entanto – até aquele que hoje vive em função do lucro – tem potencialmente a capacidade de amar o seu semelhante. O que falta para que cada um de nós venha a aderir à ideologia do respeito ao outro? O que nos falta para recriarmos vínculos uns com os outros?

II

Reflexões provocadas por observações
registradas ou experiências vividas

7

O ponto de partida: a situação atual do mundo ocidental

Exploradores e explorados sempre existiram. Em época primitiva, quando os humanos viviam do que caçavam e plantavam, talvez tal diferença não fosse tão flagrante. Contudo, com o inicial desenvolvimento da tecnologia na era da industrialização, tornou-se evidente a discrepância entre os proprietários das fábricas e seus operários, os trabalhadores. Marx descreveu muito bem tal época e, de algum modo, contribuiu para aumentar a consciência individual e coletiva sobre o fato. Para a defesa dos trabalhadores, surgiram sindicatos organizados e até governantes que procuraram implantar medidas protetivas. Alguns governos adotaram ações mais radicais, como, por exemplo, os comunistas, que extinguiram a propriedade privada. O mundo ocidental dividiu-se em capitalismo e comunismo, ambos denominando-se democratas. E, bem ou mal – mesmo que mantido o binômio exploradores e explorados! –, havia certo equilíbrio ou “respeito” de uma parte em relação à outra.

Ocorre que, financiada pelos detentores do poder, a tecnologia avançou, conferindo-lhes mais poder numa proporção inimaginável até então. Destaco os avanços nos meios de transporte, nos meios de comunicação e na geração de máquinas substitutivas da mão de obra humana. As pessoas passaram a se deslocar e a se comunicar com mais facilidade, entretanto, começaram a perder postos de trabalho para as máquinas que as substituíam. Reduziu-se a oferta de empregos e aumentou

substancialmente o fluxo de indivíduos à busca de trabalho remunerado. Este quadro de desemprego, obviamente, propiciou a contratação de mão de obra por valores inferiores aos até então praticados. Em consequência, os sindicatos perderam força. As empresas usavam a tecnologia para se tornarem mais competitivas e, também, para reduzir os gastos com os trabalhadores.

O poder concentrado permitiu que se atuasse em duas áreas fundamentais para ensejar maior produtividade e maiores lucros: os governos e a mídia. Sobre os governos, cresceu a pressão para reduzir benefícios sociais atribuídos à responsabilidade das empresas e, também, flexibilizar o fluxo de capitais, reduzindo-se sua tributação e suas barreiras. Pela mídia, desenvolveram-se intensas e eficientes campanhas, por um lado estimulando o consumo e, por outro, desacreditando o setor público (alegando-se que “precisava” ser privatizado), fato que, em muito, ampliou o campo de ação dos bancos e das empresas privadas. De tal forma a estratégia foi exitosa que, hoje, o mundo ocidental tornou-se um imenso balcão de negócios, gerido por grandes, mas poucos, investidores que “determinam” o que as pessoas devem consumir e o que os governos devem fazer, ou melhor, o que não devem fazer em defesa dos interesses coletivos, visto que são sempre pressionados a reduzir seus gastos sociais.

Diante deste quadro, qual a saída? A solução é acabar com a tecnologia?

8

Temas para reflexão

A solução é acabar com a tecnologia?

A tecnologia veio para ficar. Seus benefícios, em praticamente todos os campos da ação humana, são muitos e expressivos. O problema é a forma como vem sendo usada, que causa grandes estragos – seja com consequências ambientais, seja com consequências sociais.

O uso indiscriminado da tecnologia vem produzindo degradação ambiental intensa e perigosa nas florestas, nas águas, no ar, diminuindo a quantidade de água potável e de ar puro. Grandes e negativas são as repercussões sobre a saúde humana e planetária.

A desigualdade social continua crescendo e, apesar de todos os recursos tecnológicos disponibilizados, o número de pessoas com acesso efetivo e garantido aos mesmos é muito pequeno. Cito apenas um: o acesso à saúde. É inadmissível que se consiga pagar cerca de um milhão de reais por mês a um artista de televisão, ou a um jogador de futebol, e que não se consiga garantir o mínimo de saúde a tantas e tantas pessoas do interior ou das grandes cidades. É inadmissível o mundo que, conseguindo garantir lucros crescentes a grandes empresas e a bancos privados, tenha de reduzir cada vez mais os salários, as aposentadorias, os benefícios sociais dos trabalhadores.

O discurso de que falta dinheiro é falacioso. Dinheiro existe e em grande quantidade. Só que existe nas mãos de meia dúzia de pessoas que, movidas por uma insaciável ganância,

usam do poder que têm para corromper, subornar todo aquele que, de alguma forma, signifique um obstáculo à realização de seu voraz desejo. E assim, passo a passo, aprovam-se leis que privilegiem este pequeno grupo de afortunados que explora ao máximo seus empregados, reduzindo-lhes os benefícios sociais. Corrompem-se governantes para que se concedam favorecimentos ilícitos, para que se entreguem os “mercados” – que seriam direitos coletivos como saúde, educação, estradas, recursos naturais (água, energia, minerais) – a uma pequena parcela da sociedade que, detendo o poder econômico, lança mão dos meios de comunicação social para iludir as pessoas e seduzi-las na direção de um consumo desenfreado e pernicioso. Criam-se necessidades que não existem e impõe-se à população o discurso que só à elite interessa.

Que bom seria se esta minoria fosse também ética e solidária com aqueles que lhe garantem o poder e a riqueza. Certamente não seria tão poderosa, mas talvez o mundo – em que vive e do qual precisa – pudesse caminhar numa direção mais saudável e ecologicamente viável. Se assim fosse, a tecnologia seria um fator importante na construção desse novo mundo.

Competitividade e ética

Parafraseando o poeta, “Competir é preciso, vencer não é preciso”. Competir é disputar, concorrer, lutar; mas nem sempre é vencer, ganhar. Competir implica ação e risco. Risco de não ganhar; ação para aumentar ao máximo a probabilidade de vencer. Ação demanda estratégia, objetividade, pragmatismo, empenho, obstinação, coragem. Agir competitivamente é emocionante por ser um risco...; e por trazer prêmios, poder, lucros, se a vitória for alcançada...; e por gerar decepção, frustração, castigo, se a derrota se afigurar. É difícil competir sem emoção, sem o desejo de vencer, e sem o receio de perder.

Diz-se que o importante não é vencer, é competir. Será? Ou será que o importante seja saber perder. Saber perder significa receber a derrota sem desespero. Sem violência. Sem violência contra o vencedor e sem violência contra as regras do jogo.

Por que se impõem regras à competição? Talvez para resguardar os vencedores da fúria dos derrotados. Talvez para que se preserve, antes que haja um vencedor e um perdedor, a integridade e a sobrevivência dos que estão na disputa. As regras parecem salvaguardar o outro da ação de quem, movido pelo desejo de vencer, não vê limites à sua ação, levando-a ao extremo de destruir ou tripudiar sobre o adversário, que é enfrentado como inimigo mortal.

Talvez possamos chamar ética ao conjunto de regras que visam à preservação do outro. O desejo de vencer é regulado por normas, preceitos, atitudes que objetivam manter a integridade e a sobrevivência dos que competem. Antes, durante e após a competição, a ética marca presença para permitir que este anseio natural, que é o desejo de vencer, realize-se sem que seus resultados sejam predatórios, destrutivos daqueles que dela participam. Não é, todavia, o que se constata na prática. O desejo de vencer parece “subir à cabeça” e, então, as ideias de domínio, superioridade, prepotência e ambição estimulam o indivíduo a romper com as regras, ou a mudá-las segundo seus próprios interesses.

Vejo na natureza algo interessante: o organismo produz, eventualmente, células que tendem a se reproduzir desordenadamente e a invadir as demais células, destruindo-as. O próprio organismo defende-se por intermédio de outras células, cuja função é identificar e matar as células invasoras. Não obstante a vigilância, por vezes as células invasoras acabam prevalecendo até o completo domínio do organismo que, nesse momento, morre. E com ele, as células invasoras. Metaforicamente, eu poderia falar num equilíbrio procurado

pelo organismo e que visa moderar a ação das células invasoras. Assim ocorre na sociedade: sem equilíbrio a sociedade não sobrevive.

Competir eticamente é, pois, optar pela vida. Competitividade e ética precisam conviver, compartilhar, dialogar. Aprender a administrar tamanho dilema – que contrapõe o desejo de ser reconhecido e aceito pelo outro à vontade de dominá-lo e subjugá-lo – é educar-se. Dilema existencial, porque somos o outro do outro. Dilema nem sempre percebido e, não raro, superado pelo desejo irracional de vencer a qualquer preço e de que, em se tratando de nós, melhor seria que o outro se preocupasse com nossa integridade e sobrevivência. Ou seja, que o outro fosse ético conosco. Afinal, eu sou o outro do outro. Serei capaz de competir eticamente?

A ciência a serviço de quê?

Nosso tempo está, inexoravelmente, marcado pelo avanço do conhecimento científico, que é produzido a partir de procedimentos objetivos, passíveis de mensuração e demonstração. Vive-se uma ruptura entre o conhecimento experimental, replicável, materializado, e o conhecimento intuitivo, especulativo ou abstrato da filosofia e da religião.

A sensação que se tem é a de que tal ruptura funcionou como um “soltar os grilhões” que amarravam o homem, e a prova é o desenvolvimento tecnológico que se seguiu. Nunca o homem progrediu tanto em tão pouco tempo. Basta dizer que em 1700, segundo PRICE apud GOODSTEIN (1995), havia dez títulos de revistas científicas no mundo inteiro, já em 1900, havia dez mil e, para o ano 2000, foram previstos um milhão de títulos. O crescimento dos bens de consumo, o avanço da comunicação, a sofisticação dos meios de transporte, o poderio dos armamentos, a era espacial, o desenvolvimento urbano,

os progressos da medicina, tudo isto contribuiu para a emergência e prevalência da visão científica do homem.

A ciência invade os diversos campos da atividade humana, impondo seus princípios e seus objetivos. A ciência quer conhecer os fenômenos naturais para poder explicá-los e neles intervir. A ciência quer agir objetivamente e quer ter liberdade para produzir, para criar. Esses são alguns de seus princípios e objetivos que são desejáveis por qualquer pessoa de bom senso. Seus resultados, muitos deles, são igualmente bem-vindos, bem recebidos. Não é de se estranhar, portanto, que essa visão científica tenha penetrado em nossas casas, em nossas escolas, em nosso trabalho, em nossas cidades, em nossas religiões e em nossas filosofias. As cidades são planejadas cientificamente. As profissões lançam mão dos recursos científicos. A educação volta-se integralmente para a ciência.

Mas todo esse avanço alavancado pela ciência trouxe e traz consequências nem sempre desejáveis ou, até mesmo, ameaçadoras do equilíbrio ambiental e social. O crescimento demográfico é explosivo. A poluição ameaça destruir os recursos naturais e o próprio homem. As fontes energéticas escasseiam. O poderio das armas destruidoras cresce assustadoramente. Ou seja, o homem prepara-se para morrer cercado de incríveis e inimagináveis parafernâlias que ele próprio produziu e que, ao final, incumbir-se-ão de exterminá-lo.

A questão crucial a respeito da ciência e da tecnologia não é a prática em si, pois esta é desejável. Contudo, discutível é o uso que todos nós, cientistas ou não, fazemos dela. A ciência em si não existe. Existem os que a produzem e os que a consomem. É ilusório pensar que a ciência queira apenas conhecer os fenômenos naturais, porque, ao conhecê-los, ela logo se habilita a prevê-los ou a modificá-los.

O argumento de que os conhecimentos científicos são isentos de considerações éticas constitui uma falácia, porque, uma vez divulgados, eles ficam à disposição para serem

utilizados. E como serão aplicados? O que pretendem modificar? O que se pode esperar de tais modificações?

A ciência vê-se atropelada por interesses econômicos e seus resultados deixam de ser imparciais ou protegidos de risco, pois passam a ser utilizados a serviço desses interesses. A própria produção científica encontra-se marcada pela avidez competitiva em publicar, e os congressos acadêmicos são verdadeiros espetáculos de propaganda e marketing. A ciência precisa preocupar-se em continuar servindo à humanidade e deve, ao mesmo tempo, criar mecanismos efetivos que a protejam da ganância de alguns que, às suas custas, procuram se locupletar.

A ciência precisa ter liberdade para produzir, para criar. E cada ser humano quer ter liberdade para viver. E para viver dentro de um clima, de uma atmosfera social e ecológica de bem-estar. A liberdade não pode ser entendida como privilégio de alguns, mas como direito de todos. Dentro dessa perspectiva, cabe a cada um respeitar o direito do outro, dar ao outro, solidariamente, o direito de também ser livre, e não tomar para si, egoisticamente, o privilégio de exercer uma liberdade individual que coloque em risco ou cerceie a liberdade dos demais. Ser livre para produzir armas destruidoras, capazes de pôr em risco o equilíbrio social e ecológico, pode ser uma proposta inteligente no sentido pessoal ou de um grupo, mas nunca uma proposta sábia no sentido de preservar a humanidade e o planeta em que habitamos.

De qual liberdade estamos falando?

Um dos principais valores do ser humano é a liberdade. Todavia, a conquista da liberdade, historicamente, tem sido uma luta constante entre os povos e as nações, sempre culminando no cerceamento da liberdade de alguns.

Numa tentativa de conceituar, eu diria que a liberdade é a possibilidade que tenho de pensar e agir conforme meus desejos, minhas crenças e interesses, sem qualquer forma de coação ou limitação. Considerando que meus desejos, incluindo minhas crenças e interesses, nem sempre coincidem com os de outras pessoas – em algumas circunstâncias, até se chocam com os delas –, sou obrigado a ponderar que o exercício da liberdade, sem qualquer forma de coação ou limitação, é condição extremamente difícil ou mesmo impossível de praticar. Deduzo, então, que o exercício da liberdade não é irrestrito ou absoluto, sem levar em consideração o direito dos outros.

Então, o que fazer com nosso desejo de liberdade? Sacrificá-lo em prol dos outros? Não reconhecer o direito dos outros a também poderem exercer a liberdade? Ou tentar negociar, dialogar com o outro na busca da liberdade possível?

A história da humanidade parece responder que, habitualmente, buscamos impor nossa liberdade de muitos modos: seduzindo, enganando, dominando ou destruindo a liberdade alheia. Às vezes buscamos o reforço de outras pessoas para solapar a liberdade de terceiros.

Assim surgem os conluíus, as facções, as guerras. Assim surgem até leis que, na verdade, não garantem a liberdade, mas só os interesses de um determinado grupo.

Nossa sociedade democrática clama por liberdade e parece caminhar na direção de garanti-la a todas as pessoas. Mas, em nome da liberdade, permite-se que alguns acumulem enormes riquezas, enquanto muitos são obrigados a viver na miséria. O direito à propriedade e ao capital sustenta-se no argumento da liberdade, que estimula a livre iniciativa, mas não estabelece limites que respeitem e garantam o direito de todos à sobrevivência digna. Ao contrário, fazem-se leis que mantêm os privilégios dos poderosos. Afinal, de qual liberdade estamos falando?

Incluo aqui dois outros aspectos que foram lembrados por Carlos Pires Leal ao fazer leitura crítica desta crônica:

“Do ponto de vista da cultura contemporânea e seus ideais, a liberdade de ser si-mesmo fica obstruída ou dificultada, frente, por exemplo, aos ideais prevalentes a respeito da concepção de sucesso que se vincula tanto à imagem de um corpo saudável e magro – referendado por preceitos científicos –, quanto ao consumo de saberes e de imagens a ele ligados.”

“Do ponto de vista da concepção (psicanalítica) do homem, a liberdade é uma direção, uma aspiração tão impossível de ser satisfeita quanto o próprio desejo, posto que nós somos falhos, incompletos, conscientes da finitude. Em outras palavras, bichos desamparados por sua própria natureza. Neste sentido, a falta de liberdade e a consciência das limitações dela não são, necessariamente, algo a se lamentar...”

Precisamos, sim, de liberdade! Não serão os regimes totalitários que trarão a solução, até porque negam o princípio fundamental da liberdade dos cidadãos. Penso que a solução está no aperfeiçoamento do regime democrático, na persistente tentativa de resolver os conflitos por negociações e acordos, mas, sobretudo, pela incessante luta de cada um de nós para controlar o impulso egoístico de posse e de conquista, contrabalançando-o com o estímulo gregário, de solidariedade e de cuidado.

Individualidade e individualismo são diferentes?

Sim, são diferentes. A individualidade é o que nos constitui como pessoa única, singular, mas que se desenvolve em relação com os outros que cuidam de nós, quando bebês, e nos apresentam ao mundo. Na verdade, desde que nascemos até nos tornarmos adultos, caminhamos da dependência para a independência, melhor dizendo, para a interdependência (WINNICOTT, 1983). Eu diria que nossa singularidade constitui-se na relação com o outro, por meio do *"holding"*, isto é, cuidados oferecidos ao bebê pela mãe. A mãe amamenta, cuida, protege. A mãe e as demais pessoas em volta do bebê, por meio dos cuidados, vão oferecendo subsídios à criança para que, gradativamente, ela seja capaz de gerir a si própria. Aos poucos a criança vai adquirindo conhecimento sobre si e o mundo e, afinal, torna-se autônoma para gerir sua própria existência.

Entretanto, durante toda a vida, embora diferenciados e autônomos, continuamos a precisar dos outros, pois jamais nos tornamos autossuficientes. A necessidade de *"holding"* permanece e torna-se mais evidente em situações de vulnerabilidade como a doença e a velhice.

Todo ser humano vive, portanto, uma tensão constante entre querer ser singular, único, pessoal e, ao mesmo tempo, querer ser membro de uma coletividade da qual se sinta parte, igual, solidário, interdependente. A pessoa que somos é, ao mesmo tempo, única e igual aos outros. Depende de si, mas depende dos outros. Em algumas circunstâncias, quando o indivíduo não se sente cuidado, a tendência é buscar nas coisas, nos objetos, a *"compensação"* para a falta desse cuidado. Em certo sentido, perde-se a noção de individualidade, de singularidade e, em consequência, perde-se, também, a noção do outro enquanto ser que cuida. A isso, eu chamo de individualismo. O indivíduo volta-se para si mesmo (ou para as coisas) e desconsidera os outros enquanto *"objetos de cuidado"*.

Penso ser o que prevalece na sociedade de hoje. Muitos de nós perdemos o senso de respeito, de preocupação e de cuidado em relação aos outros. Tornamo-nos egocêntricos, egoístas. Voltamo-nos para as coisas como se fossem verdadeiras pessoas, e buscamos avidamente sua posse e consumo. Vivemos a modernidade líquida, no dizer de BAUMAN (2001). Tal fato parece provir do tipo de sociedade competitiva e consumista que predomina nos dias de hoje. A competição coloca as pessoas umas contra as outras e as coisas passam a ter lugar de destaque como “objetivo” de vida.

O individualismo acaba por bloquear a individualidade. A interdependência solidária e ética dá lugar à pseudoind dependência, quando nos consideramos donos da verdade, dos objetos e até das pessoas.

A individualidade “adoece” porque se rompem os vínculos e os princípios que sustentam as relações coletivas, e o individualismo passa a predominar na busca dos objetos, que se tornaram objetivo de vida, justificando a conduta ansiosa e ávida pela posse e consumo de bens e, também, as atitudes de desinteresse e descrédito como, por exemplo, a corrupção e o mau uso dos recursos públicos. A individualidade “adoece” quando deixamos de amar, de interagir com a natureza e com as pessoas, cuidando e sendo cuidados. Sobrevive o individualismo que é a parte amputada de nós mesmos e que se manifesta pela sensação de vazio existencial, de algo que parece nos faltar e que tentamos preencher com as coisas. Esforço vão, porque nossa individualidade realiza-se na relação com os outros, por meio das trocas amorosas de cuidado, de respeito e de consideração, como aquelas que, enquanto nós éramos bebês, propiciaram-nos sobreviver como humanos.

O processo de socialização e o mundo que muda a cada instante

A socialização consiste no processo de introjeção das normas e valores que orientam o comportamento do indivíduo em suas interações com o mundo e a sociedade. O homem aprende a renunciar ao prazer momentâneo, incerto e destrutivo, substituindo-o pelo prazer adiado, restringido e garantido. Deixa de ser um “ser fisiológico” e passa a ser um “ser social”. Tal movimento parece dever-se a um impulso irresistível de lidar com o caos proveniente dos estímulos sensoriais percebidos e não controlados, o que ocasiona a necessidade de nomear, de atribuir sentido às coisas. A percepção torna-se seletiva e significativa. Uma rede de conceitos, de valores e normas vai sendo tecida, formando a base do que se chamará sociedade.

Irrecusavelmente colocado diante da necessidade de suportar e lidar com o “caos” que se estabelece à sua volta, o homem começa a selecionar suas percepções e a classificá-las. Basicamente, lança mão de dois recursos: da diferenciação e da comparação. Cada percepção vai sendo diferenciada das demais e vai sendo comparada com a percepção dos outros. Havendo coincidência de percepção, esta assume o caráter de norma e de significado. A norma, além de ter o poder de exercer controle sobre a coisa percebida, pode ser comunicada, expressada e aceita entre os “iguais”. Vai sendo, desse modo, tecida a rede de significações e interações, de normas e valores que constituem, em si, a base ou estrutura da sociedade.

A cultura consiste na substituição do aleatório pelo organizado, garantindo a existência do grupo humano como grupo. Por organização Lévi-Strauss entende presença e atribuição de sentido. Para ele, a organização fundamenta-se no conjunto de normas que estipulam, instituem e convencionam valores e significações que possibilitam a comunicação dos indivíduos e grupos sobre um terreno comum. As relações sociais,

que consideraríamos funções de uma realidade “objetiva”, na verdade, supõem outras que são “concebidas” e que representam os sentidos que essas realidades vividas, “objetivas”, atribuem-se. O mundo “real” é inconsciente, constituído a partir dos códigos da sociedade que o transformam, indo de suas dimensões sensíveis a dimensões inteligíveis, permitindo estabelecer limites e direções de comportamento entre os indivíduos e instituindo a ordem num terreno antes indiferenciado.

A sociedade não é, portanto, simplesmente uma “coisa”, mas uma construção do pensamento. As relações sociais envolvem crenças, valores, expectativas, tanto quanto interações no espaço e no tempo. Esses sistemas de representações e, também, sua lógica são introjetados nos indivíduos pela educação, de forma a fixar as similitudes essenciais que a vida coletiva supõe, garantindo, dessa maneira, certa homogeneidade ao sistema social. Tais categorias de pensamento coletivo são, pois, verdadeiras instituições fixadas em nossas almas pelo processo de socialização.

Para Durkheim, o indivíduo é um sistema de instintos que tende à desagregação quando sua energia não está subordinada a uma ordem normativa específica, sendo a socialização o processo que realiza, em nós, o ideal pedagógico da nossa sociedade. Para Freud, o homem aprende a renunciar ao prazer momentâneo, incerto e destrutivo, substituindo-o pelo prazer adiado, restringido e garantido.

A socialização é o processo por meio do qual uma criança torna-se membro da sociedade. Uma pessoa pode ser considerada socializada quando abre mão de sua autonomia fisiológica em favor do controle social, e quando se comporta a maior parte do tempo como as outras pessoas, seguindo normas culturalmente estabelecidas. O treinamento educativo consiste, por meio de recompensas ou castigos concretos ou abstratos, em introjetar determinados valores e regras nos indivíduos, os quais orientarão, nestes, o comportamento e as

relações com o mundo e com a sociedade. O cumprimento das regras transforma-se de obrigatório em desejável, porque, não havendo indivíduo sem sociedade, aquele não pode negá-la sem negar-se a si mesmo.

A diversidade de ambientes, a variabilidade nos modos de perceber e se adaptar à realidade, a própria necessidade de estabelecer diferenças e comparações, conduzem o homem a se reunir em grupos regidos pelas mesmas leis, pelos mesmos valores, opondo-se àqueles que não se deixam guiar pelos mesmos valores e leis. Instituem-se, desse modo, as diferenças sociais que, se por um lado distinguem comportamentos e relações sociais, por outro lado parecem exercer a função de afirmar, para cada grupo, os seus próprios comportamentos.

O processo de socialização primária fornece ao indivíduo o seu “mapa” de conduta que, de modo significativo e inconsciente, deve dirigi-lo em seus comportamentos, expectativas e valores, e que estará sendo, a cada instante, confrontado com a complexa rede de atitudes e crenças constituintes da sociedade atual em que se insere. Quanto mais a sociedade muda, maior esforço adaptativo cada indivíduo deve fazer para se manter membro dessa sociedade. Esse é o desafio que todos temos que enfrentar diante das rápidas e intensas mudanças que vivenciamos e que tão bem foram descritas por Alvin Toffler no livro intitulado *O choque do futuro*.

Estamos aptos a “processar” tantas mudanças? Quais repercussões poderão ocorrer em nossos corpos, nossas mentes, nossos valores e, até mesmo, em nosso planeta?

Atualmente, tudo está em transição, em questionamento, obrigando-nos a um esforço constante para nos posicionarmos diante das coisas e das pessoas, das regras e dos valores sociais. É como se tivéssemos de nos redescobrir a cada momento, a cada momento... movidos pelo mundo que muda a cada instante, a cada instante...

O mundo de hoje e suas repercussões sobre profissionais de saúde e seus clientes*

Pensar no mundo de hoje implica considerar três aspectos: velocidade; tecnologia; capital. Velocidade cada vez maior em produzir bens e informações. Velocidade cada vez maior dos meios de transporte e comunicação na difusão desses bens e informações. A produção tecnológica aumentada promove disputa por sua geração e aquisição. E promove disputa pelo capital. Cresce a competitividade e a concentração de riqueza nas mãos de um grupo cada vez menor. A produção biotecnológica tem provocado impactos sobre o indivíduo e a sociedade, não só expressos pela maior expectativa de vida – a partir do aprimoramento das técnicas diagnósticas e terapêuticas – como por modificações substanciais na estrutura corporal e psicológica, em decorrência de diretas intervenções nos órgãos humanos, na possibilidade reprodutiva e, até, no código genético.

Os seres humanos veem-se diante da quebra da identidade pessoal, da ruptura dos vínculos e normas sociais, da aceleração existencial traduzida pelo consumismo, competitividade, premência de tempo, além de flagrantes desequilíbrios sociais, como: violência, drogas, xenofobia, desemprego e desigualdade de renda. O mundo parece transformar-se num grande balcão de negócios, nele incluído o sistema de saúde. As pessoas em geral – incluindo os profissionais de saúde – estão atônitas à procura de si mesmas. É de se esperar que o relacionamento profissional-cliente sofra sérios abalos. Pode-se prever que, num mundo tão individualista e competitivo, as pessoas – mais uma vez incluídos aí os profissionais de saúde – revelem dificuldades crescentes no exercício de vínculos

* Adaptado do livro: CAMPOS, Eugenio Paes. *Quem Cuida do Cuidador*. 2ª ed. Teresópolis/São Paulo, UNIFESO/Pontocom, 2016.

próximos, íntimos e afetivos; que a tensão na busca de “um lugar ao sol” afaste cada vez mais as pessoas.

Mesmo quando conscientes da importância dessas trocas, nem sempre existirá disponibilidade de tempo. As pessoas de um modo geral, e os profissionais de saúde em particular, andam muito apressados, têm agendas cheias de compromissos que as impedem de manter encontros considerados necessários.

O desenvolvimento tecnológico mudou o âmbito das relações de trabalho em Saúde ao interpor entre o profissional e o paciente uma gama de recursos diagnósticos e terapêuticos altamente sofisticados e que, de imediato, geram conflitos, seja na esfera ética (habitualmente por seu caráter invasivo), seja na esfera financeira (pela possibilidade ou não de acesso).

Quanto ao aspecto financeiro, é de se destacar a transformação da prestação de serviços em saúde pela troca de mercadorias, em que o valor maior deixa de ser o cuidado e passa a ser o lucro. As instituições de saúde são travestidas em empresas com metas a cumprir e lucros a realizar e os pacientes em consumidores que devem se ajustar aos interesses da empresa. A saúde deixa de ser um direito universal e passa a ser um objeto de consumo dependente do poder aquisitivo de quem o demande.

Existem, claro, muitas exceções à regra. Existem sim instituições e profissionais que ainda mantêm a dignidade do trabalho em saúde. A estes, nossa admiração.

Em consequência deste quadro, é de se prever que aumente a necessidade de criarem-se oportunidades para o resgate de encontros tão significativos à constituição e ao exercício humano, como aqueles que propiciem a troca de amor e de reconhecimento, de carinho e de cuidado, de compreensão e de acolhimento.

Educação pública ou privada?

Sou da época em que havia ótimas instituições educacionais públicas. Ainda hoje algumas existem. Também acompanhei o desenvolvimento de instituições privadas, algumas de excelente padrão. Em princípio, tanto faz que a educação seja pública ou privada, importante é que ela seja de boa qualidade. E, tão importante quanto, que seja de fácil acesso, economicamente falando. Todavia, não é o que vem acontecendo. Hoje, cerca de 70% das instituições educacionais de nível superior são privadas, mas nossa população não é constituída de 70% de pessoas capazes, pelo poder aquisitivo, de contratar serviços privados. O governo entendeu isso e criou o FIES (Fundo de Incentivo à Educação Superior), mas logo, alegando falta de recursos, cortou, significativamente, o montante a ser financiado. E as instituições privadas também alegam falta de recursos para absorver esses alunos, mas algumas delas continuam a crescer em termos de instalações e lucros.

Diante disto, conclui-se que, na verdade, o que querem dizer é que não podem sobreviver sem lucro. Mas, então, quem financia os estudantes que, sem apoio social, não conseguem sobreviver dignamente na sociedade em que vivem? Por que faltam recursos às instituições educacionais públicas? Essas não precisam de lucro, tão somente necessitam de uma administração ética e competente e de recursos suficientes para oferecer ensino de boa qualidade. Tais recursos precisam vir, necessariamente, da sociedade produtiva, como cota de contribuição ao coletivo do qual participam e do qual extraem seus recursos de sobrevivência. Parte dos lucros auferidos pela iniciativa privada precisa ser destinada ao bem-estar social e compete aos governos administrá-la com probidade.

O que se observa, todavia, é o crescimento significativo de algumas instituições de ensino privadas, associado à falta de financiamento suficiente para as instituições públicas,

impedindo ou dificultando o acesso de um grande número de jovens à Educação, em função da situação socioeconômica precária em que são obrigados a viver.

Diante desta engrenagem, negar-se a custear, pagar tal contribuição social é ato tão nefasto quanto o de malbaratar os recursos públicos disponíveis!

Governar é preciso!

Uma falácia que se tenta impingir é a do “Estado mínimo”, isto é, que um país deveser “governado” pela livre iniciativa e sem interferência do governo. Vários são os argumentos, tais como: as barreiras impostas pelo poder público que reduzem a velocidade e a competitividade das empresas; o mau uso do dinheiro público, malbaratado por falta de adequado planejamento e fiscalização; a excessiva carga tributária que, em consequência, recai sobre a sociedade produtiva, sobrecarregando-a de encargos e custos, diminuindo-lhe, assim, a lucratividade.

Ocorre que a livre iniciativa tem trazido, sim, desenvolvimentos notáveis em várias áreas, mas não tem sabido compartilhar os lucros com o conjunto da sociedade. Se houvesse tal compartilhamento, não haveria (como ainda hoje há) milhões de pessoas que, mesmo acima do nível de miséria, não conseguem alcançar as condições adequadas de qualidade de vida. Vê-se que as desigualdades de acesso aos bens produzidos são abismais e crescentes.

Não é difícil entender esta lógica. O princípio da livre iniciativa é produzir para lucrar, e lucrar em benefício próprio. A partir do direito à propriedade (e sendo este extensivo a tudo que o dinheiro permitir comprar), a tendência é que a capacidade de lucrar favoreça o acúmulo crescente de bens numa só pessoa ou num só grupo. Formam-se nichos de riqueza, muita riqueza, e bolsões enormes de carência e miséria.

Só existem duas possibilidades para que esta concentração de riquezas não aconteça, a saber:

a) os detentores da riqueza, por livre iniciativa, devem compartilhar seus lucros com a sociedade que lhes propiciou ganhar;

b) os governos devem exercer a função moderadora, estabelecendo limites e regras para que as condições suficientes de qualidade de vida sejam garantidas ao conjunto da população. E esta função constitui o principal papel do governo, do poder público, investido pela sociedade para representá-la e defendê-la. O objetivo do governo deve ser o de fazer o grupo social produtivo dar sua contribuição ao bem-estar da sociedade como um todo, garantindo-lhe acesso aos recursos promotores desse bem-estar. Para tal, medidas devem ser tomadas: taxação sobre lucros excessivos e movimentação de capitais; fixação de normas que estabeleçam obrigações sociais dos empregadores em relação aos empregados e usuários dos serviços oferecidos. Compete ao governo, com os recursos advindos das taxas e impostos recolhidos, administrar serviços públicos essenciais à população, tais como saúde, educação, moradia, transporte, alimentação, segurança, lazer e aposentadoria.

É evidente que o dinheiro arrecadado tenha, obrigatoriamente, de ser bem aplicado, evitando-se gastos excessivos, supérfluos e, também, o desvio desses recursos para benefícios pessoais. Mas, logicamente, não há governo que consiga fazer boa administração se não dispuser de recursos financeiros minimamente suficientes. Combater a má administração pública é uma obrigação indiscutível, entretanto, recusar-se a pagar impostos é eticamente muito reprovável. Neste último caso, o que se pretende é aumentar os lucros privados e inviabilizar o poder público. Isto pode interessar a uma parcela privilegiada da população, mas certamente não interessa ao conjunto da sociedade que, afinal, contribui para a produção geral da riqueza.

Sem governo forte, a sociedade como um todo enfraquece. Governar é preciso!

O que dizem as ruas?

Assistimos, no dia 13 de março de 2016, a uma das maiores manifestações de rua já ocorridas em nosso país. As palavras de ordem eram: “Fora governo” e “Fora corrupção”. Obviamente, tais palavras estavam articuladas, interligadas, afirmando que a corrupção deveria ser banida e, com ela, o governo corrompido.

Quanto à corrupção e à forma suja de fazer política que vivemos em nosso país, há muitos e muitos anos, o clamor contrário é imperioso e inquestionável. A começar pelo vergonhoso financiamento eleitoral privado que atrela os eleitos aos financiadores de suas campanhas. Acresça-se o sistema de representatividade que é bastante falho, mas não consegue ser modificado por influência dos que dele se beneficiam. Tudo isso fica agravado pela impunidade que, em parte, é garantida pelas leis vigentes e pelo poder político que “abafa” as irregularidades dos que fazem parte do “*status quo*”.

Aqui, destaca-se a esperança manifestada nas ruas de que tal impunidade possa, afinal, chegar ao fim, com a penalização efetiva dos corruptos e com a necessária devolução de tudo o que por eles foi roubado da coletividade. Infelizmente, este é só um lado do problema e, claro, não pode ser subestimado ou malbaratado. Mas o outro lado, que não aparece ou que não se quer reconhecer, é o aproveitamento da situação por pessoas que, simplesmente, pretendem retirar do poder o grupo atual para ocupá-lo, com as mesmas práticas corruptas e o mesmo jogo sujo da política, tudo novamente acobertado pelos que vierem a assumir, em substituição, o poder.

Ainda outro lado, que não aparece ou que não se quer reconhecer, é a perda de um projeto político de inclusão social de todos os cidadãos, garantindo-lhes o acesso aos direitos básicos. É claro que se os atuais governantes foram corruptos, eles devem ser punidos, mas o que não se diz (porque não

convém!) é que existe outro projeto ávido por botar as mãos num país que, além de rico em bens naturais, pratica política de mão de obra barata. O “mercado” está com os dentes afiados à espera desse “bom bocado”, mas, por conveniência, tal intento só será explicitado depois que o atual governo (que em alguns momentos conseguiu avançar nas conquistas sociais) estiver totalmente dominado.

Queira Deus que eu esteja errado e possa, futuramente, em reconhecimento do meu erro, escrever outra crônica. Agora, gostaria de visualizar uma nova saída que pudesse, efetivamente, acabar com a corrupção e o jogo sujo da política, preservando, ao mesmo tempo, um projeto político de inclusão social e de garantia dos direitos básicos a todos os cidadãos. Se neste momento conseguirem demonstrar que este é o desejo do atual grupo político de oposição, reconheço desde já o meu equívoco.

A ditadura do capitalismo

Será que, em nome da liberdade e da livre iniciativa, estamos caminhando para uma ditadura? Se a democracia pretende ser o sistema que propicia a todos os cidadãos, sem exceção, acesso aos direitos básicos de um viver digno, resta-nos perguntar: É isso que a maioria da sociedade humana desfruta hoje? Se 70 a 80% das pessoas ainda vivem na miséria, onde está a democracia?

Sob o título de democracia, caminhamos hoje na direção de uma ditadura: a ditadura do capitalismo. O mundo atual, movido pela tecnologia, ampliou em muito a oferta de bens e serviços produzidos e a consumir, ao mesmo tempo em que favoreceu a substituição da mão de obra humana pelas máquinas, fortalecendo, assim, a iniciativa privada e os detentores do capital. Por sua vez, os meios de comunicação, cada vez

mais rápidos e mais abrangentes, influenciaram intensamente a opinião pública, fomentando crenças e atitudes que atendem aos interesses dos detentores do capital. Capital gerou tecnologia e tecnologia gerou capital.

Tudo isso vem provocando acúmulo de riqueza nas mãos de um número reduzido de indivíduos que, desse modo, adquire poder e força capazes de influenciar pessoas e governos na direção que lhe convém. A face visível deste tipo de poder é o mercado financeiro. As agências de crédito jogam com o dinheiro que possuem (e é muito dinheiro!), forçando ações e decisões que lhes interessem e que lhes permitam maiores lucros. Em última análise, aumenta-se o montante de um capital, cada vez mais acumulado, à custa de uma voracíssima competitividade, de uma degradação dos recursos naturais e de um persistente e crescente número de miseráveis, em condições sub-humanas de sobrevivência.

O paradoxo dessa ditadura é que não existem ditadores imediatamente identificados, nem ações de força como tal reconhecidas. A face visível do sistema é também sua face invisível na medida em que a Bolsa de Valores é aberta a quem queira jogar e as agências de crédito reservam-se o direito de emprestar a quem quiser. Mas sob o disfarce de liberdade, de livre iniciativa, da supremacia do “legalmente” instituído, pressionam-se os legisladores, os juízes e os governantes, de forma velada ou declarada, a “rezarem conforme a ditatorial cartilha”. E inebriam, embriagam a nós todos com as belezas e os prazeres do consumo fácil e imediato, ao mesmo tempo em que nos obrigam a trabalhar mais, ganhar menos, ter menos acesso à saúde e à educação públicas e, também, a pagar para transitar pelas estradas que, obviamente, deveriam ser públicas.

Excessivas quantias de dinheiro são gastas para eleger os representantes públicos e estes, uma vez eleitos (salvo honrosas exceções!), fazem o que lhes determinam os seus financiadores de campanha e não o que deles esperam seus eleitores.

A prática comum é assim resumida: “ao amigo tudo, ao inimigo, a lei”. Lei que privilegia injustamente os poderosos, autorizando-os a fazer o que quiserem, mas, hipocritamente, sempre em nome e com base na tal lei!

E assim continuamos a acreditar em falácias, e em falácias como estas: vivemos numa democracia e, sob sua custódia, elegemos livremente quem queremos; os por nós eleitos defendem, efetivamente, os nossos interesses; a existência da miséria e da degradação ambiental não nos diz respeito, não é da nossa conta.

Onde está o dinheiro?

Falta dinheiro para investir na saúde e na educação. Falta dinheiro para remunerar adequadamente os profissionais. Sobra dinheiro, no entanto, para construir estádios e remunerar jogadores de futebol e, também, para financiar a Fórmula-1.

Será verdade que um só jogador de futebol chega a receber R\$ 1.000.000,00 por mês? Será verdade que, aproximadamente, 50% de toda a riqueza do mundo se concentra em menos de 5.000 pessoas?

São muitos os iates, as mansões e joias que existem espalhados pelo mundo. Como é muita a miséria que atinge milhões e milhões de pessoas.

Afinal, onde está o dinheiro?

Está nas mãos de poucas pessoas que se apoderam da tecnologia e com ela conquistam os meios de comunicação; que substituem o trabalho humano pelas máquinas; que pressionam os governos a obedecerem às suas regras; que escravizam a grande maioria da humanidade.

Tal minoria privilegiada propugna a liberdade, mas não respeita o direito das pessoas à dignidade. Queixa-se dos gastos públicos para não pagar impostos. Quer a desregulamentação

das leis de proteção social para se desobrigar do compromisso com seus empregados.

Pagar menos impostos ao Governo e deixar de pagar as obrigações sociais dos empregados são ações que, se aumentam os lucros, também aumentam o empobrecimento da população trabalhadora. Negar aporte de dinheiro aos governos gera, em consequência, a falência dos serviços públicos e sua apropriação pela iniciativa privada, ávida de avançar em mercados garantidos como a saúde, a educação, os transportes. Transferir a indústria para países com mão de obra barata (como na Ásia e na África) é uma forma de aumentar lucros à custa da exploração das pessoas que lá vivem e, ao mesmo tempo, um jeito de deixar, em países que procuram preservar a dignidade e o direito à vida dos seus cidadãos, tantas outras pessoas desempregadas.

Os donos do dinheiro, substituindo o trabalho humano pelo das máquinas, mantêm ou aumentam seus lucros e, também, os números do desemprego.

Os mesmos donos do dinheiro utilizam os meios de comunicação para convencer as pessoas de que a vida é um negócio; de que o objetivo de cada um deve ser produzir, competir, lucrar, consumir; de que os recursos públicos são mal aplicados e que o livre mercado trará a almejada realização material. E, com tais argumentos, conseguem que as pessoas trabalhem cada vez mais, corram cada vez mais, desconsiderem os direitos dos outros cada vez mais e que, como lenitivo, consumam cada vez mais.

Os donos do dinheiro são aqueles que utilizam a força da riqueza acumulada para subjugar, corromper governos, empresários, políticos, intelectuais, artistas, profissionais liberais e trabalhadores de um modo geral, pressionando-os a cederem aos seus ditames e interesses. Até que surja, em cada um de nós, a exaustão, o esgotamento da energia investida distorcidamente. Até que o sentimento humano, em chama

de desprendimento e solidariedade, resistindo e mantendo-se aceso no recôndito de cada indivíduo, recrudescça para dizer NÃO à falácia consumista; para dizer NÃO ao embuste, à ganância e à hipocrisia! Só então, poder-se-á bradar, proclamar um SIM à Vida: à própria e à dos outros.

O que queremos “dizer” com nossa agressividade?

A agressividade é um dos impulsos básicos dos seres humanos. Pergunto-me se tal impulso, primariamente, serve apenas à destruição, ou se serve, também, para ajudar o indivíduo a se defender e a sobreviver.

Sou dos que defendem a ideia de que – pelo menos em algumas pessoas e em algumas circunstâncias – a agressividade destrutiva, excessiva e incontida seja manifestação de que algo não vai bem. Entendo-a como uma forma de “falar” a respeito das insatisfações, frustrações ou carências que as pessoas carregam em si. Este é o meu ponto de vista em relação à agressividade que se constata nos dias de hoje e que me parece tão mais liberada. Antigamente, na época em que fui criança e adolescente, a agressividade era contida. As relações familiares e sociais eram mais repressivas.

São vários os fatores que contribuíram para a atual exteriorização da agressividade: o desenvolvimento tecnológico propiciou mudanças significativas no ritmo da vida e nas normas sociais que a regulam; o mundo está mais apressado, a competitividade acentuou-se e o nível de estresse aumentou; os laços sociais e familiares aluíram-se; as atitudes agressivas passaram a ser mais difundidas e produzidas pelos meios de comunicação; a repressão social diminuiu.

A consequência tem sido a crescente onda de violência, que vem atingindo, sobretudo, as cidades, mas não poupando

as regiões rurais, interioranas. Assaltos, estupros, sequestros, assassinatos tornaram-se rotina onde quer que estejamos e os sistemas de segurança passaram a fazer parte da paisagem urbana.

O uso de drogas, que considero manifestação de auto-agressão, avança, principalmente entre os jovens e no mundo inteiro.

O próprio comportamento corriqueiro que envolve as relações interpessoais parece estar cada vez mais marcado por insultos, desconsiderações, descortesias e desatenções. As pessoas parecem preocupar-se cada vez menos com os direitos, os espaços e os sentimentos dos outros. Observo isso nas ruas, nas escolas, nos postos de saúde e até no ambiente familiar. As crianças e os jovens andam mais irritadiços, têm grande dificuldade de conviver com limites e parecem achar que tudo lhes é de direito. Já os adultos agem, socialmente, como se sempre estivessem certos e no exercício dos seus plenos direitos.

Parece haver certa indiferença em relação aos sentimentos alheios e certa impaciência com as atitudes e reações dos outros. Os velhos, por exemplo, limitados pela exiguidade do tempo, cada vez recebem menos atenção e mais impaciência, porque não reagem conforme a velocidade e a maneira pretendidas pelos mais jovens.

Os espaços públicos não são respeitados como tais e as pessoas autorizam-se, por exemplo, a ocupar os degraus de uma escada, indiferentes à necessidade de circulação dos que por ela precisam transitar. E como se autorizam a usar as ruas, como se fossem praças, calçadas e depósito de lixo? E como se acham no direito de desrespeitar o lugar que lhes compete numa fila qualquer? O mais intrigante (e preocupante!) é que, se admoestadas forem em relação a tais atitudes, ainda ficam muito indignadas e reagem agressivamente.

Pergunto-me, então: Por que convivemos com tanta agressividade, se o mundo e a sociedade têm a oferecer-nos tantas maravilhas tecnológicas e tantas oportunidades prazerosas?

Será que andamos insatisfeitos? Frustrados? O que nos falta? O que queremos “dizer” com a nossa agressividade?

Aonde vamos com tanta pressa?

Por que estamos tão apressados? Por que nossas agendas andam cheias e sempre nos falta tempo para o que pretendemos fazer?

Tenho algumas hipóteses que gostaria de compartilhar. A lógica do mundo atual é produzir-distribuir-consumir cada vez mais e mais rapidamente. O motor desse processo é a competitividade, sendo seu objetivo final, o lucro crescente. A organização do trabalho faz-se, então, acelerando e aumentando o processo de produção e, ao mesmo tempo, reduzindo o número de pessoas envolvidas no trabalho, redução motivada pela ganância de auferir mais vultosos lucros. A resultante é trabalhar mais tempo e de forma mais rápida. Frequentemente são estabelecidas metas a alcançar, ao lado de prazos exíguos para sua execução. Por isso, habitualmente, nossa semana de trabalho é atribulada com sobrecarga de tarefas a cumprir. Tantas vezes, parte desse trabalho é levada para ser cumprida em casa.

Mesmo fora do trabalho, somos atraídos por inúmeras outras atividades, sobretudo aquelas ligadas ao mundo das comunicações. São os *tablets*, *smartphones*, computadores que, com a internet, bombardeiam-nos com uma avalanche de informações, de mensagens, de jogos e vídeos que acabam por ocupar o restante do tempo que tínhamos livre. Não sobra tempo para pensar, para refletir, para nos aprofundarmos em questões que não tenham desdobramentos imediatos. Urge fazer, fazer, fazer!

No deslocamento de casa para o trabalho ou para alguma atividade de lazer, não raro é o trânsito o fator de ansiedade em relação ao tempo. Alguns percursos diários ocupam várias

horas das pessoas. E há os indivíduos que, por residirem numa cidade e trabalharem noutra, veem seu tempo fortemente subtraído por tal deslocamento.

Tudo isto é consequência dos espetaculares avanços do conhecimento e da tecnologia que nos propiciaram uma oferta inimaginável de bens e informações a consumir. Só não nos avisaram é que os dias permanecem tendo apenas 24 horas. É como precisarmos vestir uma roupa e nos apercebermos que não caberemos nela e que, de tão apertada, fatalmente ela acabará por se rasgar, se romper.

Já há livros e livros que ensinam como organizar o tempo e como definir o que devemos priorizar para ocupá-lo. É claro que nos faltará tempo para contemplar, conversar, relaxar, divertir, conviver e “curtir” com as pessoas de que gostamos. Impossível, inclusive, haver momentos para o nada fazer.

Cabe-nos reiterar as perguntas: aonde vamos com tanta pressa? Aonde chegaremos, se continuarmos a viver desta forma? Por que estamos tão apressados?

Resta-nos a reflexiva e intrigante indagação: se ocupássemos o tempo de outras formas, aonde chegaríamos?

Estou conectado

Um dos fantásticos avanços dos dias de hoje é a internet. Por seu intermédio, conectamo-nos com o mundo em tempo real e passamos a receber mensagens e informações sobre tudo e sobre todos.

Se ficarmos durante todo o dia conectados, ocuparemos esse tempo realizando coisas diferentes, tais como compras variadas, solicitação de reservas de passagens, pesquisas de itinerários, movimentação de contas bancárias e, ainda, outras inumeráveis consultas, procuras de informações de interesse pessoal ou sobre os acontecimentos do dia no mundo inteiro.

Navegar na internet é atraente... e viciante. Porque atira-nos a curiosidade sem jamais satisfazê-la plenamente. E é aí que se põem em risco todos os benefícios que ela propicia. Viver conectado à internet implica desconectar-se de outras atividades que nos são importantes e fazem-nos falta também. Desde as básicas, como comer e dormir, àquelas menos visíveis, mas não menos importantes, como o desfrutar do convívio consigo mesmo e com outras pessoas, como o caminhar, como o contemplar, como o relaxar, como o meditar.

Penso que uma das consequências mais preocupantes do uso abusivo da internet seja o estímulo ao individualismo, ao egocentrismo, reduzindo o interesse pelos outros, apagando a chama que se acende quando realizamos trocas amistosas, afetuosas com outras pessoas.

Argumenta-se que a internet é seja facilitadora destas trocas e que muitas amizades constroem-se a partir dos contatos virtuais. Este fato é incontestável, entretanto, em contrapartida, com maior frequência, acontecem verdadeiros desastres que são provocados por contatos virtuais. De qualquer modo, o que nos importa é refletir sobre o uso que fazemos da internet ou, talvez, o melhor seja indagar: qual o uso que a internet faz de nós?

Penso que precisamos muito mais de vínculos do que de conexões. Vínculos se constroem por meio de presenciais encontros com outras pessoas... Encontros que envolvem cuidado, afeição e todos os nossos sentidos.

9

O exercício de pensar

Aprendendo a pensar*

Um dia... eu e minha filha estávamos, frente ao mar, contemplando a beleza de um nascer do sol e ela, pequenina, olhos brilhantes, cheios de vida e alegria, perguntou-me à queima-roupa: – Pai, por que o sol nasce?

Por que o sol nasce? Por que nascemos? Para que vivemos? Por que morremos?

Perguntas, perguntas e uma imensidão de respostas, todas ávidas de conter a certeza, de revelar a verdade. Buscar as respostas, procurar a verdade, descobrir os caminhos. Quem sabe é essa a razão de viver?! Nas trevas, andamos todos de lanternas à mão, perguntando-nos o porquê de o sol nascer.

Fico imaginando cada um de nossos antepassados, acuada dentro de uma caverna ou empoleirado no topo de uma árvore, a se fazer as mesmas perguntas: Onde estou? Quem sou eu? O que faço aqui? Ou, quem sabe... Como me defender? Como me alimentar?

Entre tantas indagações, pergunto-me: – Sabe-se lá qual terá sido a primeira delas! E arrisco-me a afirmar, tomando por base o ocorrido naquela inesquecível manhã frente ao mar, que o questionamento, o pensamento fundamental para chegarmos aonde chegamos foi: – Por quê?

* Adaptação da crônica intitulada “Por quê?”, publicada no livro: CAMPOS, Eugenio Paes. *Entre o pensar e o sentir*. Teresópolis: América Indústria Gráfica, 2013

Porque cada vez que nos inquietamos com a dúvida, ou melhor, com a ignorância, somos, dentro de nós mesmos, motivados a fazer algo, a tentar alguma explicação. Somos impulsionados a agir e a agir de maneira inédita na natureza: agir pensando, reunindo dados e confrontando-os, testando-os, correlacionando-os.

Nisto reside toda a beleza do ser humano. E, também, a origem da sua angústia... Da angústia de existir que, a partir dessa pergunta, não lhe permite tão somente sobreviver, mas exige-lhe participar ativamente do existir. E torna-o homem, coparticipante de todo o projeto de sustentação da natureza. O interrogar – Por quê? – compromete o ser que pensa, o pensante, com ele mesmo e com tudo o que esteja à sua volta.

Eu diria que é emocionante! Desafiante! Angustiante! Irresistível! Você seria capaz de ouvir a pergunta “– Pai, por que o sol nasce?” e não fazer nada?

Há muitos anos, o *Jornal do Brasil* lançou o desafio de pensar o porquê de o Brasil, tão grande e tão pleno de potenciais, não conseguir ser um país desenvolvido, justo, seguro e livre. Talvez a resposta esteja em se estimular mais a pergunta: – Por quê?

Tento explicar: há centenas de milhares de anos, por já estar de posse desta indagação e por ela ser instigado, é que o ser humano foi à luta. Claro, inicialmente usou sua própria imaginação, criou deuses para explicar o mundo e, observando os fatos e tentando interligá-los, forjou facas, tacapes, rodas. Descobriu que podia produzir seus próprios alimentos, podia defender-se dos seus inimigos e podia até transmitir aos outros sua própria experiência. Os porquês foram sendo respondidos socialmente, na medida em que as respostas iam, coletivamente, sendo comunicadas. O poder de explicar multiplicou-se cada vez mais e a inteligência do homem fê-lo sobrepor-se à natureza, gerando uma espécie inigualável quando comparada a todas as que conhecemos.

Chegamos ao homem atual, o que arquiva suas velhas máquinas de escrever em troca de outra ferramenta bem mais ágil e “pensante”: o computador. O homem começa a criar uma nova inteligência. Quanto tempo levará para que um computador ponha-se, com autonomia, a escrever um artigo como faço agora? O que ele dirá de nós? Ele, talvez, até cite este artigo como uma espécie infantil de questionamento ante um cotidiano surgir do sol.

Não estaria na hora de nos perguntarmos aonde chegamos e aonde queremos ir? Não estaria na hora de nos perguntarmos sobre os motivos da violência, da guerra, da pressa, da injustiça social, da destruição da natureza?! E por que o Brasil debate-se entre bolsões de miséria e áreas de opulência? E por que o mundo desenvolvido debate-se entre vícios, suicídios, insatisfações?

São muitos os momentos e locais em que estamos em grupo: nas escolas, nos clubes, nas igrejas, nas associações e no trabalho. Por que não aproveitarmos estes momentos para nos interrogarmos sobre o motivo de estarmos vivendo desta maneira?

Talvez este questionamento pudesse ser suscitado nas escolas de Ensino Fundamental, lançando-se mão do potencial que se tem, na infância, de indagar o porquê das coisas e de tudo. O objetivo seria criar um hábito. Pasmem! O hábito de pensar! Sim, porque temos pensado muito e de maneira inteligente, mas buscando as respostas imediatas e, principalmente, aquelas que nos permitem dominar as coisas, os objetos que estão fora de nós mesmos. Entretanto, pouco temos refletido sobre o nosso próprio existir, sobre as formas e meios de que temos lançado mão para prover a própria existência. E, sobretudo, muito pouco nos temos perguntado sobre as consequências do que temos produzido. Ou será que nos limitaremos a constatar a nossa autodestruição?

O homem é inteligente, mas não é sábio! Sábio ele será quando descobrir os meios de gerar sociedades solidárias,

amigas, confiantes e sadias. Logo, ou já começamos a pensar nisso, ou talvez um dia – viajando numa nave espacial rumo a outro planeta e olhando, atônitos, a Terra em cinzas! – tenhamos que nos perguntar: – Afinal, por que vivemos da maneira como vivemos?

Quanto às crianças, motivemo-las a desenvolverem suas ideias, suas explicações, suas respostas e, sobretudo, suas perguntas. Saibamos ouvi-las. Quanto a nós, recuperemos a capacidade de perguntar, de questionar o mundo em que estamos vivendo e para onde estamos sendo levados. Por quê?

Entre a razão e a emoção

O homem é um ser que transita entre a razão, a emoção e o instinto. No dizer de MARINO JR (1975), é um ser de três cérebros: seu tronco cerebral o faz reagir como um réptil; seu sistema límbico, como um mamífero; seu córtex cerebral o faz pensar a própria experiência de vida, refletir sobre ela, tomar consciência do seu passado, especular sobre o futuro, atribuir símbolos à realidade e, desta forma, construir e comunicar sua própria realidade. O homem tem consciência de si mesmo, reconhece sua finitude e angustia-se. Ele quer transcender, quer superar a própria morte e sonha. Conhece a realidade, atribui-lhe um significado e, dessa forma, constrói outra realidade. Busca o concreto e o palpável, mas comunica-se por símbolos abstratos.

Entre angústias e sonhos vai o homem vivendo sua vida, ao encontro de si mesmo. Encontro que nunca chega, mas que sempre promete. De tanto pensar e significar tudo, o homem criou um mundo à parte: o mundo social. Sociedade que se debate entre o agir, o pensar e o sentir. Aqui estamos nós pensando sobre o sentir. Sobre este espaço intermediário que nos coloca entre o primitivo e o divino. Espaço tão temido e tão desejado,

que nos faz oscilar entre atos cruéis e sublimes ideais. Afinal, o que estamos fazendo de nossas emoções, nossos sentimentos e nossas paixões?

Será mesmo que a humanidade corre o risco de exterminar-se? Será mesmo que os dias de hoje andam incertos, angustiantes, desalentadores, deprimentes? Será mesmo que não somos livres, que não somos respeitados em nossos direitos humanos? Será mesmo que andamos mergulhados num mar de violências, de disputas de poder, de exploração do homem pelo homem? Será mesmo que estamos degradando dia a dia o ambiente em que vivemos?

Se isso for verdade, o que nos tem levado a isso? Será nossa razão? Ou nossas emoções? Talvez ambas. Talvez o que nos esteja faltando seja integrar melhor razão com emoção. Se o desejo de sobreviver, de preservar o nosso *eu*, justifica os sentimentos de agressividade, ambição, orgulho, inveja, egoísmo; nosso desejo de transcendência justifica sentimentos de amor, afeição, convivência, sexo, fraternidade. Todos eles buscam, na sua essência, o melhor para nós.

O que tem ocorrido é que nossa razão pôs-nos à disposição recursos até então inimagináveis em qualquer sociedade animal. A produção desses recursos, associada à incessante e ansiosa procura de satisfação, lançou-nos numa corrida vertiginosa pelos bens materiais, que se tornaram, em pouco tempo, substitutos do nosso próprio EU, como se, conquistando-os, preenchêssemos nosso vazio existencial. Por isso, passamos a nos sentir ameaçados pelos outros, por qualquer outro que, de algum modo, pudesse nos impedir a conquista destes bens. O instinto de sobrevivência pessoal fez-nos prisioneiros e perdidos de nós mesmos, em constante defesa contra tudo e contra todos e em incessante busca da individualidade, que parece estar nas coisas que produzimos.

Se conseguirmos entender que nossa individualidade reside em nós e que ela se afirma e se completa na medida em

que somos capazes de amar o nosso semelhante, aí estaremos aptos a conviver de modo mais humano e racional. Estaremos talvez, nesse momento, criando o homem novo. Não será esse o segredo que a vida nos ensina, quando duas individualidades (homem e mulher), unidas num ato de amor, afirmam-se e completam-se no novo ser que daí surge?!

Conscientização ou reflexão?

O ser humano, tanto no código genético, quanto nas funções fisiológicas, é muito parecido com os outros animais. São flagrantes, todavia, as diferenças no que tange à sua forma de comportar-se, à sua capacidade de criar, de conhecer e de comunicar-se.

O homem revive o passado, antevê o futuro. Perscruta o ambiente e interfere nele. O homem pensa. Tem consciência de si mesmo. Raciocina. Reflete. Inventa. Por isso, vive em conflito. Entre o conhecido e o desconhecido. Entre o real e o ideal. Entre a razão e a emoção. Talvez esta seja a maior luta: razão x emoção.

Sou dos que se emocionam com facilidade. A vida me é uma constante emoção extravasada no corpo, revirada na mente, à busca do que seria o perfeito equilíbrio, a perfeita harmonia. Tentativa vã, mas que me fez adquirir o hábito de refletir, de pensar sobre, de compartilhar o que penso com os outros e de, como costume dizer, pensar alto. Chamei a essa atitude, anos atrás, de conscientização, que defini, ingenuamente, como "atitude dinâmica em que procuramos conhecer a verdade e reagir de acordo com ela".

Sou até capaz de situar no tempo quando comecei a pensar e falar de conscientização. Foi quando soube que meu pai estava com problema cardíaco e que poderia, a qualquer momento, morrer subitamente. Minha ligação afetiva com ele era grande e imenso o temor de perdê-lo. A razão, todavia, dizia-me

que esta era uma possibilidade real, concreta e, até certo ponto, inevitável. Pus-me, pois, a partir daquele momento, a refletir, a conscientizar-me de que teria que me preparar para sua morte. Assim estou, até hoje, pensando (e agora escrevendo) sobre as vantagens da conscientização e, sobretudo, procurando compreender por que é tão difícil praticá-la.

Hoje estou ciente de um erro meu de percepção, ao acreditar que a conscientização levar-me-ia à verdade. Os anos me ensinaram que eu, àquela época, idealizara a vida e as pessoas, pois pensava, real e delirantemente, que pelo pensamento chegaria à verdade, ao pleno conhecimento, à perfeita harmonia.

Outro engano foi ter subestimado o conflito entre razão e emoção. Achava que o “reto” pensamento seria capaz de subjugar os impulsos, as fantasias, os desejos. Acreditava que a conscientização traria isenção, evitaria os partidarismos, os sentimentalismos, os pré-julgamentos e que traria justiça, solidariedade, amorosidade.

Hoje percebo que somos imperfeitos, inacabados, contraditórios. Somos anjos e demônios, santos e pervertidos. Percebo que somos... humanos.

Hoje penso que precisamos de algo que nos sirva de instrumento para melhor administrar a imprevisível realidade em que vivemos, colocando-nos diante de opções que devam ser feitas, mesmo que saibamos não haver qualquer garantia de que sejam as melhores.

Talvez melhor fosse falar em reflexão, em pensar de forma mais ampla, mais compreensiva, sobre a vida e seus momentos, suas escolhas, sabendo de antemão que não há soluções perfeitas, mas que pensando, temos possibilidades de afirmar, corrigir, inventar rumos na direção do que estabeleceremos para nós como meta de vida. A minha tem sido viver, relacionando-me amorosamente com as pessoas e a natureza. Dentro do possível, a reflexão tem-me ajudado a compartilhar com os outros suas angústias e suas realizações.

10

Possíveis caminhos

Começar é preciso!

Fui comprar pão. De volta, caminhei pela avenida litorânea e apreciei seus prédios, carros, ônibus, postes altos que jorravam luz clara sobre as árvores, as pessoas e a areia. E o mar solene, balançando suas ondas num movimento de profunda beleza. A sensação foi boa. Natureza e obra humana, associadas e harmonizadas, fizeram-me pensar nas contradições que invadem minha alma a cada momento: ora cética, áspera, pessimista; ora alegre, confiante, esperançosa; ora solidária, despojada, íntegra; ora egoísta, ambiciosa, invejosa.

Aquela cena à beira da praia fez-me sentir livre e valorizar tudo o que pode garantir o exercício da liberdade. Logo ocorreu-me que a liberdade predispõe e estimula a iniciativa, a criatividade, o desejo de realização. E pude compreender os prédios, os carros, os ônibus, os postes e a iluminação! Então pensei no desenvolvimento, na tecnologia, na produção de bens que alargam o conforto e a expectativa de vida. Pensei, também, naqueles que, por talento próprio, são empreendedores e sabem multiplicar as oportunidades e os recursos. Ainda pensei na fantástica qualidade humana que é a consciência, pois nos propicia conhecer, refletir, raciocinar, inventar, optar, planejar. Consciência esta que nos permite, até certo ponto, decidir o próprio destino.

Naquele momento, começaram minhas inquietações. Lembrei-me dos pobres, dos desassistidos, abandonados. Lembrei-me da poluição, da violência, das drogas e das guerras.

Lembrei-me da competitividade desenfreada, da ruptura dos valores coletivos, da ganância desmesurada. E me perguntei: – O que tenho feito da minha consciência e da minha liberdade?!

Será que o livre exercício da consciência faz de cada um de nós um inveterado egoísta?? Será que o livre exercício da consciência conduz-nos inexoravelmente ao descuido, ao descaso, à insensibilidade em relação aos outros?

Que caminhos nós devemos trilhar para que, permanecendo no pleno exercício da liberdade e da consciência, possamos, em relação aos outros, conjugar os verbos respeitar, preocupar-se, enfim, cuidar?

Pelo menos uma resposta surgiu-me naquela caminhada em que fui comprar pão: começar por mim mesmo! Usar minha liberdade e minha consciência para buscar garantir o meu pão e o meu prazer, mas sem deixar de empenhar-me para que o mesmo direito seja garantido aos outros. Começar é preciso!

Uma andorinha só não faz verão!

Os animais vivem. O homem pensa acerca da vida que vive. Pensa e percebe que tem desejos mas tem limites. Tem liberdade para decidir o que fazer, mas tem consciência dos obstáculos a enfrentar. Em suma, a grande tensão do ser humano que pensa sobre a vida é o conflito entre seus desejos e suas frustrações; entre o que deseja e o que consegue.

Eu diria que a maior angústia humana é reconhecer sua finitude, sua incompletude. Talvez, por isso é que reagimos de formas tão variadas e até contraditórias diante do desafio da vida.

O comportamento humano é complexo, paradoxal, incerto, inconclusivo. O pensamento humano faz-nos conscientes, inteligentes, críticos, reflexivos ou concretos, imediatistas, egoístas, pragmáticos, utilitários. A verdade é que temos uma

individualidade, uma identidade pessoal, uma cultura, uma sociedade, uma comunidade e um ambiente que nos acolhe, condiciona, sustenta e controla. Somos e não somos ao mesmo tempo. Influímos no coletivo, ficamos potentes e impotentes diante dele e por ele somos influenciados. Somos dependentes e independentes uns dos outros.

Já vivemos uma época de intenso coletivismo. Agora, vivemos uma de intenso individualismo, na qual o respeito e o cuidado com o outro são substituídos pelo afã de ter, de lucrar, de consumir. O grande desafio que se impõe hoje a cada um de nós é o de ampliar a consciência crítica acerca desse individualismo e procurar – em nós mesmos e nos que se encontram à nossa volta – estimular, criar e manter vínculos de solidariedade, de afetividade, de respeito ao outro. Ao mesmo tempo, procurar resistir à tentação da competitividade e do consumo por meio do exercício do desprendimento, praticando-o e propondo-o a quem quiser ouvir.

Uma andorinha só não faz verão, mas muitas fazem. Se a fase é de individualismo, a contraposição virá dos indivíduos. Há que persistir! A vida é movimento, dinamismo, equilíbrio dinâmico, contínua construção, eterno recomeçar.

Você está satisfeito com a vida que se leva hoje?

– Você está satisfeito com a vida que se leva hoje?

– Sim! Por várias razões:

- Exercício da liberdade – hoje podemos mais livremente expressar ideias, adotar comportamentos, fazer escolhas, eleger nossos representantes. O sentimento de liberdade é um dos essenciais atributos do ser humano e fonte inegável de intenso prazer.

- Facilidades criadas a partir da tecnologia – refiro-me às possibilidades, às oportunidades propiciadas pela tecnologia,

no dia a dia, como barbeadores elétricos, forno de micro-ondas, máquina de lavar roupa etc.

- Desenvolvimento de recursos diagnósticos e terapêuticos no campo da Saúde – tais recursos têm produzido, indubitavelmente, aumento da expectativa e da qualidade de vida. Caberia incluir os que beneficiam as pessoas acamadas e ou portadoras de deficiência, tais como cadeira de rodas, camas hospitalares, etc..., etc..., etc...

- Maior acesso às informações e às comunicações – os veículos de comunicação, como televisão, internet e aparelhos telefônicos, permitem que nos comuniquemos praticamente com o mundo inteiro e em tempo real. A divulgação do conhecimento e a troca de informações (científicas ou não) realizam-se com incrível velocidade, alcançando grande número de pessoas nos mais variados lugares. Tal acesso torna-nos capazes de ampliar nosso conhecimento sobre lugares, bens de consumo, saúde, educação, história, arte, esporte, enfim, sobre quase tudo que esteja disponibilizado.

- Acesso e velocidade dos meios de transporte – hoje podemos deslocar-nos, com rapidez e de forma individual ou coletiva, para quase todas as partes do mundo, seja por terra, pela água ou pelo ar. Podemos morar numa cidade e ir a outra fazer compras, trabalhar, consultar um médico. Simplesmente para nos divertir, podemos ir a locais bem distantes de onde moramos e retornar fácil e velozmente às nossas casas.

– Nesta vida que se leva hoje, existe algo com que você não esteja satisfeito?

– Sim! Existem várias situações, conforme cito a seguir:

- Violência – a frequência e intensidade da violência parecem crescer a cada dia, dentro e fora de casa, em cidades pequenas ou grandes, no interior e no litoral, no Brasil e em outros países. Não se está mais seguro dentro de casa e nem andando nas ruas.

- Desigualdade social – apesar do inegável e crescente desenvolvimento tecnológico, a desigualdade social não se reduz. O fosso entre ricos e pobres só faz aumentar. Destaca-se de forma evidente (embora tantas vezes minimizada ou ignorada) a discrepância entre o que é acessível a uns poucos e o que não o é a muitos.

- Redução do acesso ao bem-estar social – talvez seja nesta área que se faça sentir, com maior clareza, o paradoxo de se ter tanta coisa produzida e oferecida (sobretudo a partir do conhecimento e dos recursos tecnológicos) e tanta coisa fora do alcance de um grande número de pessoas. As dificuldades de acesso à saúde, à educação e ao benefício da aposentadoria são emblemáticos exemplos de redução do bem-estar social. Refiro-me à diminuição da acessibilidade aos mecanismos sociais, cuja função deveria ser redistributiva, garantindo a todos os mesmos direitos. As noções de tecido social e de compartilhamento são, hoje, substituídas pelas ideias de interesses e riscos pessoais. Ou seja, cada indivíduo deve correr o risco de ter ou não acesso à saúde, educação ou aposentadoria e de disputar com todos os outros pela obtenção e garantia de seus interesses.

- Falta de responsabilidade coletiva – a sociedade de hoje parece caminhar na direção de um individualismo competitivo, em que cada pessoa estabelece as seguintes metas de vida: geração, maximização e acúmulo de lucros materiais e de bens pessoais. Os semelhantes deixam de ser possíveis parceiros, amigos, vizinhos, tornando-se potenciais inimigos ou objetos de exploração. Dissolvem-se conceitos como acolhimento, solidariedade, compartilhamento e ética. O mundo passa a ser um grande balcão de negócios e a ética (?) dominante reduz-se a meras vantagens individuais.

- Corrupção e impunidade – estas são primas-irmãs, fruto da ideologia individualista, egoísta. Se a pessoa do outro não merece respeito ou consideração, a quem devo obedecer?

Por que preciso me conter? O que não posso fazer? E assim desrespeita-se tudo o que não atenda aos interesses individuais. E assim procura-se corromper aqueles que possam ser obstáculo ao livre exercício de interesses pessoais. Caso os “potenciais obstáculos” exerçam cargos públicos, de poder, e participem da mesma ideologia – a do interesse pessoal a qualquer preço –, certamente receberão benesses oferecidas em troca do seu beneplácito, ou de sua concordância, ou de facilidades e vantagens pretendidas pelos seus corruptores.

– Diante deste quadro que compõe o mundo de hoje, com suas inegáveis qualidades e seus indisfarçáveis problemas, o que se pode fazer? Melhor dizendo, o que você pode fazer?

– Se até aqui, em alguns momentos, generalizei, agora passo a emitir ideias próprias, pessoais, sobre as quais venho refletindo no decorrer dos anos e, se não tiverem força suficiente para mudar o mundo (como desejaria minha fantasia!), pelo menos que me sirvam de rumo, de bússola, de sentido para minha vida. Penso que três atitudes estão a meu alcance e posso praticá-las dentro dos meus inevitáveis limites: desprendimento, coesão e protagonismo.

- Desprendimento material e existencial – há, em nós, um impulso forte na direção da conquista e do acúmulo de bens e de poder. Mas é esse impulso que nos leva, a partir de certo limiar, a não mais reconhecer e considerar o outro. Por isso precisamos exercitar, diária e mentalmente, no sentido de buscar o necessário desprendimento das coisas materiais e do poder.

- Coesão – também dentro de nós existe um impulso que nos remete em direção ao outro, propiciando-nos o desejo de preservá-lo por meio do amor, do respeito, da admiração, da proteção, da compreensão, da compaixão. Praticar e estimular a formação e sustentação de laços amistosos e de mútuo apoio – a coesão – torna-se, nos dias de hoje, tão fundamental quanto comer e dormir.

- Protagonismo – significa colocarmo-nos de forma ativa frente aos problemas do cotidiano, buscando administrá-los, enfrentá-los ou superá-los com disposição e persistência, sempre visualizando o que de prático e de melhor podemos fazer diante das inóspitas situações com que nos deparamos na vida.

Entendo que, materialmente, vivemos mais e melhor, em função de todos os avanços que o conhecimento e a tecnologia nos propiciaram. Penso, entretanto, que coletivamente vivemos de forma pior, tendo em vista a dissolução dos valores éticos e solidários.

Se reduzirmos a compulsão ao consumo e ao lucro, ainda assim, teremos ânimo para produzir bens e conhecimentos? Dito de outra forma: Será a avidez dos ricos que faz o mundo funcionar? A capacidade de empreender só se manifesta se houver a possibilidade de ganhar/vencer?

Por outro lado, a preocupação com o outro, isto é, o espírito solidário, não pode gerar pessoas acomodadas, acostumadas a só receber? O mesmo espírito não pode contribuir para a frouxidão de exigências, para o não uso de regras ou de atitudes mais duras, que exijam das pessoas ações menos prazerosas, mas necessárias ao bem-estar coletivo?

Por fim, preocupar-me em fazer o melhor que posso com o pouco que recebo não será uma forma de manter as coisas como estão? Ser protagonista não será enfrentar, firmemente, tudo aquilo que contribua para a ruptura do tecido social, a começar pela impunidade e pela corrupção? E não será arrotar, firmemente, tudo aquilo que contribua para o desrespeito social?

Mas isso já demandaria uma outra reflexão.

Para um Brasil próspero e livre da miséria

Em 2014, vivenciamos um processo eleitoral acalorado e até radicalizado pelas duas partes, na tentativa de obter adesão aos seus argumentos. Há muito que não havia uma eleição tão debatida e tanta indecisão quanto aos nomes a escolher. Argumentos sólidos e insatisfação generalizada foram ingredientes fortes para o calor dos debates.

Para ilustração, trago alguns dos temas que atravessaram as discussões. Um deles foi corrupção. Os constantes relatos de corrupção no governo merecem o repúdio de todos os que desejam ver os recursos públicos aplicados para o bem da coletividade e não surrupiados por uns poucos (ou muitos?) que, por meios ilícitos, manejam a máquina do poder em benefício pessoal.

Outro tema prevalente foi o número ainda muito grande de cidadãos vivendo na pobreza, em condições indignas de sobrevivência, em contraste com a opulência e com o poder financeiro acumulado de uns poucos (ou muitos?).

Mas há um terceiro tema, talvez menos explícito, mas em tudo presente, que é o contexto atual da sociedade em que vivemos. Os dias de hoje caracterizam-se pela velocidade e pela fugacidade. O tempo parece sempre insuficiente para o que queremos e para o que precisamos fazer. Muito há o que se consumir e muito há de se trabalhar para que se possa de tudo usufruir e tudo consumir. A oferta de bens materiais e de informações, consequência do desenvolvimento da ciência e da tecnologia, está na base desse anseio de consumo. Este desejo atinge a todos; mas, em contrapartida, nem todos podem realizá-lo.

Somos, naturalmente, desviados dos bens subjetivos e, ao mesmo tempo, impelidos a competir e a nos dedicar à relação com as coisas oferecidas. Atenuam-se os valores solidários, coletivos, sobressaindo-se os valores individuais e solitários.

Trago este terceiro tema porque talvez, mesmo que em parte, explique a forma de conduzir os anteriores: corrupção e pobreza. A corrupção envolve dois sujeitos: o que corrompe e o que é corrompido. Quem corrompe visa a um benefício pessoal. Habitualmente, do lado corruptor, encontram-se pessoas ou empresas mergulhadas no clima de competição e inebriadas pelo objetivo de ampliar seus lucros pessoais ou empresariais. Do outro lado, encontram-se agentes do governo (investidos, democraticamente, pela maioria dos cidadãos e detentores ocasionais do poder que o cargo público lhes outorga) que, embora com o dever de zelar pela coletividade, mergulham no mesmo clima de competição e maximização de lucros pessoais. Ambas as partes, corruptor e corrompido, declinam do valor ético de respeito aos outros e mancomunam-se para, ilicitamente, promoverem o enriquecimento próprio, mas à custa de recursos que seriam destinados ao bem-estar da sociedade como um todo.

Esta é, sem dúvida, uma das razões por que ainda existe miséria no mundo. Porque falta ética, preocupação com o outro, solidariedade, sensibilidade e compaixão com os que sofrem.

Outra razão, intrinsecamente ligada à anterior, é a fixação de objetivos de governo mais voltados para o enriquecimento de uns poucos em detrimento do bem-estar da maioria. A mesma corrupção existe, mas de forma velada ou sórdida, na aprovação de regras ou leis que beneficiam os poderosos e penalizam os demais. São as mesmas pessoas ou empresas que, ávidas por maiores lucros, pressionam o governo e ou os poderes constituídos – executivo, legislativo, judiciário – para que se “legalizem” verdadeiros crimes contra o nosso direito de viver com dignidade.

Tal argumento precisa, todavia, ser aprofundado, pois pode, para algumas pessoas, soar simplório e até injusto. Refiro-me àquelas que entendem que o melhor caminho para

acabar com a miséria é construir uma sociedade competitiva, altamente produtiva e, dessa forma, geradora de riqueza. São muitas as que pensam dessa forma, exatamente porque se preocupam com a miséria de tantos e sensibilizam-se com o sofrimento humano. Suas ideias, projetos e ações não passam por atos corruptos e desonestos. É simplório e até ridículo afirmar que todas as que propugnam pela sociedade competitiva e produtiva sejam insensíveis à miséria. Da mesma forma, é simplório e até ridículo afirmar que todas as que estão no Governo são corruptas. Creio que a maioria da população brasileira deseja empresas e governantes capazes de fazer a economia prosperar e a miséria reduzir. Assim como creio que esta maioria também deseja governantes éticos, incapazes de cometer crimes contra o direito dos outros e, sobretudo, contra o direito universal de todos viverem com dignidade.

Certamente, o debate acalorado que dominou o cenário destas eleições deveu-se à indecisão sobre quem representaria melhor tais desejos. O resultado apertado, quase empatado, mostrou que a sociedade não conseguiu efetivamente acreditar em nenhum dos candidatos. Porque o Brasil continua um país de muita corrupção e muita miséria. E isso não vem de hoje, mas de muito tempo. Não obstante, conseguimos alguns avanços e isso também não vem de hoje, mas de muito tempo.

A meu ver, vencedores e derrotados deveriam vestir a mesma carapuça. Chega de corrupção. Chega de pobreza. Chega de leis que beneficiam os poderosos e penalizam os demais. Chega de demagogia e de subterfúgios. Chega de acomodação e de falta de disposição para o trabalho. Precisamos de mais ética e compaixão. Mais trabalho e união para que, afinal, tenhamos um Brasil próspero e livre da miséria.

Liberalismo econômico e bem-estar social são possíveis?

Quanto à questão acima, se considerarmos que o liberalismo econômico baseia-se na liberdade individual, na competitividade e no desejo de lucrar (como anseios humanos e motores da produtividade), poderíamos respondê-la afirmativamente, confiando que a produtividade gera riqueza e a riqueza traz bem-estar social.

Não obstante, se considerarmos que os indivíduos são diferentes e que a sociedade constitui-se pelo conjunto de pessoas que vivem em interdependência, logo se destaca a questão de como lidar com essas diferenças que repercutem na capacidade de produzir e, em consequência, de lucrar. Refiro-me, num primeiro momento, às crianças, aos velhos e aos doentes. A liberdade individual, se levada ao extremo, pode comprometer o direito à existência desses grupos mais frágeis. A sociedade tem, portanto, a obrigação de criar e manter estruturas e estratégias de acolhimento, de atenção e de cuidado, voltadas às crianças, aos velhos e aos doentes. Dito de outra forma, uma parte da riqueza gerada precisa ser disponibilizada para essas pessoas, segundo os três pilares do bem-estar social: educação, saúde e aposentadoria.

Cabe à população adulta e sadia distribuir parte da riqueza gerada a todos os indivíduos, para que estes tenham pleno acesso à educação, à saúde e à aposentadoria. Mas, para tal, torna-se imprescindível a existência de instâncias, de estruturas e de estratégias.

Assim, faz-se necessário o funcionamento da ética liberal, ou seja, que a competitividade seja balizada pelos princípios da probidade, do respeito às pessoas e às normas, e pela preocupação com a preservação dos ambientes sociais, combatendo-se a corrupção e a impunidade.

Esta é a ética do capitalismo: respeitar a liberdade individual e estimular o trabalho, a produção, a competitividade e o lucro. O resultado aparecerá na geração de riquezas e de bens, que serão disponibilizados a todos e a preços os mais baixos possíveis. Os indivíduos que tenham dificuldade de contribuir para a produção deverão reconhecer sua situação e satisfazer-se com o possível. Além disso, caberá à sociedade produtiva suprir de forma individual, familiar, associativa, as necessidades de bens essenciais dos que estejam incapacitados a consegui-los.

Quando assim acontece, a liberdade individual é preservada e o bem-estar social é assegurado. Quando a ética liberal funciona, os indivíduos aspiram, por meio do trabalho, a ascender na escala social, reconhecendo que todos que já o conseguiram chegaram por mérito próprio. Aceitam-se, assim, as diferenças, mas desde que se tenham os recursos mínimos necessários para que o mais humilde possa viver com dignidade.

Se assim prega o ideário liberal, não têm sido assim os resultados verificados. A desigualdade social, a destruição do meio ambiente e a falta de acesso aos bens essenciais continuam presentes na sociedade e põem em risco a segurança e a harmonia social.

Se insistirmos em que o liberalismo econômico é a melhor solução para a sociedade, precisaremos estudar as razões por que os desvios acontecem e impedem que o bem-estar social não se estenda à maioria das pessoas. E aí sobressaem a corrupção, a ganância e o uso imoderado do poder que corrompem as estruturas destinadas a garantir o bem-estar-social. Refiro-me às instâncias dos governos (executivo, legislativo e judiciário) corrompidas pelos que aspiram ao poder, num conluio danoso e cruel, visando unicamente ao benefício pessoal, sem qualquer responsabilidade ou preocupação com a comunidade, com o conjunto de indivíduos.

Outro aspecto importante a ser acrescentado é o que se encontra no comentário de Edenise Antas, aqui transcrito: “mediante o fato de que os desejos humanos são infinitos e de que os recursos para atendê-los são finitos, a lógica da propriedade privada (invenção humana!) opta por atender a uma parcela reduzidíssima da população em detrimento das demais”. Eis a grande questão: como preservar as estruturas destinadas à garantia do bem-estar social? Como respeitar a liberdade individual, a livre iniciativa e a competitividade e, ao mesmo tempo, garantir a todos (aqui incluídos os mais frágeis) o direito ao bem-estar social? Como reconhecer que os recursos naturais de que dispomos e as terras que ocupamos são propriedade de todos que habitam o mesmo planeta?

Em outros termos, como estabelecer limites à ganância de alguns que põem em risco a sobrevivência e a dignidade de tantos? O liberalismo econômico levado ao extremo não gera riqueza social, mas gera, sim, exploração e desigualdade.

Sem dinheiro, é possível uma boa ambiência?

Sendo o dinheiro instrumento para aquisição dos bens necessários ao suficiente bem-estar pessoal e social, sua falta ocasiona desconforto, apreensão e inquietação. A escassez gera tensão. Logo, a ambiência fragiliza-se, torna-se sensível e vulnerável frente à crise.

Cultivar uma boa ambiência, todavia, não só contrabalança o estresse vivido, como oportuniza o surgimento de novos arranjos capazes de enfrentar momentos de crise. Além disso, a boa ambiência não depende de recursos materiais, mas de atitudes. A ambiência não se compra, mas constrói-se, cultiva-se, aprende-se.

Eu diria que a construção de uma boa ambiência faz-se por contágio. Seu efeito multiplicador é maior quando iniciada

pelos líderes de uma coletividade, seja a família, vizinhança, igreja, clube, empresa ou instituição. O *status* e o exemplo funcionam como “fermento na massa”.

Mas, afinal, quais são os elementos, os “ingredientes” de uma boa ambiência? Relaciono seis eixos principais: acolhimento; compartilhamento; transparência; critério; confiança e protagonismo.

O acolhimento envolve: compreensão, consideração e preocupação com os outros, sejam quem forem.

O compartilhamento consiste na troca de informações, angústias e decisões ante todos os que participam daquela coletividade.

A transparência estabelece-se na difusão de informações claras e francas para todos.

O critério consiste na definição de normas e condutas bem fundamentadas, factíveis e sustentadas.

A confiança aproxima, acolhe, fortalece.

Por fim, o protagonismo pressupõe o comprometimento de todos e de cada um em torno dos objetivos da sua coletividade, com liberdade para tomar iniciativas, por meio de posturas positivas, afirmativas e assertivas.

Logo, gerar um clima de boa ambiência exige que se tenha em conta, claramente, a importância do relacionamento interpessoal, sustentado em preceitos éticos que considerem o outro como agente e parceiro da causa comum que caracteriza o coletivo do qual fazemos parte.

Será a avidez pelo dinheiro uma das formas de impedir uma boa ambiência!?

O desafio de “remar contra a maré”

O mundo em que estamos vivendo caminha na direção da substituição das pessoas pelas coisas, ou melhor, pelo poder

dado pelo dinheiro. O mundo tornou-se um balcão de negócios, cujo objetivo principal é lucrar sempre e cada vez mais.

As raízes desse fato são profundas e difíceis de serem combatidas. Tudo começou com a curiosidade humana e o desejo de criar, de conquistar, de possuir. Assim, fomos ampliando nosso conhecimento acerca da natureza e de nós mesmos, fomos inventando ferramentas e técnicas que nos permitiram desenvolver uma quantidade imensa de bens a consumir, proporcionando mais segurança e conforto a todos. O avanço do conhecimento e da tecnologia propiciaram enorme desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação, aproximando as pessoas e difundindo ideias e costumes. O mundo tornou-se uma aldeia global, o conceito de liberdade tomou força e o princípio da livre iniciativa também. O desejo de possuir novos conhecimentos e novos bens contaminou a todos e iniciou-se uma grande corrida pela sua produção e consumo.

No entanto, se temos características comuns, que nos identificam como humanos, temos diferenças que nos distinguem uns dos outros. Algumas pessoas são naturalmente mais frágeis e vulneráveis do que outras: as crianças, os velhos e os doentes. Além disso, embora todos nós tenhamos o desejo de possuir e de ostentar e, também, de cuidar e de acolher, algumas pessoas conseguem mais êxito do que outras.

Talvez por isso, em todas as épocas, sempre houve pessoas dominantes e pessoas dominadas, embora antes houvesse, apesar de tudo, certo equilíbrio entre o impulso de possuir e o de cuidar. O mundo de hoje, em função do vertiginoso avanço do conhecimento e da tecnologia, quebrou esse equilíbrio ao favorecer os dominantes, que passaram a ter um poder cada vez maior, seja nas fontes de produção, nos meios de transporte e de comunicação, ou no controle do capital.

Destaque-se a ação política dos dominantes, ao pressionar os governos na direção da desregulamentação, que quebra as garantias sociais, cria facilidades à livre circulação do capital

e defende a privatização de serviços públicos essenciais e de interesse da coletividade.

Não obstante os inegáveis avanços tecnológicos, o resultado é a manutenção ou intensificação das desigualdades sociais, que ferem o conceito de liberdade e de dignidade humana, na medida em que fazem conviver, lado a lado, opulência e miséria.

A insensibilidade de muitos explica-se pelo sonho de querer, um dia, “chegar lá” (ao lugar da opulência), mesmo que para isso, perca-se o senso de compaixão e de respeito pelos outros – crianças, velhos, doentes e pobres – que, incapazes de lançarem-se à frenética luta consumista, sobrevivem de forma desumana, numa sociedade que não pode, em sã consciência, dizer que lhe faltam casa, comida, educação ou saúde.

Pessoalmente, não sei como resolver os problemas do mundo, mas penso que preciso posicionar-me diante do desafio de “remar contra a maré”. Nesse sentido, entendo que devo ser mais desprendido de tudo o que se caracteriza como bens materiais ou como *status*. Devo, no meu dia a dia, no trato com as pessoas, cultivar relações de cuidado e de respeito. E devo, ainda, procurar fazer o melhor que me for possível, mostrar-me aberto a novas iniciativas, e estimular, e sustentar espaços de conversação, de fala, de diálogo, como forma de resolver conflitos e buscar soluções.

Quem sabe será possível à humanidade caminhar na direção de novos conhecimentos e bens, mas sem se descuidar do seu bem maior, ou melhor, das pessoas que a constituem?

Reclamar da vida ou dela usufruir?

Habitualmente reclamamos da vida. E com razão. Afinal, a vida não se apresenta como queríamos que fosse. Às vezes até achamos que é assim por nossa causa. Ou por nossa culpa.

Na verdade, assim é porque é! E, se é assim, o que podemos fazer?

Podemos administrá-la, enfrentá-la, vivê-la da melhor maneira possível. Ou seja, dela usufruir!

Dizer que valorizamos o que a vida nos proporciona, que descobrimos os seus reais valores, sem ufanismo, sem negação, sem ilusão, é muito fácil. Se falar é fácil, muito difícil é fazer... é agir...

Sabe-se que há situações muito constrangedoras: a miséria, a doença, a morte, a injustiça, o fracasso.

Como usufruir da miséria? Talvez comparando a miséria em que vivemos com a miséria de outros; talvez buscando formas de enfrentá-la, de superá-la; talvez cultivando em nós o desprendimento, a generosidade de acolher aqueles que a vivem. Enfim, reconhecendo-a, sobretudo, como fato da vida.

Outros aspectos são mais fáceis, tais como valorizar um dia de calor, ou, ao contrário, um dia de frio, nublado e chuvoso. O calor associa-se a roupas leves, bebidas geladas, sombra reconfortante. O frio faz lembrar o aconchego de um agasalho, faz valorizar nossa casa, nosso abrigo, estimula-nos a escrever, ler, tomar uma bebida quente. E, se não enxergamos bem, podemos desenvolver o tato e a nossa audição para compensarmos a deficiência visual, não é? Se estivermos sozinhos, podemos entrar mais em contato conosco ou apreciar coisas que não são percebidas quando estamos envolvidos com outras pessoas. Mas, se estamos com outras pessoas, podemos trocar olhares, ideias, abraços, angústias ou prazeres.

Por que reclamar da vida se ela é mesmo limitada, imprevisível, desconhecida? Neste mistério e nesta perplexidade, por que dela não usufruir, buscando descobrir o que nos quer dizer, interagindo com o que nos oferece, caminhando de mãos dadas por onde ela nos quer levar?!

O que fazer com nossos impulsos?

Como contestação a algumas críticas que faço à sociedade atual, frequentemente ouço alguns argumentos: “Isso é praxe!”; “Todo o mundo faz!”; “É da natureza humana!”

Por que usamos tais argumentos? Devemos concordar com eles? Devemos “naturalizar” o que, afinal, pode ser modificado?

Questiono se o uso destes argumentos não é uma forma de racionalização?! Afinal, os benefícios, as vantagens, as oportunidades de satisfação que o mundo de hoje nos oferece são enormes. Mas talvez as dificuldades que ele gera sejam maiores ainda. Enfrentá-las certamente não é fácil. Talvez sejamos instigados a escamoteá-las, a minimizá-las e, para isso, encontramos “apoio” considerável nos meios de comunicação que nos bombardeiam, incessantemente, no sentido de aderir às “maravilhas” que a sociedade consumista quer nos vender.

Combater a corrupção é muito difícil. Mas argumentar que a propina seja uma praxe para movimentação dos negócios não é uma forma de concordar com ela? Se aprofundarmos a reflexão, veremos que pequenas corrupções são praticadas por todos nós e diariamente. E há uma inclinação nossa no sentido de justificá-las, de racionalizá-las ao dizer que é da natureza humana agir de forma interesseira, egoística. Talvez seja verdade, mas não significa que devamos liberar tal tendência. Se assim fosse, deveríamos também liberar a agressividade que constitui um dos nossos impulsos básicos, não é? Mas a socialização veio para ajudar-nos a controlar e a conter os impulsos agressivos, permitindo, assim, uma convivência social amistosa que propicie o desenvolvimento de uma sociedade humanizada.

Eu acredito que a mais significativa racionalização, que o mundo de hoje (impessoal, competitivo, voltado ao lucro e aos bens materiais) nos impõe, seja em relação a esse impulso

egoístico, de posse e de conquista, que vem desumanizando a sociedade e pondo-nos em luta uns contra os outros.

Quem cuidará de nós?

O mais forte impulso do homem é social: o desejo de poder, de prestígio e de riqueza. Tal impulso, o homem persegue pela ciência, religião, arte, sexo, trabalho e lazer.

Por isso, o neoliberalismo é, com seu culto ao consumo, forte e presente em todas as sociedades. Todos nós, no fundo, aspiramos ao poder, ao prestígio e à riqueza, mesmo que fantasiosos. Vivemos de sonhos, de ilusões e impulsionados pelo forte desejo de possuir, de conquistar, de dominar, de ter, de ostentar.

No fundo, toleramos as desigualdades porque sonhamos com a possibilidade de passar para o lado de lá, o do poder. Também o ódio que manifestamos esconde a inveja de não ocuparmos, nós mesmos, aquele lugar privilegiado; mas, se conseguimos ocupá-lo, logo nos esquecemos do discurso solidário, das mazelas e das injustiças que já vivemos na condição de dominados e, então, passamos a ostentar, prazerosamente, nosso novo *status* de pertencente à classe dominante.

Talvez por isso os direitos sociais conquistados ou recebidos sejam muitas vezes dissociados dos deveres por parte de quem os recebe. O benefício social dado, concedido, parece não estimular a produção, mas, pelo contrário, acomodar o beneficiário. O dever social de se garantir direitos básicos como saúde, educação e aposentadoria acaba sendo visto, pelos seus próprios beneficiários, como obrigação do Estado, sem qualquer responsabilidade de quem os recebe. E, assim, a própria sociedade desmerece as instâncias e estruturas garantidoras dos direitos sociais, aparentando preferir lançar-se à aventura da disputa, da competição.

Ocorre que uma parcela considerável de nós, cidadãos, já foi ou será, um dia, composta de crianças, velhos ou doentes. Então, quem cuidará de nós? O sistema se preocupa, tão somente, em manter a produtividade e o consumo a pleno vapor. Eu diria que, na verdade, o sistema trata de garantir a uns poucos, e pelas vias da produtividade e do consumo, o maior lucro possível. Quanto ao lucro, basta que haja um mínimo de mão de obra para produzir e um máximo de indivíduos a consumir. Forma-se, então, uma massa consumidora que não raro suporta condições desumanas de sobrevivência, mas que, todavia, mantém-se “viva” por meio da propaganda e da inteligente estratégia de acenar, falaciosamente, com a possibilidade de acesso a uma quantidade enorme de bens, o que, na verdade, nunca acontece e nem acontecerá.

Eu diria que o mecanismo é o mesmo da droga: sedutora em princípio, danosa e cruel na sua realidade. Vivemos uma época em que somos seduzidos para consumir, consumir, consumir, até que percamos completamente nossa identidade e capacidade de dirigirmos a nós mesmos. Somos, diligentemente, instados a romper com os vínculos e os laços coletivos, solidários... tudo isto para nos dedicarmos plenamente à orgia de ter celulares, internet, informações, mulheres, homens, poder, prestígio, dinheiro, roupas de grife, metas de desempenho, títulos acadêmicos, jogos e shows que, apesar de virtuais, parecem-nos reais.

Enfim, vivemos uma época inigualável de ofertas de bens e de informações, mas vivemos, também, tempos de pouco respeito aos outros, de pouca amizade verdadeira, de pouca generosidade, de muita agressividade, de muita poluição, de muita xenofobia e de demasiada miséria. Vivemos uma época de mentiras, de hipocrisia, de falsidade, tudo sustentado pela avidez de produzir, de lucrar, de ter.

Como ficam as crianças, os velhos, os doentes, nessa sociedade? Como ficam os adultos, “sadios”, nessa corrida louca

atrás de nada? Como fica o nosso planeta, tão explorado e destruído? Onde cada um de nós está nesse mundo tão desigual?

Quem estará, neste momento, pensando em nós? E, finalmente, quem cuidará de nós?

Colocar-se no lugar do outro

Tenho sido um crítico contumaz! Critico a defeituosa forma de viver da sociedade ocidental e, em decorrência disto, fui instigado a colocar-me no lugar de outras pessoas que, ao contrário, veem esta maneira de viver como a melhor que a humanidade experimentou até aqui.

Tais pessoas valorizam as conquistas obtidas a partir da curiosidade, da criatividade e do empreendedorismo de muitos que, por sua vez, sempre alavancaram a ciência e a tecnologia, em prol da produção de tantos bens de que hoje dispõe a humanidade. Consideram que a livre iniciativa e o impulso à realização são fundamentais, tanto quanto o direito ao desfrute dos resultados obtidos. Consideram que a competitividade e o lucro funcionam como motores deste processo.

Tais pessoas acreditam que a solução dos problemas humanos está no avanço contínuo da ciência e da tecnologia. Ainda acreditam que o papel dos Governos deva ser mínimo e que as regras sociais não devem obstar a livre iniciativa que é a responsável pela geração dos bens que desfrutamos.

Conheço muitos indivíduos que pensam assim e, por serem pessoas que admiro, instigam-me a refletir sobre o que dizem. Talvez sejam mais otimistas do que eu. Talvez entendam (e tenham razão!) que não vivemos num mundo perfeito e não podemos, pois, ser “mais realistas do que o rei”.

Meu argumento baseia-se em que deveríamos refletir mais, e criticamente, sobre as premissas colocadas, a começar pela “aceitação da competitividade e do lucro como motores

desse processo". Pois é no rastro da competitividade que se admitem os "jeitinhos" e as "facilidades" como normais, naturais e aceitáveis. A concessão de propinas, por exemplo, é vista como "parte do jogo", como estratégia natural para se obter os fins desejados.

Do mesmo modo, no rastro da competitividade e do lucro, acontecem a despreocupação ecológica e a desigualdade social, na medida em que se explora o ambiente de forma desordenada e destrutiva e que, também, por meio de salários irrisórios e condições indignas de sobrevivência, exploram-se as pessoas.

Meu argumento, enfim, fundamenta-se no princípio de que, se vivemos em sociedade, deveríamos fazer o exercício de nos colocarmos no lugar dos outros, a saber, dos que não têm onde morar, nem o que comer, nem acesso ao trabalho e à educação e nem condições para cuidar da sua saúde.

Economia e vida

Chamo de "eixo econômico" a forma como vivemos hoje, a qual, pelo vertiginoso avanço tecnológico, prioriza as ações e relações voltadas à produção e ao consumo de bens, de informações e de serviços.

Nunca a sociedade humana se viu cercada de tantas informações e de tantas coisas novas, prontas a serem consumidas. Sua produção dá-se, todavia, em regime de acirrada competitividade, em que os produtores disputam, uns contra os outros, o acesso e a preferência dos consumidores, tudo isto em busca de retorno financeiro para seus investimentos: seja para realimentação do processo, seja para a realização de lucros pessoais. Estratégias são criadas para otimizar a relação investimento x lucro, o que, habitualmente, passa pela redução de gastos com pessoal, o que significa acelerar o ritmo de trabalho e reduzir o número de trabalhadores.

O modelo tem fomentado a criação de grandes “blocos”, sendo estes formados pela fusão de muitas empresas. É notório que tal prática propicia, cada vez mais, o aumento da concentração de poder e de renda nas mãos de um número pequeno de pessoas, que passa a constituir uma elite financeira. Mas, neste panorama, todos, empresários e empregados, dedicam um elevado número de horas ao trabalho, ao esforço laboral e têm, como foco, a atividade econômica, o “eixo econômico”.

Na outra ponta, encontram-se os consumidores que são instigados, seduzidos a adquirir os bens e as informações produzidas. De algum modo, consumidores somos todos nós, atraídos e motivados pela possibilidade de usufruir de tanta e tanta coisa interessante. A solução está em aumentar o ritmo de trabalho, procurar ganhar mais para gastar mais. Nossa vida tem, como foco, a atividade econômica, o “eixo econômico”.

Se avançarmos neste raciocínio e se nele incluímos o tempo necessário ao trabalho propriamente dito, e o tempo para que possamos consumir, desfrutar as coisas produzidas e disponibilizadas, logo perceberemos que a maior parte do vivido destina-se a esse “eixo econômico”.

Em meio a tal cenário, cabe perguntar: E o tempo dedicado à vida? O que seria o “eixo vida”? Refiro-me à vida no sentido biológico, de vida animal e vegetal, e à vida no sentido ecológico, de existência de recursos naturais como o ar, a água e a terra. Tal conjunto constitui o alicerce, a base da nossa vida humana. Colocar em risco qualquer um destes sistemas básicos é, sim, ameaçar a continuidade da vida humana.

Embora haja, cada vez mais, maior consciência das perigosas consequências dos prejuízos que possamos causar à vida vegetal, à animal, ao ar, à água e à terra em que habitamos, tais danos continuam a acontecer e em maiores proporções.

Minha hipótese é que a ameaça ao “eixo vida” decorre do avanço do “eixo econômico”. Não preciso detalhar o que vem ocorrendo com o desmatamento, a extinção de espécies,

a poluição do ar e da água, a redução da quantidade de água potável disponível, a ocupação desordenada de nossas terras.

A ânsia frenética e a ambição desmedida, que alimentam o ritmo alucinante do produzir-consumir-lucrar, têm atacado e destruído os recursos naturais sem qualquer preocupação de sustentabilidade. Não sei mesmo se o termo apropriado é “eixo econômico” ou “eixo ganância”, pois talvez a economia em si não possa ser responsabilizada pela insensibilidade e desfaçatez que “autorizam” as pessoas a violentarem, tão cruelmente, a natureza que, a todos nós, serve de berço.

Até certo ponto, o avanço tecnológico tem contribuído, positivamente, para a vida humana e é impossível não lhe reconhecer os devidos méritos. Assim como não é possível negar valor à economia competitiva, bem planejada, capaz de gerar produtos úteis, baratos e de boa qualidade. Certamente, o problema está na forma de administrá-la e nos princípios que a embasam. Na verdade, a ânsia de lucro e poder torna os indivíduos insensíveis aos direitos dos outros, autorizando-os a explorar, corromper, mentir e iludir a quem quer que seja. Para a obtenção do que desejam, perdem a ética, o respeito e a preocupação com os semelhantes.

Por isto, o “eixo econômico” acaba pondo em perigo o “eixo vida humana”. O grande indicador deste fato é a flagrante desigualdade social, que atinge cerca de 2/3 da população do mundo, não obstante haver riqueza acumulada e de dimensões inimagináveis na posse de menos de 1/5 dessa população.

Afinal, como conciliar “eixo econômico”, “eixo vida” e “eixo vida humana”? Penso que é possível conciliá-los se desenvolvermos, em nós mesmos, duas atitudes capazes de frear a ganância: o desprendimento e a preocupação com os outros. É claro que temos um impulso forte para a posse, a conquista, o interesse pessoal. Mas temos também o impulso, gregário, de solidariedade, respeito e cuidado pelos outros. Quanto a isto, fala-nos Leonardo Boff:

“Após séculos de cultura material, buscamos hoje ansiosamente uma espiritualidade simples e sólida, baseada na percepção do mistério do universo e do ser humano, na ética da responsabilidade, da solidariedade e da compaixão, fundada no cuidado, no valor intrínseco de cada coisa, no trabalho bem feito, na competência, na honestidade e na transparência das intenções.” (BOFF, Leonardo. *Saber cuidar*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 25)

Precisamos reconstruir nossas redes de mútua proteção, preocupando-nos em, amorosamente, cuidar uns dos outros. Precisamos destinar tempo para o lazer, a arte, o esporte, a promoção da saúde, a convivência com outras pessoas, a mera contemplação. Precisamos usar a inteligência em favor do cuidado.

“Numa luta final pela primazia – na qual cada um vê vantagem em defender seu interesse nacional, com os Estados e os povos confrontando-se entre si – não pode haver vencedor. Todos perderão; o egoísmo fará da inteligência o instrumento da autodestruição humana.” (*Nossa Comunidade Global*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 270)

Para isso é fundamental frear nossa ânsia de ter, de consumir, de ostentar. E, assim, canalizar nossa agressividade na direção de uma sociedade produtiva, mas prazerosa, justa, solidária e ética.

O que pode parecer utópico (e até certo ponto é!) deixa de sê-lo na medida em que o que se propõe diz respeito tão somente a nós, a cada um de nós. A proporção irá aumentando por meio da construção dos laços que tecerão uma rede cada vez maior.

11

Devaneios

Você já foi convidado para viver em Marte?

Pois é, eu fui! Sonhei que uma nave espacial partiria para Marte, levando o primeiro grupo de humanos para, lá, constituírem uma comunidade. Todos os detalhes tecnológicos tinham sido atendidos e checados, dando ao grupo de aventureiros a necessária garantia de que tudo daria certo.

Um amplo processo de discussão e divulgação antecederia o momento de promover a seleção dos que efetivamente iriam. Decidiu-se, afinal, anunciar os critérios que norteariam a seleção dos candidatos: não serem gananciosos, não serem intolerantes e terem respeito e preocupação com os outros. Uma comissão foi eleita para realizá-la.

Publicada a lista dos selecionados, um grupo de recusados entrou com uma liminar na Justiça, alegando que a comissão, no processo de análise dos candidatos, não agira com isenção.

Após muita celeuma e articulações políticas, o grupo conseguiu impugnar a seleção e outra comissão foi indicada para realizar o novo processo seletivo. Mudaram-se os critérios, definindo que 10% dos selecionados deveriam pertencer à classe socioeconômica mais abastada; e 90%, à classe socioeconômica menos favorecida. Destes últimos, o critério exigia que fossem jovens e sadios. Por fim, definiu-se que a administração da nova comunidade seria exercida pelo grupo dos 10%.

A nave partiu e eu fiquei. Eu e tantos outros da primeira seleção. Alguns, indignados com a virada das regras do jogo, resolveram investigar, mais detidamente, o que havia efetivamente ocorrido. Aos poucos, descobriu-se uma farta distribuição de benesses (mais claramente, de propinas!) para que os critérios daquela primeira seleção fossem modificados

Acordei no momento em que alguém perguntava se não fora deste tipo, assim mesmo, o processo pelo qual o planeta Terra havia sido povoado...

Entre sonhos e pesadelos...

Nossa mente vive infestada de sonhos e pesadelos. Sonhos de momentos felizes, de um mundo perfeito, de amores correspondidos. Pesadelos de morte, de sofrimento, de violência. Uns, queremos que se repitam. De outros, despertamos angustiados, assustados. Mas de ambos, sonhos e pesadelos, nunca nos livramos.

Para que servem, afinal? Se deles não nos livramos, o que fazer com eles?

Os sonhos acenam com a possibilidade de superar barreiras, realizar desejos. Os pesadelos advertem-nos do limite, da ignorância, da finitude, do inacabado. Estes últimos, ainda, mostram-nos a incompletude, a injustiça, a maldade.

Na verdade, precisamos, para melhor perceber a realidade, tanto dos sonhos quanto dos pesadelos.

A realidade é feita de fatos, de circunstâncias, de acontecimentos que nos são apresentados continuamente e sobre os quais temos pouca ou nenhuma ingerência. A realidade não é contra ou a nosso favor. A realidade é o que é.

A realidade revela, expõe nossa fragilidade, nossa vulnerabilidade. A realidade fustiga nossa criatividade, nossa

resiliência (determinação), nossa confiança e nossa paciência (aceitação).

A realidade desafia nosso olhar a encará-la sem escamoteação ou tergiversação. Desafio insuportável como olhar o sol. Cada um de nós olha a realidade através de filtros ou de lentes que a desfiguram, provavelmente, pela tentativa de dominá-la, de controlá-la.

Assim, de fato, não conhecemos a realidade. Construimos, em nossa mente, uma realidade com a qual administramos nosso viver, nossos relacionamentos e nossos temores, nossas conquistas e nossos fracassos. Uma realidade feita de fatos e de imaginações, de sonhos e de pesadelos.

III

Livros que contribuíram
para minhas reflexões

Explicação

O assunto que acabei de percorrer é amplo, complexo, controverso. Tenho consciência da minha dificuldade em abordá-lo já que não sou filósofo, sociólogo, antropólogo ou mesmo literato. No entanto, sinto-me satisfeito em poder expressar meus sentimentos, percepções e, sobretudo, meus questionamentos, esperando que você, leitor, possa confrontá-los com os seus, concordando, discordando ou, tão somente, refletindo. Quando dizem que o mundo de hoje funciona desta ou daquela maneira, inevitavelmente, pergunto-me: Como nos estamos colocando diante dos fatos? Entendo que pensar, conversar, escrever constituem verdadeiras formas de agir! É isto, também, que lhe proponho fazer.

Certamente, minhas reflexões não vieram do nada, nem ficaram no ar. Surgiram das repercussões provocadas pelo mundo atual e que as fui sentindo no decorrer da minha vida. Não ficaram no ar porque consultei outras pessoas (estas, sim, mais conhecedoras do assunto do que eu!) para me subsidiarem quanto às possíveis maneiras de “administrar” tais repercussões. Algumas destas fontes foram citadas no transcurso do livro, mas outras, também de grande valor, não o foram. Então, por entender que todas marcaram e ainda marcam o rumo das minhas reflexões, resolvi criar este apêndice, intitulado *Livros que contribuíram para minhas reflexões* e, sobre eles, fazer alguns comentários.

O choque do futuro*

Alvin Toffler descreve com minúcias as mudanças ocorridas no mundo, alavancadas pelo avanço, cada vez mais acelerado, do conhecimento e da tecnologia, mostrando seu impacto nas coisas e nos lugares, nas pessoas e nas empresas, nos meios de comunicação, na ciência e na organização familiar. Enfatiza a transitoriedade e a diversidade, ampliadas e multiplicadas pelo acesso às informações e aos bens produzidos em escala até então inimagináveis. Analisa com detalhes as repercussões sobre os indivíduos, levando-os ao limite da adaptação pela avalanche de mudanças que precisam processar para sobreviver e destaca a perplexidade que nos domina diante da velocidade dessas mudanças e da ignorância sobre as formas de enfrenta-las, ou, como diz o autor, “a impetuosa corrente das mudanças, uma corrente hoje tão poderosa que subverte as instituições, altera nossos valores e arranca nossas raízes”.

A expressão *choque do futuro* foi cunhada em 1965, segundo Toffler, “para descrever a esmagadora tensão e a desorientação a que induzimos os indivíduos quando os sujeitamos a um excesso de mudanças em muito pouco tempo.” Tal fato parece advir da discrepância entre o ritmo acelerado das mudanças sociais e o ritmo limitado da resposta (ou adaptação) humana. Considero muito difícil pensar sobre a globalização e suas repercussões na vida das pessoas sem levar em conta o que Toffler descreve neste seu livro.

Embora escrito nos anos 1960, o livro antecipa claramente o que experimentamos nos dias de hoje e eu destaco, como primordial para a compreensão das implicações psicológicas e sociais da revolução tecnológica, a leitura do capítulo *O choque do futuro: a dimensão psicológica*.

* TOFFLER, Alvin. *O choque do futuro*. Rio de Janeiro: Record, 1970.

A crise do capitalismo*

O livro de Soros me chamou a atenção pelo seu título e pelo fato de seu autor ser um renomado investidor, que ficou milionário apostando no mercado financeiro. Por que o capitalismo estaria ameaçando os valores democráticos?

Soros é um ardoroso defensor das sociedades abertas e usou seu poder financeiro para solapar as sociedades fechadas como as dos regimes nazista e comunista. Esses regimes tinham algo em comum, como diz o autor: “ambos se afirmavam detentores da verdade definitiva e impunham ao mundo suas visões por meio da força”. Mas as sociedades abertas postulam, como princípios, o exercício da democracia, a abertura dos mercados e o livre fluxo dos capitais. E Soros quer, em última análise, preservar o sistema. Argumenta, todavia, que o mercado em si não se equilibra ou se regula por si próprio, demandando mecanismos ou instâncias que o regulem. E aprofunda sua reflexão ao confrontar valores de mercado e valores sociais, no capítulo 9 do seu livro, que ele intitulou: *Rumo à sociedade aberta*. Este foi o capítulo que mais despertou minha curiosidade, ao mesmo tempo que mais continha ideias próximas à minha. Permitam-me transcrever um trecho do autor: “Num ambiente altamente competitivo, aqueles que se prendem ao interesse pelo próximo provavelmente não se darão tão bem quanto os que estão livres e desembaraçados de qualquer escrúpulo moral. Assim os valores sociais passaram pelo crivo do que se poderia chamar de processo adverso da seleção natural, do qual o inescrupuloso emergiu fortalecido. Esse é um dos aspectos mais perturbadores do sistema capitalista global”.

* SOROS, George. *A crise do capitalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

Nossa comunidade global*

Este livro, editado originalmente em 1995, foi escrito por um grupo de 28 pessoas formado por iniciativa de Willy Brandt e que teve como tarefa, assim enunciada pelo grupo: “desenvolver uma visão comum acerca do rumo a ser tomado pelo mundo em transição da guerra fria e na passagem da humanidade ao século XXI” (prefácio XV).

Seus capítulos percorrem questões centrais do mundo nos últimos cinquenta anos, a partir de 1945, com suas mudanças, seus problemas e desafios, mas também com a esperança de um futuro melhor. A leitura é global, com propostas globais, sem desconsiderar os interesses e as peculiaridades regionais e nacionais de cada povo.

O livro é esboçado em sete grandes capítulos (um novo mundo; valores da comunidade global; a segurança; interdependência econômica; a reforma das Nações Unidas; o fortalecimento do império da lei no plano mundial; convite à ação), desdobrados em vários subtítulos. Destes, procurei destacar alguns que abordam tópicos que me chamaram atenção, mais diretamente relacionados com os temas que procuro enfatizar, quais sejam: a globalização, o neoliberalismo, as pessoas e a sociedade:

O conceito de governança global – que incita à busca de “trabalhar em conjunto e usar o poder coletivo para criar um mundo melhor”. E que valoriza, portanto, o coletivo em contraposição ao neoliberalismo que estimula o individualismo.

O fenômeno da mudança – que apresenta de modo mais sucinto o que Toffler desenvolve no seu livro *O choque do futuro*.

* COMISSÃO SOBRE GOVERNANÇA GLOBAL. *Nossa comunidade global*: relatório da Comissão sobre Governança Global. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

A globalização – que enfatiza sua relação com a integração dos mercados globais e a emergência de novos modelos de crescimento econômico (aqui eu situo o neoliberalismo).

Tendências econômicas – que destaca: “o extraordinário desempenho de vários países em desenvolvimento encobriu o aumento inexorável da pobreza” e descreve o crescimento do setor privado como força propulsora do desenvolvimento do pós-guerra, mas que transformou os conglomerados transnacionais em estruturas de poder superiores aos de muitos Estados, neutralizando o poder moderador dos Estados na defesa dos desafortunados.

Valores da comunidade – que são os aspectos, a meu ver, mais atingidos pelo neoliberalismo, por sua incitação ao consumismo, à competitividade e ao individualismo.

Ética civil global – que afirma: “a longo prazo, os direitos só serão preservados se forem exercidos com responsabilidade e com o devido respeito aos direitos recíprocos dos demais”, o que, a meu ver, vem na contramão do que o neoliberalismo estimula.

Desafios à governança global – que afirma: “a estabilidade exige um equilíbrio cuidadosamente engendrado entre a liberdade dos mercados e a provisão dos bens públicos”. Isto está ligado aos argumentos de Soros quanto à necessidade de regulamentação e controle dos mercados e quanto à necessidade de exercício do poder moderador pelos Estados.

Sociedade civil global – que propõe uma abertura da Organização das Nações Unidas – ONU para as pessoas e suas organizações, ou seja para a sociedade civil. Na verdade, a maioria dos organismos internacionais defende os interesses dos grupos economicamente privilegiados, em detrimento das populações marginalizadas pela pobreza.

Globalização: as consequências humanas*

Bauman, sociólogo polonês, com vasta produção literária, reflete sobre a globalização e suas consequências humanas, buscando, como diz, provocar questionamentos, antes que formular soluções e adverte que um dos problemas da civilização contemporânea é não se questionar.

O livro aponta como a globalização une e divide ao mesmo tempo, na medida em que amplia para alguns a mobilização (e, nesse sentido, a vivência da globalização), porquanto deixa muitos na imobilidade, na incapacidade de se deslocarem dos seus lugares de origem. Mostra como a globalização tem propiciado e existência de pessoas que habitam o “andar de cima” dos benefícios e privilégios que ela propicia, porquanto muitos outros permanecem no “andar de baixo”, tantas vezes sem acesso aos bens mínimos a uma sobrevivência digna. Por outro lado, evidencia alguns aspectos da globalização que parecem atingir a todos, embora de formas diversas, como a insegurança e a incerteza.

Bauman destaca os efeitos demolidores da globalização sobre a capacidade decisória dos governos estatais, efeitos esses que, a meu ver, são acentuados pela ideologia neoliberal, pela desproporcional concentração de renda em poucas pessoas ou empresas e a pressão que exercem sobre os governos com vistas à satisfação de um insaciável desejo de poder.

* BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

Saber cuidar*

Leonardo Boff, professor de teologia e filosofia, aborda em seu livro o cuidar como ato essencial à vida, seja o cuidado com o corpo e com o espírito, seja com a sociedade e a Terra e destaca a falta de cuidado como estigma do nosso tempo. Saber cuidar serviu-me de ponte quando, por ocasião do meu doutorado, desenvolvi a tese: *Quem cuida do cuidador*. Ali, aprofundei-me nos estudos sobre Winnicott, pediatra e psicanalista inglês, que desenvolveu uma teoria da personalidade com base nos cuidados que o ambiente (e particularmente a mãe) oferece ao bebê, como fonte principal de estruturação da personalidade. Embora naquela ocasião meu foco tenha se voltado para os profissionais de saúde, agora volto-me para as pessoas em geral, que vivemos numa sociedade carente de cuidado, em que estamos perdendo a noção de respeito ao outro e a própria percepção do ser que somos, atacada, aluída e dissolvida pelo culto à competição e ao consumo e pelo lucro ilimitado, que faz só olhar para o próprio umbigo, numa postura impessoal e individualista. Como diz Boff, é preciso mudar o paradigma do ter pelo paradigma do cuidar.

* BOFF, Leonardo. *Saber cuidar*. Petrópolis: Vozes, 2004.

A globalização e seus malefícios*

Stiglitz narra, neste livro, sua experiência de economista acadêmico vivenciando cargos políticos, seja no governo dos Estados Unidos, seja no Banco Mundial. E, sem dizê-lo explicitamente, mostra como teoria e prática são diferentes, sobretudo quando atravessadas por ideologias ou interesses pessoais. Assim é que, não obstante afirmar sua crença nos benefícios da globalização, do capitalismo e da livre iniciativa, aponta sua grande falha que é não estender tais benefícios aos países menos desenvolvidos e às suas populações mais pobres. Pontua, num dado momento, as assimetrias de informação e se declara triste “diante da hipocrisia demonstrada pelas instituições, pelo FMI e pelo Departamento do Tesouro norte americano, organizações que haviam enfatizado a necessidade de transparência no Leste Asiático e estavam entre as menos transparentes que encontrei na minha vida pública”.

Em tese, Stiglitz aponta para a necessidade de uma postura dos governos e das instituições internacionais efetivamente mais preocupadas com as populações pobres e os países menos desenvolvidos, criando regras que ajam de forma reguladora sobre os mercados, no sentido de garantir uma mais justa distribuição dos recursos. E diz: “No mundo de hoje, tais regras devem ser criadas por meio de processos democráticos; regras seguidas por órgãos e autoridades do governo precisam garantir que são criteriosas e que atenderão aos desejos e às necessidades de todos aqueles afetados por políticas e decisões tomadas em lugares distantes”.

* STIGLITZ, Joseph. *A globalização e seus malefícios*. São Paulo: Futura, 2002.

O horror econômico*

Viviane Forrester é romancista, ensaísta e crítica literária do jornal *Le Monde*. Sua linguagem é dura, áspera, contundente, bem de acordo com o título do seu livro, e reveladora de um espírito crítico e indignado com uma ideologia e um sistema econômico cada vez mais totalitário e terrificante (para usar expressões suas) que é o neoliberalismo, com seu culto à livre circulação do mercado e ao lucro insaciável.

A tese principal de Forrester é o fim do trabalho (ou do emprego) substituído pelas máquinas e pelo ritmo alucinante da competitividade que induz as empresas (sequiosas de lucro) a reduzirem seus quadros de empregados e a exigir dos que ficam, metas cada vez mais amplas de produção (e de lucro).

De forma indignada, Forrester denuncia os discursos e as atitudes falaciosas que, em nome da geração de empregos, na verdade beneficiam (e cada vez mais) o pequeno grupo de indivíduos, donos de empresas cada vez maiores, determinadas a garantir e ampliar seus lucros de qualquer maneira. Forrester argumenta que a massa de desempregados, desprovida de recursos mínimos para uma sobrevivência digna, vai sendo excluída da sociedade e dos prazeres e confortos que a propaganda difunde e, aparentemente, põe à disposição de todos. Mais do que isso, infunde nessas pessoas o sentimento de serem fracassadas ou inúteis, impedindo-as de vê-las como na verdade são: vítimas de um sistema socioeconômico cruel. Diz ela que pouco falta para que essa enorme quantidade de pessoas, alijadas socialmente pela falta de trabalho, passem a ser consideradas supérfluas e, portanto, passíveis de eliminação.

A autora afirma acreditar na democracia como forma de se defender o direito das pessoas desempregadas à vida, mas

* FORRESTER, Viviane. *O horror econômico*. São Paulo: UNESP, 1997.

questiona o que chama de “violência da calma” (título de um outro livro seu), gerada pela ação sistemática dos agentes que detêm o poder, buscando fazer crer que o sistema econômico praticado é o melhor e que a responsabilidade em relação aos desempregados é deles próprios.

A armadilha da globalização: o assalto à democracia e ao bem-estar social*

Os dois jornalistas alemães, Hans Peter Martin e Harald Schumann, iniciam o livro descrevendo a reunião ocorrida em 1996, em San Francisco – Califórnia, a convite de Mikhail Gorbachev que recepcionou cerca de 500 cientistas e líderes empresariais ou políticos por ocasião da inauguração da Fundação Gorbachev, com o objetivo de apontar caminhos para o século XXI, “rumo a uma nova civilização”.

Ali foi dito que 20% da população em condições de trabalho bastarão para manter o ritmo da economia mundial. Os demais ficarão sem emprego algum. Tal fato, para os autores, é consequência da ascensão do neoliberalismo. Para eles, a liberalidade econômica e seus princípios: desregulamentação, liberalização do comércio e do fluxo de capitais e privatização das empresas estatais, tornaram-se dogmas como diretrizes da política para os governos do Ocidente. Tal política vem fomentando a liberdade do capital que passou a circular sem quaisquer limites, estabelecendo a ditadura do mercado, que corroe os alicerces do Estado e a estabilidade democrática, com o beneplácito dos governos e seus parlamentos.

Com detalhes, o livro descreve os impactos da globalização e do neoliberalismo, focando sobretudo o crescimento

* MARTIN, Hans Peter; SCHUMANN, Harald. *A armadilha da globalização*. São Paulo: Globo, 1998.

da massa de trabalhadores desempregados e a decadência e soberania dos governos nacionais, como instrumentos de defesa dos direitos básicos de suas populações. Cada vez mais, os benefícios do neoliberalismo recaem sobre os dirigentes de empresas e os investidores de capitais e cada vez menos sobre a maioria da população.

A consequência temida é a perda do estado democrático e social, com o ressurgimento de regimes autoritários e a multiplicação de conflitos armados. Segundo os autores, “a tarefa mais nobre dos líderes democráticos, no limiar do século XXI, será restaurar o Estado e restabelecer o primado da política sobre a economia. Se isso não acontecer, a integração dramaticamente rápida da humanidade pela tecnologia e pelo comércio em breve levará ao polo oposto, causando um curto-circuito global”.

Sociedade justa*

Promover uma sociedade justa que reduza o fosso entre pobres e ricos é a tese central deste livro escrito por John Kenneth Galbraith, professor emérito de economia na Universidade de Harvard. Para o autor, a sociedade justa a que se refere deve ser a alcançável e não a perfeita, visto que esta é impossível. Assim ele descreve o que seria a sociedade justa: “na sociedade justa, todos os cidadãos devem desfrutar de liberdade pessoal, de bem-estar básico, de igualdade racial e étnica, de oportunidade de uma vida gratificante”.

Galbraith propõe o “juízo prático” como forma de promover a sociedade justa sem radicalismo contra ou a favor do público ou do privado, do capital ou do trabalho. E parece

* GALBRAITH, John Kenneth. *A sociedade justa*. Rio de Janeiro: Campus; 1996.

se dirigir sobretudo aos ricos ou afortunados a quem caberia a iniciativa de reduzir a enorme distância social e econômica que os separa dos pobres. Argumenta ele que os ricos têm influência e dinheiro e, por isso, promovem a democracia que lhes convêm, esquecendo-se ou desconsiderando os direitos das pessoas pobres a uma vida digna. Sua conclamação apela para dois argumentos: a compaixão ou preocupação com os desafortunados e também o interesse prático pois que, no seu entender, uma sociedade desigual é fonte geradora de instabilidade e violência.

No decorrer do livro, algumas medidas são propostas na direção da sociedade justa, como regulação da atividade econômica; tributação progressiva de acordo com a renda; garantia de emprego para todos; acesso à Educação; garantia de salário mínimo socialmente adequado.

Galbraith discute as pressões exercidas pelas empresas comerciais internacionais ou mesmo por indivíduos contra as medidas de garantia do bem-estar social e defende a ação do Estado como necessária à defesa das pessoas pobres ou vulneráveis socialmente. Comenta, todavia, que se espera que o Governo seja eficaz, estável e honesto.

O autor afirma que o passo decisivo rumo a uma sociedade justa é tornar a democracia genuína, inclusiva.

Embora em linhas gerais o pensamento de Galbraith se aproxime das minhas reflexões, senti falta de uma discussão mais aprofundada acerca da oferta de empregos para todos, como o fazem, por exemplo, Viviane Forrester, Hans Peter Martin e Harald Schumann, bem como das ações do FMI e Banco Mundial que, segundo Stiglitz, não beneficiam os mais pobres.

A arte de reduzir as cabeças*

Dufour, um filósofo, professor de ciências da educação na Universidade Paris VIII, nos apresenta uma densa e preocupante argumentação acerca dos efeitos do neoliberalismo sobre o homem, ao destituí-lo dos seus valores simbólicos em troca do império da mercadora, tornada o único “valor” a ser procurado e defendido.

Argumenta Dufour que o novo capitalismo vem gradativamente e astutamente solapando todo e qualquer valor simbólico que seja obstáculo à livre circulação das mercadorias, levando-nos no caminho de um “homem novo”, liberado de toda ligação a valores. Por isso, qualquer instituição ou regulamentação moral ou social que se interponha entre os indivíduos e as mercadorias é mal vista e combatida.

Dufour sustenta que o homem sempre esteve referido a um Outro simbólico que lhe emprestava sentido, como a religião, o patriarcado, a família, a nação. A queda desses Grandes Sujeitos, como ele nomeia, poderia representar a liberdade e o acesso à autonomia do indivíduo. Todavia, o que o neoliberalismo oferece e induz é a submissão a um novo Grande Sujeito: a mercadoria, através da renúncia a qualquer forma de limite, inclusive o da preocupação em relação aos outros e a si mesmo, transformado também em mercadoria.

A esse fato Dufour chama a arte de reduzir as cabeças e afirma ser a nova servidão na sociedade ultraliberal. O homem é, em última análise, destituído de si mesmo, do seu ser, em troca do ter, que se torna a razão de existir. Segundo ele, vivemos na época da fabricação de um “novo homem”, de um sujeito acrítico e psicotizante, que corre o risco de perder o

* DUFOUR, Dany-Robert. *A arte de reduzir as cabeças*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

próprio ser. Estaríamos diante de uma verdadeira mutação antropológica.

Dufour conclui seus argumentos afirmando: “A hora não é, para mim, nem para um otimismo idiota, o do impaciente que se regozija muito rápido com a desterritorialização, operada pela mercadoria e pela perda dos ídolos, nem para um pessimismo nostálgico pelos tempos definitivamente acabados. Se há um imperativo categórico hoje, é o da resistência diante da instalação do capitalismo total”.

Era dos extremos*

Eric Hobsbawm, historiador nascido no Egito, fez seus estudos em Viena, Berlim, Londres e Cambridge. Sua obra cativa por ser um relato histórico denso, rico em dados quantitativos, mas escrito por um “observador participante”, como ele postula, por estar discorrendo sobre sua própria época de vida. No decorrer do século XX acompanhamos mudanças políticas e econômicas drásticas, atravessadas por duas guerras mundiais, sucedidas pela guerra fria entre Estados Unidos e União Soviética, na defesa de suas ideologias: capitalismo e comunismo. As vicissitudes e os extremos vivenciados pelo mundo no decorrer desse século são detalhadas e criteriosamente analisadas por Hobsbawm, através de três fases que ele denomina: catástrofe, era de ouro e desmoronamento.

O relato de Hobsbawm termina em 1991, pouco depois da queda do muro de Berlim e antevê um futuro de perplexidade, de temor e de incertezas, pela proliferação de guerras locais ou regionais, pelo enfraquecimento dos Estados-nações

* HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

e pelo alargamento do fosso entre as partes ricas e pobres do mundo.

Assim conclui o autor: “Vivemos num mundo conquistado, desenraizado e transformado pelo titânico processo econômico e tecnocientífico do desenvolvimento do capitalismo, que dominou os dois ou três últimos séculos. Sabemos, ou pelo menos é razoável supor, que ele não pode prosseguir *ad infinitum*. O futuro não pode ser uma continuação do passado, e há sinais, tanto externamente quanto internamente, de que chegamos a um ponto de crise histórica. As forças geradas pela economia tecnocientífica são agora suficientemente grandes para destruir o meio ambiente, ou seja, as fundações materiais da vida humana. As próprias estruturas das sociedades humanas, incluindo mesmo algumas das fundações sociais da economia capitalista, estão na iminência de ser destruídas pela erosão do que herdamos do passado humano. Nosso mundo corre o risco de explosão e implosão. Tem de mudar.”

A sociedade da decepção *

Gilles Lipovetsky, filósofo francês, publicou seu primeiro livro em 1883, com o título: “A era do vazio – Ensaios sobre o individualismo contemporâneo”. Desde então, vem se dedicando à reflexão sobre a sociedade moderna, pós-moderna e hiper-moderna. Seu pensamento tem oscilado entre o otimismo e o pessimismo, muito em função das drásticas e aceleradas mudanças que o mundo atual se nos apresenta, mas também por se mostrar aberto às contradições que parecem acompanhar a natureza humana.

* LIPOVETSKY, Gilles. *A sociedade da decepção*. Entrevista coordenada por Bertrand Richard; Tradução: Armando Braio Ara. Barueri, SP: Manole, 2007.

Lipovetsky, neste seu livro: “A sociedade da decepção”, dá ênfase ao hiperconsumismo e à busca pelo novo, que, se por um lado abre perspectivas sem precedentes com relação à posse de bens materiais e à realização pessoal, parece romper com as barreiras e obstáculos de natureza subjetiva (ou valorativa), dando-nos a sensação de tudo poder e nos estimulando a tudo desejar. Segundo o autor, o movimento de liberação observado na sociedade nas últimas décadas do século passado, tornou os indivíduos mais livres em relação às imposições coletivas propiciando uma visão otimista que ele expressou nos primeiros livros. Todavia, à emancipação individual seguiu-se, na sua opinião, um mal-estar subjetivo conseqüente à interposição dos obstáculos para se viver. Para Lipovetsky, a expressão da liberdade e do individualismo provocou nos indivíduos a exacerbação de desejos a realizar, ampliando a dicotomia entre expectativa e realidade, e o inevitável sentimento de decepção entre tantos desejos sonhados e sua limitada possibilidade de concretização. A crescente desigualdade social, a redução das garantias sociais e os impactos ecológicos negativos arrefeceram a crença de um mundo cada vez melhor, gerando insegurança, insatisfação e até revolta.

Paralelamente à liberação individual, ocorreu o enfraquecimento dos dispositivos religiosos de socialização que funcionavam, no mínimo, como refúgio às inevitáveis frustrações do cotidiano. Outro aspecto destacado pelo autor se refere ao enfraquecimento do poder público e à descrença pelo discurso político. Talvez, como alternativa, os mecanismos de atenuação da frustração tenham se transferido para a entrega ao consumismo e às mudanças.

O autor acredita que, apesar da decepção, existem ainda “muitos outros projetos e resoluções tendentes a acalantar a existência e a inspirar belos ideais. A criação, a pesquisa científica, as descobertas científicas e tecnológicas, a busca pessoal da felicidade, inserem-se nesse rol... Não são poucas

as aspirações capazes de dar sentido à existência: a dedicação às causas humanitárias; o impacto de gerar, educar e formar a família; o surgimento de formas de trabalhar que promovam desenvolvimento humano”. E afirma textualmente: “o neoliberalismo não conseguiu derrubar a base de sustentação dos valores democráticos e humanistas”

Lipovetsky conclui dizendo que a sociedade consumista passará e advirá uma democracia pós-consumista, plantada na liberdade, responsabilidade, fé, tolerância e autonomia e chegaremos a isso não por virtude, mas por necessidade.

Referências bibliográficas

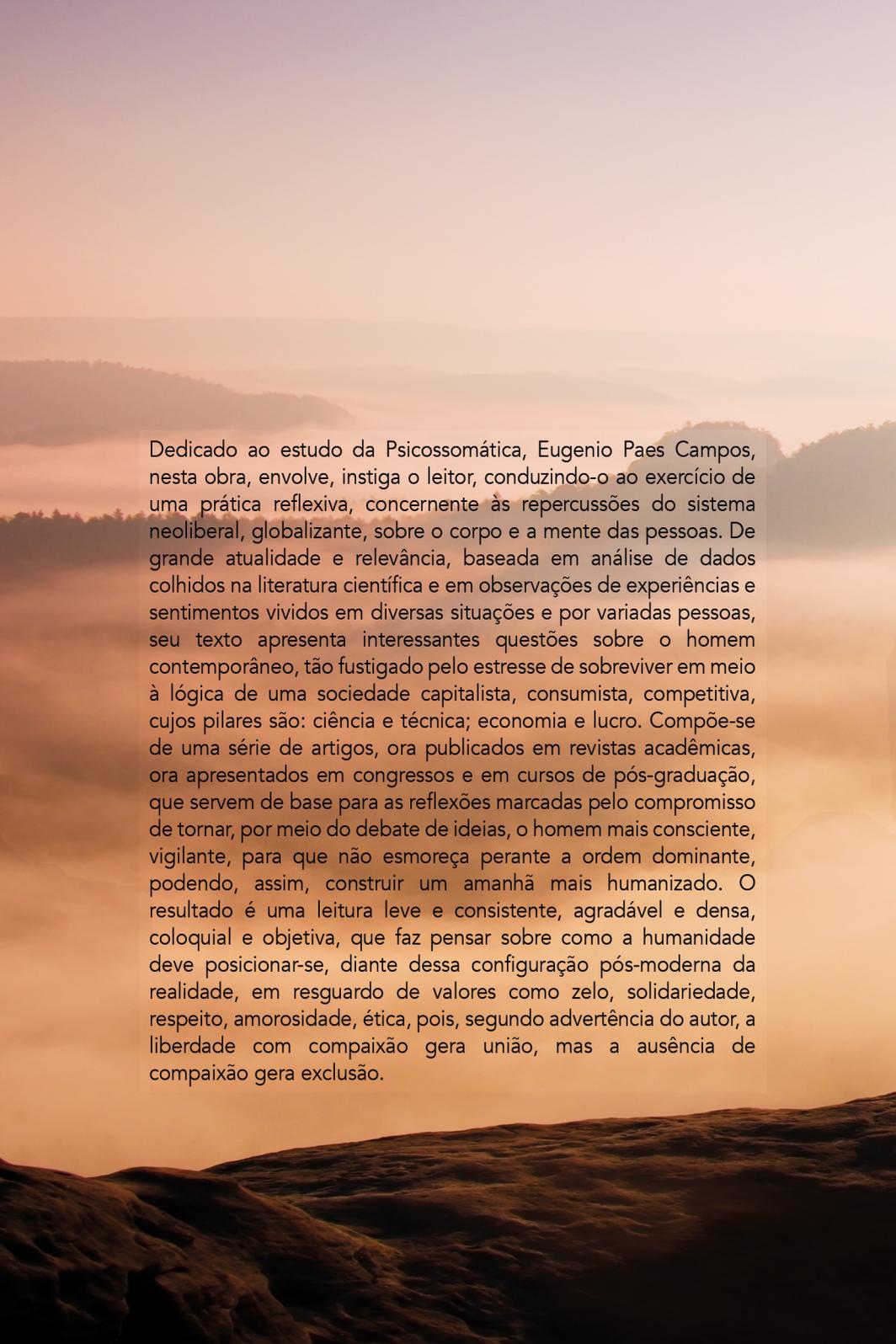
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BERTALANFFY, Ludwig. *Teoria geral dos sistemas*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CAMPOS, Eugenio Paes. *Quem cuida do cuidador*. 2ª ed. Teresópolis/São Paulo: Unifeso/Pontocom, 2016.
- COBB, Sidney. Social support as a moderator of life stress. *Psychosomatic Medicine*. v. 38, n° 5, p. 300-14, 1976.
- COMISSÃO SOBRE GOVERNANÇA GLOBAL. *Nossa comunidade global: relatório da Comissão sobre Governança Global*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. *Desafios Éticos*. Brasília: CFM, 1993.
- CORTELLA, Mario Sergio. *Não nascemos prontos: provocações filosóficas*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- DRESSLER, D. *et al.* Core competencies in hospital medicine: development and methodology. *Journal of Hospital Medicine*. New Jersey, v. 1, n° 1, p. 48-56, 2006.
- FORRESTER, Viviane. *O horror econômico*. São Paulo: UNESP, 1997.
- GALBRAITH, John Kenneth. *A sociedade justa*. Rio de Janeiro: Campus, 1996.
- GROEN, J.J. Social change and psychosomatic disease. In LEVI, Lennart. *Society, stress and disease*. London: Oxford University Press, 1971.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- IANNI, Octavio. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- KARSCH, Ursula. Novas Tendências das políticas de saúde no mundo. *Acta Fisiátrica*. São Paulo, v. 3, nº 2, p. 27-29, 1996.
- KOHUT, Heinz. *Self e narcisismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.
- KONDER, Leandro. *Os sofrimentos do "homem burguês"*. São Paulo: SENAC, 2000.
- MARINO JR., Raul. *Fisiologia das Emoções: introdução à neurologia do comportamento, anatomia e funções do sistema límbico*. São Paulo: Sarvier, 1975.
- MARTIN, Hans Peter; SCHUMANN, Harald. *A armadilha da globalização*. São Paulo: Globo, 1998.
- MC QUEEN, David e CELENTANO, David. Social factors in the etiology of multiples ontcomes: the case of blood pressure and alcohol consumption patternes. *Social Science & Medicine*, v. 16, nº 4, p. 397-418, 1982.
- SELYE, Hans. *Stress: a tensão da vida*. São Paulo: IBRASA, 1965.
- STIGLITZ, Joseph. *A globalização e seus malefícios*. São Paulo: Futura, 2002.
- TOFFLER, Alvin. *O choque do futuro*. São Paulo: Artenova, 4. ed., 1970.
- _____. *A terceira onda*. Rio de Janeiro: Record, 1980.
- WINNICOTT, Donald. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.



Consulte nosso catálogo e faça
download gratuito de todos os e-books

www.editorapontocom.com.br



Dedicado ao estudo da Psicossomática, Eugenio Paes Campos, nesta obra, envolve, instiga o leitor, conduzindo-o ao exercício de uma prática reflexiva, concernente às repercussões do sistema neoliberal, globalizante, sobre o corpo e a mente das pessoas. De grande atualidade e relevância, baseada em análise de dados colhidos na literatura científica e em observações de experiências e sentimentos vividos em diversas situações e por variadas pessoas, seu texto apresenta interessantes questões sobre o homem contemporâneo, tão fustigado pelo estresse de sobreviver em meio à lógica de uma sociedade capitalista, consumista, competitiva, cujos pilares são: ciência e técnica; economia e lucro. Compõe-se de uma série de artigos, ora publicados em revistas acadêmicas, ora apresentados em congressos e em cursos de pós-graduação, que servem de base para as reflexões marcadas pelo compromisso de tornar, por meio do debate de ideias, o homem mais consciente, vigilante, para que não esmoreça perante a ordem dominante, podendo, assim, construir um amanhã mais humanizado. O resultado é uma leitura leve e consistente, agradável e densa, coloquial e objetiva, que faz pensar sobre como a humanidade deve posicionar-se, diante dessa configuração pós-moderna da realidade, em resguardo de valores como zelo, solidariedade, respeito, amorosidade, ética, pois, segundo advertência do autor, a liberdade com compaixão gera união, mas a ausência de compaixão gera exclusão.